

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

IRINA NATSUMI HIRAOKA MORIYAMA

**ARTESÃOS NÔMADES, MALUCOS DE BR, APANHADORES DE SONHOS:
Singularidades na produção do cuidado**

**VITÓRIA-ES
2017**

IRINA NATSUMI HIRAOKA MORIYAMA

**ARTESÃOS NÔMADES, MALUCOS DE BR, APANHADORES DE SONHOS:
Singularidades na produção do cuidado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva – Área de concentração: Política e Gestão em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

VITÓRIA-ES
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do
Espírito Santo, ES, Brasil)
Bibliotecário: Rafael Lima de Carvalho – CRB-6 MG-002926/O

M862a Moriyama, Irina Natsumi Hiraoka, 1989 -
Artesãos nômades, Malucos de BR, Apanhadores de sonhos:
Singularidades na produção do cuidado / Irina Natsumi Hiraoka Moriyama -
2017.
139 f. : il.

Orientador: Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências da Saúde.

1. Nômade. 2. Promoção da Saúde. 3. Conhecimento. I. Figueiredo,
Túlio Alberto Martins de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
de Ciências da Saúde. III. Título.

CDU: 614

IRINA NATSUMI HIRAOKA MORIYAMA

ARTESÃOS NÔMADES, MALUCOS DE BR, APANHADORES DE SONHOS:

Singularidades na produção do cuidado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva na área de concentração Política e Gestão em Saúde.

Aprovada em 09 de junho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof^a. Dr^a. Aissa Afonso Guimarães
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Permanente Externo

Prof^a. Dr^a. Eliana Zandonade
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Permanente Interno

Prof. Dr. Gustavo Moura de Cavalcanti Mello
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente Externo

Prof. Dr. Aduino Emmerich Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente Interno

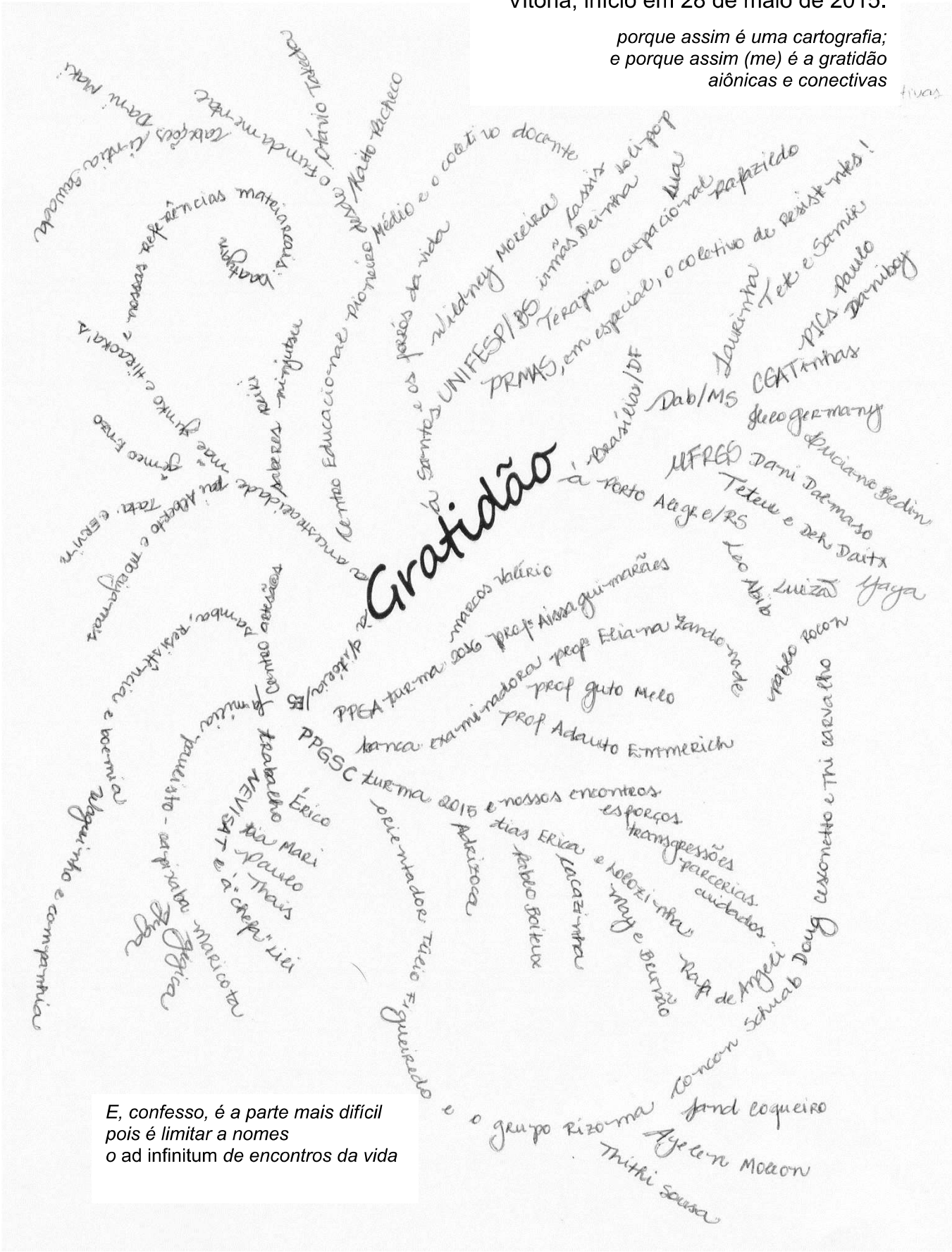
Ao/as Apanhadore/as de sonhos
que nos possibilitam mais que sonhar:
materializam afetos.

AGRADECIMENTOS RIZOMÁTICOS

Vitória, início em 28 de maio de 2015.

porque assim é uma cartografia;
e porque assim (me) é a gratidão
aiônicas e conectivas

tivas



E, confesso, é a parte mais difícil
pois é limitar a nomes
o ad infinitum de encontros da vida

CARTA DE AGRADECIMENTOS AO ORIENTADOR

Vitória, início em 16 de dezembro de 2015.

Caro e estimado orientador,
(porque a ti, vale mais que um agradecimento)

Não sei se te lembras que soube de ti por acaso que esta vida nos proporciona. Eu, em meus desejos de aprofundamento na esquizoanálise, havia recém me estabelecido pelas bandas desta cidade quando decidi que o próximo passo da minha formação profissional seria um mestrado:

Grata surpresa ao saber que havia um Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e, mais ainda, uma linha de pesquisa em Análise Institucional e Esquizoanálise!

"De campanário a campanário, a 'águia' chegou a Paris! Lembre-se, temos um campanário na igreja do CCS bem pertinho da sala de Alice [nome substitutivo]. Ah, como eu gosto do acaso!!! Até sexta-feira. Beijão, Túlio". Este foi um dos e-mails que me mandastes quando estávamos a submeter o projeto ao CEP, tu te lembras? Significa-me muito, pois expressa tua poética no cuidado na construção das relações e da tua leveza na vida.

E o processo seletivo!? - risos! E suspiros... - Um projeto todo *en-quadrado*, onde o máximo que eu consegui direcionar para o institucionalismo foi: "Objetivo geral: Cartografar processos de Educação Permanente na Atenção Primária em Saúde com a temática Saúde do Trabalhador."...

Nem sei que impressão tiveste de mim, caro orientador. O que eu sei é que agradeço tu teres apostado na minha pessoa! Teu acolhimento em momentos *stricto* ou *lato*, teu respeito aos meus

tempos e imaturidades, tua valorização nos meus saberes e viveres...

É o que Eduardo Passos nos diz da relação paradoxal com o corpo, quando este faz do mundo seu pertencimento. Foi tua leveza e bondade e respeito e cuidado e compreensão e experiência e conhecimento e muitos outros e's que compuseram parte do meu corpo devir mestranda-pesquisadora. Em campo, em sala de aula e na relação com as pessoas, dentro e fora da universidade.

É por isso que o agradecimento necessita ser maior que uma breve referência em uma das primeiras páginas do trabalho, porque os aprendizados foram para a vida. Foi poder viver o devir cartográfico esquizoanalista, onde o afeto se afirmou (e se afirma) revolucionário!

Lembro-me de meus primeiros encontros no Rizoma, o grupo de pesquisa (que assim o chamamos para que as pessoas saibam que também sabemos brincar diante de certas regras im-postas pela cientificidade) coordenado por ti. Eu via e conhecia todas aquelas pessoas, das mais variadas idades e estilos e profissões e gêneros - enfim, multiplicidades. Toda essa gente sempre numa postura de admiração e carinho por ti, e eu ficava a pensar: "O que será que este professor tem, minha gente? "

Ainda não tenho a resposta para esta pergunta. Tenho várias, na realidade, e nenhuma com a pretensão de ser única. E, mais importante que estas respostas, é que hoje me vejo compondo esse grupo de pessoas que tanto te admira e respeita.

Não tenho a pretensão de lançar ao papel e ao público expressões meramente formais ou de "bom tom" acerca de ti, e nem criar uma relação romantizada de supremacia de apenas e tão-somente bons encontros. Este último seria transcendente a dois seres humanos como nós. Não nos pertenceria. Ainda não chegamos ao estado de Além-homens (/mulheres), não é mesmo?

Afirmo, contudo, que nos foi possível muita construção! Desbravamos os mares da Malucada Apanhadora de sonhos. Tu topaste, te interessaste e te dedicaste a esta empreitada! Sinto-sei que as ressonâncias tão positivas do exame de qualificação do projeto, bem como a presença e composição da banca, em muito têm a ti como razão para terem embarcado conosco.

E despeço-me aqui registrando tua comemoração de aniversário, caro orientador. Espero que com a tua licença em compartilhar este momento...

Como disse Thiago de Sousa Lima: "Um homem que fez jardim até em berinjelas, pode ter certeza que já plantou muita flor em nossos corações"! E, fruto disto que tu plantas, são esses amores que recebes. Sob a forma de palavras, olhares, abraços, sorrisos, presentes, cafés quentinhos e... festa surpresa!

Como questionar, com isso, a objetividade de uma vida que é atenta e se permite aos encontros e afetações?! - cartografia. Isto é a objetividade de uma cartografia, é isso que uma cartografia pode: corporificar afetos e desejos de bem-querer, fortalecendo aqueles a quem bem-queremos!

Não pude estar presente no momento, mas depois, quando pedi para tu me contares como havia sido, disseste-me estar surpreso por ter tão pouco a oferecer e receber tanto.

Humildade... Carinho... Amor... Sabedoria... Respeito... Esses são alguns dos valores que tu me/nos ensinas em teu caminhar. O qual sabemos tão pouco de tuas dores e colhemos tanto de teus amores.

Gratidão, Túlio san!

**Com afeto,
Irina san**

Tentar fazer dos acontecimentos
cotidianos
um caminho para o conhecimento
(e transformação de si).

Rene Lourau, 1993

BIOGRAFIA

Irina Natsumi Hiraoka Moriyama, descendente de imigrantes japoneses em sua terceira geração (*sansei*), nasceu em 25 de janeiro de 1989, na cidade de São Paulo-SP.

Em 2007, ingressou no curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo *campus* Baixada Santista (UNIFESP/BS), em Santos-SP, e iniciou sua aproximação com a Saúde Coletiva ao longo da grade curricular obrigatória e por meio da participação em projetos de extensão universitária com crianças em vulnerabilidade social no Centro Histórico de Santos. De 2008 a 2009, foi monitora de Anatomia no eixo biológico. Formou-se em 2010.

De 2011 a 2013, foi residente no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde (PRMAS) na UNIFESP/BS, onde obteve experiência e formação teóricas, práticas e políticas na Atenção Primária e Hospitalar, e universidade. Em 2012, fez o estágio optativo no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), centralizado em Porto Alegre-RS.

De 2013 a 2014, realizou sua formação em serviço atuando no Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde (DAB/SAS/MS) pelo Curso de Especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde da UFRGS, em Brasília-DF.

Desde 2014, ocupa o cargo efetivo de terapeuta ocupacional no Núcleo Especial de Vigilância em Saúde do Trabalhador na Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo (NEVISAT/SESA-ES), em Vitória-ES.

Em 2015, iniciou o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGSC/UFES) e o curso de especialização em Saúde do Trabalhador pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM).

Em 2016, foi professora substituta no Departamento de Terapia Ocupacional da UFES.

Apresentou e defendeu sua dissertação em 2017.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma cartografia que acompanhou, durante dois meses e meio, artesão e artesãs nômades pelo município de Vitória-ES, com maior intensidade na Praça Costa Pereira, no Centro Histórico da cidade. Artesãos e artesãs nômades, aqui também denominado/as por *Maluco/as de Estrada* (ou *de BR*) ou *Apanhadore/as de sonhos*, apresentam formas de resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI) - expressão/ conceito esquizoanalítico que agrega valores e ideias ao conceito de capitalismo de fundamento marxista -, apresentando-se, portanto, como produtores/as de uma ecossociedade. E, tratando-se de um coletivo nômade, eventualmente, este pode requerer atenção à sua saúde cujos agenciamentos, no sentido de se apoderar de tal atenção, não se enquadram na lógica de territorialidade da saúde. O trabalho de campo é relatado a partir dos encontros com sete artesão/ãs, por meio dos quais foi possível refletir acerca da produção do cuidado em saúde a partir dos modos de vida desse/as artesão/ãs. A pesquisa é fundamentada pelo referencial teórico da esquizoanálise e, tal qual o movimento nômade (do/as artesão/ãs e do pensamento), apresenta seu conteúdo de modo a permitir o fluxo de ideias mais do que um enquadramento ao padrão hegemônico-normativo do universo científico. A escrita, sob o formato de cartas, é um convite ao diálogo e reflexão “para todos e para ninguém”. Destinadas à Dirce, personagem conceitual com quem a autora compartilha seu(s) processo(s) de produção e significação do conhecimento acerca da saúde e da produção de cuidado, as cartas versam sobre conceitos da esquizoanálise e suas fontes de inspiração, relatam os encontros com o/as artesão/ãs nômades e registram as reflexões geradas a partir desses encontros. Este trabalho apresenta os desvios ocorridos ao longo do processo desta pesquisa, afirmando-se cartografia; e intenta provocar o deslocamento/ desterritorialização e consequente desnaturalização de pensamentos e ações produzidas no/ pelo setor saúde, de modo a afirmar a singularidade e multiplicidade que compõem a população a ser atendida - universal e equitativamente - pelo/as profissionais da saúde.

Palavras-chave: Nômade; Promoção da Saúde; Conhecimento.

ABSTRACT

This work presents a cartography that accompanied, during a two and a half months, nomadic handicraftsmen/women in the city of Vitória-ES, with greater intensity in Praça Costa Pereira, in the Historical Center of the city. Nomadic Handicraftsmen/women, here also known as *Mads of Roads* (or of *BR*) or *Dreamcatchers*, present forms of resistance to Integrated World Capitalism (IWC) - a schizoanalytical expression/ concept that adds values and ideas to the concept of capitalism grounded by marxism -, thus presenting itself as producers of an ecosofy. Treating about a nomadic collective, eventually, they may require attention to their health whose agency, in the sense of seizing such attention, do not fit into the territoriality logic of health. The work is reported from the meetings with seven handicraftsmen/ women, through which it was possible to reflect on the production of health care from the ways of life of this artists. The research is based on the theoretical framework of schizoanalysis and, like the nomadic movement (of the handicraftsmen/ women and the thought), presents its content in order to allow the flow of ideas more than a framework to the hegemonic-normative standard of the Scientific universe. The writing, in the form of letters, is an invitation to dialogue and reflection "for everyone and for no one". Aimed at Dirce, a conceptual character with whom the author shares her process(s) of production and significance of knowledge about health and care production, the letters deal with concepts of schizoanalysis and its sources of inspiration, they report the meetings with the nomadic handicraftsmen/women and record the reflections generated from these meetings. This work presents the deviations occurred throughout the process of this research, affirming as a cartography; and tries to provoke the displacement/ deterritorialization and consequent denaturalization of thoughts and actions produced in/ by the health sector, in order to affirm the singularity and multiplicity that make up the population to be attended - universally and equitably - by health professionals.

Keywords: Nomad; Health promotion; Knowledge.

RESUMEN

En este trabajo se presenta una cartografía que acompañó durante dos meses y medio, artesanos y artesanas nómadas del ciudad de Vitória-ES, con mayor intensidad en la Plaza Costa Pereira, en el centro histórico de la ciudad. Los artesanos y artesanas nómadas, aquí también llamados/ as por *Malucos/as del camino* (o *BR*) o *Apanhadore/as de los sueños*, presentan formas de resistencia al Capitalismo Mundial Integrado (CMI) - expresión / concepto esquizoanalítico que añade valores e ideas para el concepto de capitalismo marxista -, presentando, por lo tanto, ya que los productores de una ecosofía. Y en el caso de un colectivo nómada, quizás, estos pueden requerir la atención a su salud cuyos conjuntos, para tomar posesión de tal atención, no cumplen con la lógica de la territorialidad de la salud. El trabajo de campo se informó de las reuniones con siete artesano/as, a través del cual fue posible pensar la producción atención a la salud de lo/as artesanos/as. La búsqueda se basa en el marco teórico de esquizoanálisis y, como el movimiento nómada (de lo/as artesano/as y del pensamiento), presenta su contenido para permitir el flujo de las ideas, más que a la norma hegemónica-regulador universo científico. La escritura, en forma de letras, es una invitación al diálogo y la reflexión "para todos y nadie". Dirigido a Dirce, carácter conceptual con el que la autora comparte su(s) proceso(s) de la producción y significación del conocimiento sobre la salud y el producción de el cuidado, las letras versam en conceptos de esquizoanálisis y sus fuentes de inspiración, informe reuniones con artesano/as nómadas y registrar las reflexiones generadas a partir de estas reuniones. Este artículo presenta las desviaciones que se produjeron durante el proceso de esta investigación, afirmándose una cartografía; y tiene la intención provocando el desplazamiento/ despojo y la consiguiente desnaturalización de los pensamientos y las acciones que se producen en el sector de la salud con el fin de afirmar la singularidad y multiplicidad que conforman la población a ser atendida - universal y equitativo - al lo/as profesionales de la salud.

Palabras clave: Nomad; Promoción de la Salud; Conocimiento.

SUMÁRIO

<u>1. CARTO-GRAFIA: A ESCRITA DE CARTAS A CAMINHO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE COLETIVA</u>	15
<u>Caminhos percorridos I: sobre Saúde Coletiva</u>	15
<u>Caminhos percorridos II: sobre <i>Apanhadore/as de sonhos</i></u>	20
<u>Carto-grafia: a escrita de cartas na produção de conhecimento</u>	29
<u>Encontro-grafias como modos para transdisciplinaridade</u>	34
<u>Caminhos a percorrer: <i>hódos-metá</i> para a produção de conhecimentos</u>	38
<u>2. DOS ACONTECIMENTOS EM CAMPO</u>	46
<u>O Expositor de Chão</u>	55
<u>A Encantadora de <i>Malucos</i></u>	67
<u>O Pai de Lola</u>	74
<u>O Tarólogo Confidente</u>	80
<u>O Designer Aposentado</u>	91
<u>A Mana Amazônica</u>	96
<u>O Pai de Família</u>	100
<u>3. IN-CONCLUSÕES RIZOMÁTICAS</u>	104
<u><i>Curriculum mortis</i></u>	108
<u>Produção do cuidado (em saúde?)</u>	114
<u>Desnaturalização da saúde prescritiva</u>	118
<u>Naturalização da morte</u>	122
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	130
<u>APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</u>	134
<u>APÊNDICE II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM</u>	135
<u>ANEXO I - ANUÊNCIA CCS</u>	136
<u>ANEXO II - AUTORIZAÇÃO CEP/CCS-UFES</u>	137

1. CARTO-GRAFIA: A ESCRITA DE CARTAS A CAMINHO DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM SAÚDE COLETIVA

Caminhos percorridos I: sobre Saúde Coletiva

A Saúde Coletiva enquanto fruto brasileiro do movimento da Reforma Sanitária nas décadas de 70 e 80 apresenta o conceito ampliado de saúde - que vai muito além da ausência de doenças -, incorporado no Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde presidida por Sérgio Arouca. Com isso, a saúde passa a ser incorporada legislativamente como “[...] resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde [...]”, sendo assim, “[...] resultado das formas de organização social da produção” (BRASIL, 1986, p.4).

Sendo resultado das formas de organização social, podemos compreender a saúde sob a perspectiva de um *constructo* social que, como explicita o referido relatório, “[...] não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistada pela população em suas lutas cotidianas” (BRASIL, 1986, p.4); processual, portanto.

Nesse processo, a busca dos protagonistas da Reforma Sanitária tem sido a de fazer operar este conceito na vida, em especial, nos setores saúde e educação, considerando que neles vivemos o exercício profissional e a formação para tal. E, na construção de conhecimentos, lutas, conquistas, discursos, posturas e práticas que possam subsidiar nosso(s) percurso(s) sanitaria(s), a Saúde Coletiva tem como fundamento o tripé Planejamento e Gestão - Epidemiologia - Ciências Sociais (NUNES, 2006; PAIM; ALMEIDA FILHO, 1998).

Assim, fazendo uso de conhecimentos do campo das Ciências Sociais, consideramos que “[...] só há real social” (ROLNIK, 2014, p.57), de modo que a realidade não está dada e é construída a partir da interação entre três linhas

presentes em todo e qualquer modo de produção de vida humana. As linhas: dos afetos, da simulação e da organização dos territórios existenciais.

A **linha dos afetos** “[...] emerge da atração e repulsa dos corpos, em seu poder de afetar e serem afetados [...], ela é um fluxo que nasce ‘entre’ os corpos” (ROLNIK, 2014, p.49), estes aqui denominados de corpos vibráteis; a **linha da simulação** “[...] faz um vaivém [...], que vai da invisível e inconsciente produção de afetos, para a visível e consciente composição de territórios. É o percurso do movimento de territorialização [...]” (ROLNIK, 2014, p.50), (re)conhecida em nossos corpos vibráteis sensíveis à movimentação dos afetos e afecções, como quando temos uma sensação de estranhamento que “[...] está sempre prestes, também, a oscilar na direção do encantamento, da imediatez do movimento de simulação [...]” (ROLNIK, 2014, p.50), é o momento em que um território existencial se cria em nós e ‘faz sentido’; e a **linha da organização dos territórios**, que nos é a mais visível, “[...] um plano concluído [...] que, em seu traçado, vai formando *constelações funcionais* de máscaras, territórios bem discriminados [...]. Os sujeitos (com sua classe, seu sexo, sua idade, sua profissão, sua raça, sua identidade...)” (ROLNIK, 2014, p.51-2, grifos da autora).

Dessa forma, essas linhas emaranhadas em sua interação, “[...] pode-se até dizer que *se trata de uma só linha*” (ROLNIK, 2014, p.53, grifos da autora). A partir do momento em que a realidade é composta de movimentos contínuos - no plano existencial - de território, desterritorialização e (re)territorialização, e assim sucessivamente. Sua força motriz é o encontro¹ com outros corpos - que não de nos afetar. Os corpos (territórios) afetados, iniciam o processo de desterritorialização e, assim que encontram sentido/ significação, produzem um novo corpo - a essa produção, denominamos territorialização.

¹ Os encontros aqui citados, também de concepção *spinozista*, são aqueles capazes de compor e decompor corpos, dando-lhes maior ou menor potência. Um bom encontro, uma paixão alegre, produz potência, compõe o(s) corpo(s) (SPINOZA, 2011). Um mau encontro ou uma paixão triste, reproduz modos hegemônicos e homogeneizantes de vida, produzindo impotência, decompondo corpos (MASETTI, 1998). E, por ser o primeiro – o bom encontro – um objetivo da vida, esse estará sendo referido quando não qualificado como mau.

A concepção de corpo aqui referido não se limita a um indivíduo ou ao indivíduo. Um corpo *spinozista*, anverso cartesiano, assume o limite corpóreo individualizado que nos dá uma determinada contingência-existência e nos permite a sensação de transbordamento (PASSOS, 2004). Como quando dizemos: “É tanta alegria que não cabe no coração!”. É possível, ainda, acontecer potentes encontros com as mais variadas fontes e matérias, *corpus* não necessariamente humano: um livro, uma flor, um abraço, uma paisagem, uma conversa, devaneios (ROLNIK, 2014).

A Saúde Coletiva, na perspectiva social e processual tal qual vimos apresentando, tem sua coexistência instituída (território) e instituinte (desterritorialização e [re]territorialização) proporcionada por este movimento contínuo das “três” linhas. Sua origem acolhe uma amplitude e originalidade na composição de saberes e valores que são atravessados desde o materialismo histórico de Karl Marx ao pós-estruturalismo de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, entre outros, e as práticas como as da Medicina Social e da Saúde Pública, em especial, da América Latina (NUNES, 2006).

Nesse contexto, conforme Teixeira e colaboradores (1998), um dos componentes setoriais da Saúde, a Vigilância em Saúde, apresenta-se como eixo de um processo de transição entre os modelos de atenção à saúde, na tentativa de reorientar o histórico e tradicional modelo biomédico hospitalocêntrico (centrado na cura e tratamento da doença a partir de uma compreensão moderna e ocidental desta), ampliando-o para um paradigma atual de saúde que inclui a prevenção de doenças e, principalmente, a promoção à saúde.

Com uma origem no Pós-Guerra Fria e o foco na erradicação e eliminação do mal (das doenças ou seus vetores), a Vigilância em Saúde no Brasil, a partir da década de 50, devido à mudança do perfil epidemiológico populacional, inicia um processo de ampliação e passa a incorporar a noção de risco e a identificação de seus fatores em doenças infectocontagiosas e, principalmente, as crônico-degenerativas (TEIXEIRA; PAIM; VILASBÔAS, 1998) - atualmente denominadas doenças e agravos não transmissíveis (DANT), como hipertensão, diabetes, obesidade, câncer, etc.

Isso para ilustrar como o campo da saúde se encontra e vem se constituindo num lugar de disputas e relações de forças entre os conceitos, valores e operacionalização da Saúde Coletiva (porque para que o discurso se efetive na prática, também há um caminho a ser trilhado, permeado por coerências e incoerências, tentativas, erros, acertos e descobertas), e os conceitos, saberes, valores e práticas hegemônicos do paradigma biomédico hospitalocêntrico (MERHY; FEUERWERKER, 2009).

Há de ser relevante, portanto, refletirmos a concepção libertária e libertadora nesse campo que, ao ganhar espaço com a Reforma Sanitária e suas diversas fontes teóricas, permite compreender a saúde, historicamente expressa em nosso cotidiano profissional por meio do controle dos corpos, para além de riscos e vulnerabilidades: a partir de suas potências de vida (COSTA; BERNARDES, 2012).

A liberdade à qual nos referimos, tem uma inspiração *spinozista* apresentada na Proposição 38 de a *Ética*, em sua quinta parte sobre *A potência do intelecto ou a liberdade humana*: “Quanto mais coisas a mente compreende por meio do segundo e do terceiro gêneros de conhecimento, tanto menos ela padece dos afetos que são maus, e tanto menos teme a morte” (SPINOZA, 2011, p.234).

No pensamento de Spinoza (2011), os três gêneros do conhecimento são respectivamente: da opinião, da razão e da intuição. O conhecimento apresenta um percurso hierárquico com início na passividade, ao se acreditar viver pelo acaso dos encontros (opinião - 1º gênero); seguido da organização das afecções de acordo com o que os encontros produzem no corpo, compreendendo a produção de afetos em si mesmo/a (razão - 2º gênero); à criação de outros modos de existir, onde é possível fazer escolhas para se produzir vida (intuição - 3º gênero). Ao final, compreender-se-á a liberdade como fruto da Potência da Razão.

Potência, como Eduardo Passos (2004) afirma, à luz de Spinoza, é dar centralidade à potência, ao que se pode. Quando nos vemos implicados a responder acerca d“O que pode um corpo?”, pensamos no que se é capaz: a resposta se faz mais demorada e complexa que um simples “sim” ou “não”, traz

consigo a ação, produção. Produção essa que entendida enquanto produção desejante, produção imanente ao desejo, sendo o desejo, para a esquizoanálise, não representacional; é real-e-virtual, está no plano virtual à espera de abertura e conexões para poder se operar no plano de objetos e modos de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 2007). Já a re-produção é capitalista, “[o] único sujeito da reprodução é o próprio inconsciente contido na forma circular da produção (DELEUZE; GUATTARI, 2007. p.112).”

Com isso, defendemos aqui uma ética na construção de conhecimento em Saúde Coletiva que respeite a liberdade em sua dimensão e responsabilidade (também) coletivas, com o compromisso da produção de saúde em seu sentido amplo e potente. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar o referencial teórico deste trabalho e analisar o encontro em que se deu o exame de qualificação do projeto de pesquisa da autora então intitulado *Sobre os apanhadores de sonhos: artesãos nômades, seus modos de vida e produção de saúde*. Partimos desse encontro, pois é o momento em que esta pesquisa ganha (e contagia) corpo(s).

Tal como o fluir da escrita de Deleuze, esta dissertação pretende ser nômade. Isto é, materializar o conteúdo por meio de um movimento sensível ao campo de forças que atua na produção do real-social, intentando ser fluida e permitindo o fluxo das ideias e seus agenciamentos. Diferentemente de uma escrita sedentária que expressa o mundo a partir de identidades, classificações e normatizações, organizando o mundo e seus fluxos e acontecimentos como conjuntos passíveis de categorizações prévias (VASCONCELOS, 2007).

O pensamento nômade

[...] é efeito de encontro de forças do “fora”, que em sua concretude o afetam. [...] O sentido se institui nas relações, supõe encontro de corpos, por isso se constitui no mundo e não na razão. [...] Sua principal atividade é criar novas possibilidades de existência ao produzir novos sentires, novos olhares, novos valores. [...] Seu estatuto primordial é a problematização. Atitude adequada diante da problematidade estrutural de mundos sempre em processo de criação. [...] Uma escrita nômade dá visibilidade a esse tipo de

relação com “o fora”, uma relação direta com a problematidade que impede a certeza de verdades fixas, de identidades plenas e instala um meio caminho entre saber e não-saber. (VASCONCELOS, 2007, p.3)

Neste exercício nômade, apresentamos a da escrita de cartas e o registro dos encontros como dispositivos científicos para pesquisas na Saúde Coletiva - já que conhecimentos produzidos (por pesquisas científicas, por exemplo) constroem realidades e produzem mundos (MORAES; BERNARDES, 2014).

Então, se fazemos questão de nomear as pessoas ao longo do percurso e citá-las, é porque aprendemos com Júlio Cortázar (2010. p.11), que:

Nos oitenta mundos da minha volta ao dia há portos, hotéis e camas para os cronópios, e além disso citar é citar-se, como já disseram e fizeram mais de meia dúzia, com a diferença de que os pedantes citam porque veste bem e os cronópios porque são terrivelmente egoístas e querem monopolizar seus amigos.

Mais do que citações ao longo do texto, essa é uma forma de afirmar a existência de corpos vivos para além daquela instituídas por suas publicações acadêmico-científicas. É dar potência e poder aos encontros que se operam no cotidiano, no plano dos afetos.

Caminhos percorridos II: sobre *Apanhadore/as de sonhos*

O projeto de pesquisa, objeto do referido exame de qualificação, tratava-se de uma pretensa cartografia que tinha como objetivo descrever o movimento de artesãos e artesãs nômades e seus modos de vida, enquanto forma de

resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI) - expressão/ conceito que agrega valores e ideias ao conceito hegemônico de capitalismo fundamentado por Marx (GUATTARI, 1990).

De acordo com Feliz Guattari (1990), o capitalismo de Marx pressupõe uma bipolaridade e produziu, outrora, um mundo cindido entre “Leste-Oeste” ou países capitalistas e comunistas-socialistas. Desta forma, o CMI compreende uma visão global integrada e interativa em que países denominados comunistas-socialistas como a China, pertencem e interagem com a lógica de mercado mundial, globalizando-a. Inclui, também, uma multiplicidade de reivindicações, de luta de classes - no sentido de pautas diversas e em composição com a luta entre classe operária e classe detentora dos meios de produção -, nas quais a subjetividade afirma a singularidade de cada sujeito (indivíduo ou coletivo) tal como a valorização da afrodescendência e outras etnias minoritárias, a discussão de gênero, o feminismo, a sustentabilidade do planeta, entre outros. O enfrentamento, portanto, encontra-se na estética de uma ciência denominada *ecosofia*, na qual a prática ético-política se dá pela articulação intrínseca entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana em prol da manutenção de sua(s)/ nossa(s) existência(s).

A tríade ético-estético-política, de fundamentação esquizoanalítica, refere-se a produções e posturas que, como afirma Suely Rolnik (1995. p.2) são definidas além do senso comum da moral, a partir do “rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós” e que afirmamos e damos passagem ao devir. “As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adota para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas por problemas colocados por diferenças que nos desassossegam.” Esta é a nossa ética.

A estética trata de criações que “seja[m] a encarnação das diferenças que nos inquietam, fazendo do pensamento [produção] uma obra de arte (ROLNIK, 1995. p.2).” E a política, “[...] trata de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir: forças reativas, forças reacionárias (ROLNIK, 1995. p.2).” A famosa frase “Não existe neutralidade!”: ou se deseja e se

reproduz a ação do sistema dominante [(cons)cientemente ou não]; ou há a produção, em maior ou menor grau, da resistência à ele. Não há meio termo – principalmente agora, quando estamos cientes!

Artesão/ãs nômades, conhecido/as popularmente como *hippies*, entre si, há o/as que se intitulam *Maluco/as de estrada* ou *Maluco/as de BR*. Neste trabalho, a partir de premissas cartográficas por uma expressividade que dê forma e nome aos afetos apresentados e/ou produzidos nos encontros entre pesquisadora e participantes da pesquisa (ROLNIK, 2014), são também denominado/as de *Apanhadore/as de sonhos*.

Tal expressão faz referência a uma produção comum desses sujeitos - os filtros dos sonhos -, sendo a tradução literal de seu nome de “origem”²: *dreamcatcher* (apanhador de sonho). Em composição com esta referência, encontra-se o fato de tratarmos de sujeitos nômades que vão construindo suas habitações-lares itinerantes onde encontram possibilidades e, principalmente, desejos – os sonhos.

Apanhadore/as de sonhos habitam diferentes e diversas cidades, suas ruas, praças e feiras de artesanatos, produzindo e vendendo acessórios de vestuário (colares e brincos e anéis e³ outras inventividades) e de decoração (filtros dos sonhos e mandalas e outros) que confeccionam a partir de matérias predominantemente fornecidas pela natureza como pedras, cipós, sementes e penas, e outras manufaturadas e/ ou industrializadas como linhas, fios de metais e couro.

² Filtro dos sonhos é uma produção artesanal dos povos originários da América do Norte, sendo conhecido no mundo ocidental-hegemônico por seu nome em inglês.

³ As transgressões às ordens-normas gramaticais (o uso do termo “e” repetidamente) se dão fundamentadas por Deleuze e Guattari (2014), no sentido de conjunção. Somos composição de muitos elementos: e... e... e...!; legitimando-se, assim, uma comunicação funcional – não necessariamente normativa, que pode ser excludente, uma vez que pode excluir de alguma(s) forma(s) quem dela não compartilha. Respaldados em outras normas gramaticais, Deleuze e Guattari (2014) citam a língua inglesa que acolhe a existência “correta” do e... e... e..., assim como a japonesa.

Quem nunca se deparou, nas mais remotas esquinas, ruas ou praças da cidade, com esta figura de semblante forte, sentada na calçada, cabelos grandes ou dreadlocks, barba sem fazer, talvez alguma tatuagem estampada no braço, roupas leves, desbotadas ou coloridas, nas mãos um alicate e um arame... Em frente um pano estirado no chão contendo uma diversidade de artesanatos, onde abundam cores, contornos, linhas, arames, sementes, dentes, penas... Simplicidade e desprendimento. A mochila, a barraca e o violão atestam que está ali apenas de passagem... (LAGE, 2012a, p.13).

Essa é a autêntica descrição de artesãos/ãs nômades, pois é (d)escrita por um deles: Rafael Lage. Artesão, nômade, fotógrafo, cineasta, ativista, maluco de BR, e por quem foi possível acessar esse mundo através de suas postagens, produções e articulações na internet.

A atuação do/as *Apanhadore/as de sonhos* vai além, pois o/as mesmo/as compõem o meio e se relacionam com a população por onde passam: são produtores/as de uma ecosofia. Portanto, ao se tratar de um coletivo nômade que, eventualmente, pode requerer atenção à sua saúde, os agenciamentos no sentido de se apoderarem de tal atenção podem nos indicar modos de produção de cuidado em saúde ecosóficos - comprometidos com a produção de um mundo de responsabilidade coletiva.

São raros os materiais com registro sobre essa população e, mais raro ainda, registros de ordem científica. Estes se encontram, principalmente, na área do Direito, dizem respeito à ilegalização de suas práticas mercantis e práticas do Estado frente a esta condição.

Numa discussão no campo da saúde enquanto setor público, o/as *Apanhadore/as de sonhos* não se enquadram na lógica de territorialidade adotada pelos municípios e serviços de saúde de modo em geral. Estão sempre de passagem. Como, portanto, produzem agenciamentos em seus cuidados à saúde?

Agenciamentos fazem referência à conexão-produção de um novo: um novo modo de vida, perspectiva, pensamento, conhecimento, etc. “É uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical. Em um dispositivo, a meta a alcançar e o processo que a gera são imanentes entre si” (BAREMBLITT, 2012, p.135).

Exemplo de agenciamento, apresentamos esquizoemas (expressões delirantes da esquizoanálise) ao longo do trabalho. São neologismos ou novas formas de escrita das palavras na intenção de expressar criações de conceitos, processos e acontecimentos, até então não nomeados e que se tornam possíveis a partir de um discurso contextualizado em determinado momento-realidade (BAREMBLITT, 2004).

Apresentamos tais esquizoemas destacados em sua formatação, com a fonte Lucida Handwriting. Intentando, com isso, provocar aquilo que Mariângela Quarentei (1998) denomina de rupturas no representacional das palavras, em conjunto com o que Deleuze (1997a) denomina de gagueira: rupturas assignificantes que rompem com o estado de significação das palavras em seu sentido linguístico que as torna “suscetíveis de serem *diretamente* conectadas a seus referentes no quadro de uma interação diagramática” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.381, grifos nossos). Tendo em vista o pensamento nômade, intentamos um desvio da língua, deslocamento semiológico, tratando-a mais como um fluxo do que como código. Também um ato de criação (DELEUZE, 1997a).

Retomando os objetivos do projeto (geral: descrever o movimento de artesãos e artesãs nômades e seus modos de vida, enquanto forma de resistência ao CMI; e específicos: conhecer, a partir do protagonismo desse grupo, sua cosmovisão, práticas, estilos de vida, fazeres e saberes que conferem as características desta expressão cultural; investigar o processo de trabalho adotado por este grupo e sua relação com a produção de saúde; e conhecer, a partir do protagonismo desse grupo, seus modos de produzir o cuidar de si), apresentamos no exame de qualificação, o projeto de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa e cartográfica, sustentada pelo referencial teórico do Institucionalismo, em especial, da esquizoanálise.

Exploratória por apresentar um estudo voltado para um grupo social pouco conhecido (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008) e, portanto, intenta a aproximação com o mesmo e sua realidade, explicitando-a; sem pré-concebimentos sobre a população da pesquisa.

Assim, sua abordagem qualitativa abrange estudos

“[...] da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos [...], além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos” (MINAYO, 2014, p.57).

E por meio da cartografia encontramos a via de trânsito deste estudo, já que esta é útil para descrever e acompanhar os processos mais do que o estado das coisas. Uma cartografia se afirma na processualidade da pesquisa, de seus encontros, inquietações e descobertas por eles provocados, uma vez que “[...] o pesquisador deixa de se orientar pelo que sabe de antemão sobre determinada realidade e passa a orientar-se pelo modo de se fazer a pesquisa” (FERIGATO; CARVALHO, 2011, p.667), pelo caminho percorrido, pelos territórios existenciais percorridos.

É, assim, um modo de se *vi-ver* a vida que, para fins acadêmico-científicos, podemos reduzi-la a um método. Na concepção etimológica da palavra método (*metá*: reflexão, raciocínio, verdade + *hódos*: caminho, direção), onde o resultado antecede o percurso, afirmamos que cartografias propõem uma reversão desta lógica: um *hódos-metá* que “[...] orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BENEVIDES,

2009, p.17); entendendo processo enquanto permanente ruptura dos equilíbrios estabelecidos (GUATTARI; ROLNIK, 2007).

E, se todo e qualquer projeto de pesquisa (e a pesquisa em si) “[...] se insere num contexto que extrapola questões puramente metodológicas, situando-se num determinado contexto político de produção científica” (FONTANELLA, RICAS, TURATO, 2008, p.24), é sob influência ético-político-estética da esquizoanálise que esta pesquisa se inspira e fundamenta.

Segundo Baremlitt (2012), a esquizoanálise é uma concepção criada por Deleuze e Guattari que considera a realidade em todas suas superfícies e processos. Uma análise micropolítica das relações de poder e prática de produções desejantes, compondo uma série de agenciamentos e procedimentos para a transformação do mundo (macropolítica). Produção revolucionária

[...] que só tomará seu sentido com referência a um **gigantesco rizoma**⁴ de revoluções moleculares que proliferam a partir de uma multidão de mudanças mutantes: tornar-se mulher, tornar-se criança, tornar-se velho, tornar-se animal, planta, cosmos, tornar-se invisível... - do mesmo modo inventar "máquinas", novas sensibilidades, novas inteligências da existência. (RIEUX, 2005, p.1, grifos nossos)

Para Gregório Baremlitt (2012, p.151), “[...] qualquer tentativa de resumir essa amplíssima leitura de realidade natural-histórico-social-libidinal e tecnológica seria estéril”. Com isso, intentamos, ao longo do trabalho fundamentado nessa corrente de pensamentos, mais do que contextualizar seus/ nossos conceitos, aplicá-los - como sugerem seus inventores-filósofos Deleuze e Guattari (2007).

⁴ Rizomas são “[...] extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.22) e, em sua concepção esquizoanalítica, há que se seguir princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante e cartografia. Assim, tal produção se fará revolucionária quando tornarmos-nos mulher, criança, velho, animal, planta... tudo junto: ecosofia.

Com isso, o projeto apresentava como cenário o município de Vitória, capital do estado do Espírito Santo (ES), e considerando a movimentação nômade do/as *Apanhadore/as de sonhos*, bem como a natureza cartográfica do estudo, os encontros produtores da pesquisa poderiam ocorrer em quaisquer lugares públicos da cidade.

Como meios de produção do material a ser gerado pela pesquisa, entendendo que

O sussurro dos objetos ganha consistência no borbulho dos encontros, o que é vivido deve caber na fala dos sujeitos que experimentam e não em representações de códigos estabelecidos anteriormente por supostos saberes de verdade (transcendentes), trata-se de viver singularidades (LIMA, 2014, p.53).

A tentativa da captura do borbulho de encontros, destas singularidades que haveriam de se apresentar, o projeto anunciava: seriam utilizadas entrevistas assistemáticas, observação, registros audiovisuais (fotografias, gravações de áudio e de vídeo) e portfólio de campo.

Entrevistas, instrumento comumente utilizado nas pesquisas qualitativas, possibilitam a descrição e compreensão da lógica que presidem as relações que se dão no grupo social a ser pesquisado, a partir do discurso dos sujeitos entrevistados. Seriam utilizadas entrevistas assistemáticas que “[...] solicitam respostas espontâneas, não-dirigidas pelo pesquisador” (GOLDENBERG, 2009, p.86). Para a realização destas entrevistas, seria apresentada a seguinte questão gerativa: “Como tem sido a sua vida desde que escolheu ser artesão de rua?”.

As entrevistas poder-se-iam ocorrer simultaneamente com mais de um sujeito, uma vez que a pesquisa se intenta aberta à disponibilidade dos encontros.

Porém, se assim ocorrer, não se trataria de grupos focais, pois estes têm como finalidade o aprofundamento de uma reflexão específica, e as entrevistas teriam como pontos centrais as histórias e perspectivas de vida de cada pessoa entrevistada, sem pretensões de um discurso ou reflexão coletivos (MINAYO, 2014).

Em composição com as entrevistas, ter-se-ia a observação em campo, que possibilita o acesso a informações que complementam ou encontram-se omissas nas falas dos participantes, aspectos presentes no cenário da pesquisa. Uma observação também denominada de assistemática, “[...] onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle” (BONI; QUARESMA, 2005, p.71).

O diário de campo foi apresentado como meio para que a observação do cenário de pesquisa e a história subjetiva da pesquisadora pudessem ganhar materialidade, com palavras e registros imagéticos (LOURAU, 1993). Intentando-se produções - em seu sentido esquizoanalítico de criações de novos fazeres e de transgressões - sugerimos o *portfólio de campo* como produção de material referente às vivências em campo da pesquisadora, uma vez que este contemplaria de forma mais originária (nas Artes) e estimulante as criações, sensações e subjetivações da mesma (GERMANY, 2014).

Caberia à escrita dar lugar a uma reflexão própria do escrever e, seu exercício, a uma apropriação de realidades (LOURAU, 1993), enquanto aos registros audiovisuais, a “transgressão dos limites de tempo e espaço” (FLICK, 2009, p.220), ilustrando/ retratando partes do que foi o encontro entre os sujeitos pesquisador e pesquisado para aqueles que não fizeram parte do momento.

As gravações de áudio dar-se-iam para efeitos de transcrição posterior das entrevistas para possibilitar maior fidedignidade ao discurso dos sujeitos. Caso não fosse possível, devido recusa do sujeito a ser entrevistado ou inadequação da estratégia no momento ou local, as falas seriam registradas em formato de anotações, de modo mais fidedigno possível.

A produção de material oriundo de entrevistas e de registros audiovisuais devendo ser vinculadas ao consentimento do sujeito a ser entrevistado e registrado de modo formal, com assinatura ou impressão digital, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Participação na Pesquisa (TCLE) e Termo de Autorização para Uso de Imagem (Apêndices I e II, respectivamente).

Em atenção aos princípios éticos da Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que especifica as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012), o referido projeto foi submetido, em primeira instância, à Escola Técnica e Formação Profissional de Saúde Professora Ângela Maria Campos da Silva (ETSUS-Vitória) para sua aprovação pela Secretaria Municipal de Saúde de Vitória (SEMUS/PMV) quanto à sua realização. Esta secretaria, bem como a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS/PMV) contatada via telefônica, retornaram-nos como não sendo de suas respectivas competências a autorização do estudo, uma vez que o projeto não tem como proposta a realização em seus serviços e instituições ou a necessidade do acompanhamento de seus profissionais e público-alvo, nem o uso de informações de seus bancos de dados.

Desta forma, o mesmo foi submetido à anuência da direção do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (CCS/UFES), onde o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva encontra-se instituído. E, após sua anuência nessa instância (Anexo I) foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, sob o registro CAAE 52760215.3.0000.5060 (Anexo II).

Carto-grafia: a escrita de cartas na produção de conhecimento

Além das pretensões de ações referentes ao trabalho de campo desta pesquisa, o projeto objeto do exame de qualificação apresentou cartas como via de apresentação da autora e, com isso, contextualização da proposta de

estudo. Portanto, sua afirmação, assim como as demais afirmações (e suas respectivas e possíveis conjugações) ao longo deste trabalho, faz referência a uma concepção *nietzschiana* que diz daquilo que produz vibração e ressonância alegres, podendo vir-a-ser eternamente, pois é quando nos experimentamos criadores de nós mesmos (NIETZSCHE, 2011).

Uma cartografia, conforme proposto por Deleuze e Guattari (2014), apresenta-se como uma sobreposição de mapas (também denominado tecnicamente como cartas) que permite acompanhar os processos de mudanças no cenário ao longo de um percurso. No caso, um conjunto de mapas que versam sobre as *paisagens psicossociais*, acompanham subjetividades e seus instantes de produção, de objetividade (ROLNIK, 2014).

A objetividade, no caso, é a constituição de um território existencial, um plano de consistência. Na ótica cartográfica, um encontro no qual “[...] os corpos são tomados por uma mistura de afetos. Eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos...” (ROLNIK, 2014, p.31). Por meio do olho-retina, enxergamos que “uma série de *agenciamentos* de matérias de expressão forma, diante de você, uma espécie de *cristalização existencial*, uma configuração mais ou menos estável, repertório de jeitos, gestos, procedimentos [...]” (ROLNIK, 2014, p.33, grifos da autora). Enxergamos materialmente corpos que foram resultados de afetos e afecções, sendo a intensidade a espessura do real, como quando ficamos sem jeito, ou excitado/as demais por ansiedade, ou tranquilo/as pelas experiências já vividas, entre outras tantas situações (ROLNIK, 2014).

Numa linguagem adequada aos pressupostos/ valores metodológico-acadêmico-científicos hegemônicos, trata-se de pesquisas intervenções, onde “[...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito, e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção [...] - que podemos designar como plano da experiência” (BARROS; PASSOS, 2009, p.17), entendendo que o trabalho de campo - o plano da experiência -, é um campo de intervenção e de análise, concomitantemente.

No decorrer desse percurso, encontramos nas cartas uma potente via de produção do conhecimento que afirma, expressa e valoriza seu caráter processual e inacabado de construção de pensamentos (MORAES; BERNARDES, 2014). O fim de uma pesquisa se dá pelo simples - e concreto - fato de que há um prazo para a entrega de um produto. Seja este uma monografia, dois artigos ou uma dissertação, o pensar acerca do assunto, fazer conexões, sentidos e significados, agregar e construir conhecimentos se mantém na vida do/a pesquisador/a.

No plano acadêmico-científico, Anita Bernardes, Gilead Tavares e Marcia Moraes (2014) organizam o livro *Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia* que, julgamos, se aplica em várias (senão todas) outras áreas de pesquisa/ conhecimento. Luiz Fernando Bilibio e José Geraldo Damico (2011), escrevem uma *Carta a um jovem professor*, sob as perspectivas da Educação Física e Saúde Coletiva. Regina Benevides Barros e Eduardo Passos (2009) trocam cartas que registram por meio de um *Diário de bordo de uma viagem-intervenção* os processos e pensamentos construtores de tal intervenção. Essas e outras tantas experimentações e afirmações desse dispositivo no processo da construção de um conhecimento.

Podemos, ainda, nos reportar a referências atemporais como Platão, Spinoza, Freud, Einstein, Artaud e Guimarães Rosa, entre outro/as tanto/as que, em suas respectivas áreas de influência e pensamento (incluindo áreas de uma segmentaridade tida como molar, tal qual as Ciências Exatas), constroem uma *episteme* a partir das trocas que cartas possibilitam (BERNARDES; TAVARES; MORAES, 2014; BILIBIO; DAMICO, 2011; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

Compreendemos como molar um dos elementos da composição binária entre estruturas, as segmentaridades como elementos constituintes da vida: molares e moleculares, duras e moles, sedentárias e nômades, territorialização e desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1996); correspondem, respectivamente, à linha dos afetos e da composição de territórios existenciais (ROLNIK, 2004).

De qualquer modo, se queremos produzir enfrentamentos ao CMI, podemos afirmar a estética das cartas enquanto uma ruptura aos paradigmas pseudocientíficos utilizados na tentativa de mediar o *superego científico* que subestima a subjetividade a partir de uma cientificidade neutra e objetiva. “O que quer que seja, parece-me urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas” (GUATTARI, 1990. p.18).

"Aqui, a carta é um convite a ser indisciplinado, mescla de pretensões e de expectativas, mas também de apostas teórico-metodológicas" (FERREIRA, 2014, p.17). E, em tempos de avanços midiático-tecnológicos, lançamos a seguinte reflexão: as cartas tornaram-se obsoletas?

Apresentamos, também, a personagem conceitual **Dirce** - referência à dissertação -, para quem as cartas, “[...] carregada[s] de dúvidas ou expectativas, de proposições ou de simples observações passageiras sobre aspectos da existência individual e coletiva” (FERREIRA, 2014, p.15), são destinadas. Não é, necessariamente, uma mulher, senão um corpo - que não necessita ser humano - a partir do qual seja possível agenciamentos, encontros e afecções.

Um personagem conceitual opera “[...] os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p.85) e intervém na criação de seus próprios conceitos, diferentemente de um personagem de diálogo, que expõe conceitos formulados de outrora. Dirce não é, portanto, nossa representante ou nossa personificação abstrata ou uma alegoria; ela tem o papel de “[...] manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p.92), sendo uma intercessora imanente para uma conversa de pensamentos-processos-construção do conhecimento.

A imanência refere uma unidade sujeito e objeto/ pensamento/ valores, não se remetendo a unidades superiores desejáveis ou inalcançáveis - transcendentais - e nem se pretendendo totalidade. O plano de imanência se constitui, portanto, para criação de territórios que acolham a intensidade das

forças que estão no mundo “externo” e afetam nossos corpos a cada momento (DELEUZE, 1992).

Considerando que a realidade, tal qual a saúde, se define “[...] no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento” (BRASIL, 1986, p.4), nosso atual contexto político-eleitoral-econômico-social mundial e, em especial o brasileiro, encontra-se num momento de retrocessos de questões inclusivas e avanços a questões excludentes.

Portanto, em composição com Walter Benjamin que escreve cartas para “[...] garantir um legado de desvio e dúvida às gerações vindouras, que, possivelmente, terão recebido imagens de um mundo que não correspondia aos apelos dos que foram vencidos pelo nazismo e fascismo na primeira metade do século XX” (FERREIRA, 2014, p.15), escrevemos, também, na aposta de uma conjuntura outra que, fruto de aprendizados e legados como os de Benjamin, pode nos proporcionar abertura e acolhimento à diferença e aos desvios que afirmam um saber não-hegemônico, não conclusivo e nem conclusivo - em meio a um cotidiano permeado e limítrofe de intolerâncias, certezas e verdades "únicas" ou “verdadeiras”.

Contudo, apresentamos este capítulo inicial burlando a coerência de seu conteúdo na incoerência de uma escrita acadêmico-normatizada, no intuito de encontrar porosidade (e acolhimento), um espaço possível de construção e negociação entre as segmentaridades duras e moles de instituições acadêmico-científicas tais quais programas de pós-graduação. Intentamos, portanto, fazer uso das ideias brincantes de Nietzsche (2011) e Huizinga (2000), respectivamente, na transvaloração de conceitos ao brincar como uma criança em nossa terceira idade, e fazendo da brincadeira um valor social - uma vez que nos dispomos a compor esses espaços.

É, também, no sentido de compor junto a sujeitos marginais, tais como o/as artesão/ãs nômades, um movimento de enfrentamento ao CMI, a produção de uma ecosofia, apostando na complementariedade harmoniosa entre os modos

de apreensão do mundo a partir dos conceitos, e dos afetos e perceptos (GUATTARI, 1990) - molaridade e molecularidade, respectivamente.

Encontro-grafias como modos para transdisciplinaridade

Escrever sob o formato de cartas diz “[...] também [d]o processo de uma escolha, marcas frágeis de uma forma de posicionar-se na vida [...], cartas são mensagens que nos colocam em condição simétrica à de quem dialogamos” (FERREIRA, 2014, p.17). E assim nos apresentamos para o exame de qualificação sobre o qual nos permitimos discorrer a partir de agora.

A partir de uma análise das ressonâncias do exame de qualificação do projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGSC/UFES), nível mestrado, então intitulado *Sobre os apanhadores de sonhos: artesãos nômades, seus modos de vida e produção de saúde*, foi possível acessar os diferentes mundos que constituem cada um/a do/as componentes da banca examinadora, produzindo um bom encontro entre seus-nossos seus saberes e viveres.

O projeto teve início a partir da *Carta de Apresentação do Tempo*, na qual os tempos *chrónos*, *kairós* e *aión* se apresentaram em suas diferenças. Respectivamente: *Chrónos*, o tempo em sua concepção mais contemporânea e ocidentalmente (re)conhecida enquanto continuidade e sucessão, composto de passado, presente e futuro; *Kairós*, o momento crítico, a oportunidade, o tempo que está gestando o que vai/ pode acontecer; e *Aión*, o tempo não numerável, que designa a intensidade da vida humana e seus acontecimentos (KOHAN, 2004).

Por meio de *Chrónos* deu-se a apresentação à banca examinadora da trajetória da estudante de mestrado em sua sucessão de episódios da formação escolar, acadêmica e profissional, e os encontros com a Saúde Coletiva e com os conceitos da esquizoanálise, contextualizando-os. Afirmou política e ideologicamente sua manutenção no cotidiano profissional, no trabalho na Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT) na Secretaria Estadual de Saúde

do Espírito Santo concomitante à dedicação ao mestrado, e os encontros pessoais com aquele/as que compõem suas referências bibliográficas, compreendendo que a construção do conhecimento se dá, também, por essas vias - os encontros corpo-a-corpo.

Kairós expressou os momentos e os encontros dos quais resultam o tema da pesquisa. A partir do conceito ampliado de saúde e sua operacionalização, em especial no campo da Saúde do Trabalhador, artesão/ãs nômades de rua foram apresentado/as como uma linha de fuga na atual produção dos corpos trabalhadores. Apresentou a cartografia como método para se alcançar os objetivos da pesquisa e a proposta de cartas, num convite à desterritorialização da escrita científico-academicamente hegemônica.

Aión, também (re)conhecido como um tempo brincante, da criança (KOHAN, 2004), finalizou com um convite ao encontro de composição - também no sentido sonoro da musicalidade - da banca examinadora com a pesquisa e sua autora. Apresentou como campo e territórios de experiência(s) Dirce e a cidade de Vitória, e convidou todo/as a brincarem com seus conhecimentos na direção da costura de seus saberes e viveres.

E o *corpus* “qualificador” ali presente, professore/as doutore/as e pós-doutore/as da Universidade Federal do Espírito Santo, em seus diversos departamentos - Aissa Afonso Guimarães, filósofa docente do Departamento de Fundamentos Técnicos Artísticos e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA); Eliana Zandonade, bioestatística docente do Departamento de Estatística e do PPGSC; Gustavo Moura de Cavalcanti Mello, economista docente do Departamento de Economia; Aduato Emmerich Oliveira, odontólogo docente do Departamento de Medicina Social e do PPGSC; e o orientador Túlio Alberto Martins de Figueiredo, enfermeiro docente do Departamento de Enfermagem e do PPGSC -, deram passagem à tudo aquilo que o/as constituem.

Entre nativos e estrangeiros do solo capixaba ou do PPGSC, o/as membros da banca, denominados de titulares ou suplentes por mera questão burocrático-administrativa e não mais que isso - porque no plano das afecções e potências,

são todos titulares -, ele/as cantam diversas melodias e sotaques. (En)cantam números e contas e contos, patrimônios e filosofias e jongos, economias e movimentos e encontros, saúdes e coletivos e odontos, esquizos e referências e contrapontos. Segundo Deleuze e Guattari (2014, p.17): “Cada um reconhecerá os seus”, somos “ajudados, aspirados, multiplicados”!

A produção objetiva deste encontro foi, primeiramente, a *transdisciplinaridade*. Esta radicaliza a interdisciplinaridade (VASCONCELOS, 1997 *apud* ALMEIDA-FILHO, 2005). A interdisciplinaridade apresenta relações entre disciplinas conexas, ocupando uma delas um nível hierárquico superior que atua como integradora, mediadora e, principalmente, coordenadora do campo disciplinar. Enquanto a transdisciplinaridade

[...] trata-se do efeito de uma integração das disciplinas de um campo particular sobre a base de uma axiomática geral compartilhada. Baseada em um sistema de vários níveis e com objetivos diversificados, sua coordenação é assegurada por referência a uma finalidade comum, com tendência à **horizontalização das relações de poder**. Implica **criação de um campo novo que idealmente desenvolverá uma autonomia teórica e metodológica perante as disciplinas** que o compõem (ALMEIDA-FILHO, 2005, p.40, grifos nossos).

Mais do que a integração entre disciplinas, a transdisciplinaridade não se pretende neutra, integrando a subjetividade humana na produção do conhecimento, uma vez que tem como finalidade compreender o mundo atual (NICOLESCU, 2005 *apud* FERRIOTI, 2009) que, como afirmamos anteriormente, os conhecimentos produzidos constituem mundos.

Porque afirmamos que uma pesquisa científica não é isenta e nem asséptica às ideologias, posturas e ações - política, portanto - de seus/suas realizadore/as, em nossa compreensão de mundo, não há neutralidade nas ações: ou produzimos ações de enfrentamento ao que não concordamos/

acreditamos, ou reproduzimos ações que mantêm o movimento e a construção que o mundo está tomando (seja esta reprodução *cons*-ciente ou não).

E é neste - na nossa opinião, amplo - espectro de pessoas que se afirmam neutras e reproduzem não cientemente as ações hegemônicas no mundo em quem devemos dedicar intensivamente nossa troca de conhecimentos e saberes. Com isso, o dispositivo de cartas se mostra *e/afetivo*: a trocar ideias e constituir subjetividades.

Significa também uma relação com o outro na forma do diálogo e, portanto, como encontro generoso, mas também como combate sem trégua. Encontro generoso porque, como nos diz Merleau-Ponty, no diálogo somos libertados de nós mesmos, descobrimos nossas palavras e nossas ideias graças à palavra e ao pensamento de outrem que não nos ameaça e sim nos leva para longe de nós mesmos para que possamos retornar a nós mesmos. Mas também combate sem trégua, porque, como explica Espinosa, embora nada seja mais alegre e potente do que a amizade e a concórdia, os seres humanos são mutáveis, somos passionais e naturalmente inimigos, excitamos discórdias e sedições sob a aparência de justiça e de equidade. Por isso, diz ele, precisamos evitar os fatores que nos escravizarão a um outro e somente os que são livres podem ser gratos uns aos outros, experimentando em sua companhia o aumento de sua força de alma, isto é, a generosidade e a liberdade (CHAUÍ, 2003, p.10).

Se afirmamos, portanto, a transdisciplinaridade como projeto epistemológico da Saúde Coletiva (ALMEIDA-FILHO, 2005), compreendemos a dimensão de disputa e o território de relações de poderes, na qual “[...] as diferenças têm sido tratadas como desigualdades, estabelecendo-se relações de dominação ou violência entre as culturas, grupos ou comportamentos considerados referência e aqueles considerados marginais” (FERRIOTI, 2009, p.188). E, para operar neste território, na tentativa de não disputas e sim de composições, apostamos na construção de alteridade(s): “No *reconhecimento do valor implícito* do outro[s]” (FERRIOTI, 2009, p.188, grifos nossos).

Para tanto, consideramos que encontros que se dão no corpo-a-corpo - “cara-a-cara” -, e que por vezes não representam validade científica ao se limitarem a referências bibliográficas, podem caber em registros científicos.

Acrescentamos, ainda, aos cronópios de Cortázar que, além de seus desejos egoístas de monopolizar os amigos, estes fazem dos encontros na vida transbordamentos.

Caminhos a percorrer: *hódos-metá* para a produção de conhecimentos

Dos conteúdos expressos no referido exame de qualificação, bem como das anotações feitas e devolvidas nas versões do projeto entregues aos membros da banca examinadora, foi possível apreender alguns analisadores que apresentaram interlocuções entre si - assim como as falas do/as componentes da banca. Estão aqui denominados: (trans)disciplinaridades, cartografias de si (ou análise de implicação da banca examinadora), questões sobre a pesquisa e potências do estudo; e trataram do universo pouco conhecido do/as *Apanhadores de sonhos* e da pesquisa cartográfica.

Sobre as **(trans)disciplinaridades**, o/as *Apanhadore/as de sonhos* compuseram o eixo de integração entre os saberes. Sem uma hierarquia entre os saberes - todos componentes para a produção de uma pesquisa com cuidado e compromisso a estes sujeitos.

Iniciou-se com Marx, não em seu cunho político-econômico, mas enquanto filósofo que discutiu *práxis*. Considerando que o/as artesão/ãs nômades apresentam o domínio de seus processos de trabalho desde a concepção dos materiais à venda dos produtos-produções, ele/as podem colocar em prática seus pensamentos: atividade consciente, livre, criativa e auto-criativa, fazendo uso de competências técnicas e artesanais. Mescla de *práxis* e *poiesis* (LASPA, 2014).

A partir da ótica psicanalítica de Carl Jung (2000), foi referido o *inconsciente coletivo* de resistência, uma espécie de busca sobre como sobreviver ao mundo bárbaro tal como se encontra na atualidade. E a postura de interesse do/as componentes da banca sobre o/as *Apanhadore/as de sonhos*

expressavam uma identificação nele/as como sujeitos que operam uma resistência ao CMI e o desejo da construção de uma ecosofia.

No que se refere às disciplinas mais nucleares do campo da saúde, houve crítica à cisão, muitas vezes excludente, entre pesquisas consideradas qualitativas e quantitativas, referindo uma necessidade de transvalorar esta dicotomia. Acreditamos, com isso, que a multiplicidade da composição dessa banca examinadora e o bom encontro produzido no exame de qualificação têm uma potência de fortalecer este processo - em especial, nesse Programa.

Na Saúde Coletiva, há uma compreensão de que conteúdos referenciados ao “BRASIL” têm origem em discursos e pensamentos de sujeitos importantes da Reforma Sanitária. A considerar sua *história recente de um passado remoto* (NUNES, 2006), é possível compreender que muito/as destes sujeitos encontram-se em atividade e ativistas, produzindo saberes e fazeres que transformam ou acrescentam algo às políticas públicas, em especial as da saúde. Desta forma, indicou-se a relevância e citar seus nomes, mais do que referenciá-los institucionalmente como “BRASIL”.

Ainda sendo expresso algum não pertencimento à área da saúde, houve a afirmação de se compreender a dimensão das experiências e as afecções que estas produzem para a construção e agenciamento de seu conhecimento. Afirmando, com isso, a incorporação da subjetividade na transdisciplinaridade. Cartografia!

E compreendendo a cartografia como fruto da esquizoanálise, foi afirmada a posição desta na extremidade anarquista das correntes de pensamentos institucionalistas. A proposta de pesquisa-e-escrita apresentada foi relacionada à ideia de narrativa de Walter Benjamin, em seu aspecto coletivo, de oralidade e pedagógico - opondo-se ao individualismo e desvio da moral daquilo que é compreendido como narrativas modernas (romance, short story, etc) (BENJAMIN, 1993). *O/as Maluco/as de BR*, portanto, como narradore/as de uma ecosofia.

Foi possível, também, o acesso e expressão das **cartografias de si (ou análise de implicação da banca examinadora)**. A implicação, na perspectiva institucionalista, se refere à relação que todos e quaisquer indivíduos apresentam com a(s) instituição(ões) na(s) qual(is) se insere (universidade, trabalho, pesquisa, viagens, ciclos afetivos, etc). Não faz referência a engajamento ou investimentos de um ou outro indivíduo apenas, como pode ser compreendida no senso comum (LOURAU, 2004).

A perspectiva cartográfica propiciou o acesso e relato às experiências e histórias de vida do/as componentes da banca. Foram referidas sensações de pertencimento ou de ansiedade frente à estreia das parcerias que estavam se concretizando, a depender de suas aproximações ou distanciamentos do método ou vivências com o/as artesão/ãs - já que, no campo dos saberes acadêmicos, possuíamos elementos limitados para uma discussão específica acerca dos participantes da pesquisa.

A relação com o/as *Apanhadores de sonhos* se deu a partir de experiências com outros povos nômades como guaranis e ciganos. Dos guaranis, compreendendo que sofrem uma homogeneização por parte da sociedade que não tem conhecimento de seus valores, história e cultura, foi relatado um episódio onde uma intervenção universitária propunha a identidade de diversas tribos designadas guarani e estas não produziam, entre si, identidades, uma vez que a produzem a partir de suas vinculações sanguíneas. Outro episódio foi o acompanhamento do processo de demarcação de terras e sua função, já que os mesmos têm um modo de vida nômade. Uma vez demarcadas, quais necessidades seriam supridas? E quais necessidades produziriam?

Do povo cigano, houve o relato de uma intervenção literária em um acampamento onde as condições se apresentavam precárias e insatisfatórias dentro dos padrões sanitários vigente, caracterizado como uma “falta de saúde”, expressando uma vulnerabilidade daquela população.

Sobre mais culturas não hegemônicas, houve espaço para o acolhimento à expressão elementos religiosos de matriz afro-brasileira, a umbanda, fazendo relação entre a citação de Deleuze e Guattari (2014, p.17) - “Como cada um de

nós era vários, já era muita gente” - com a entidade Exu que é, também, vários eu's. Expor tal compreensão e significação do mundo, num universo hegemonicamente cartesiano, materializa o espaço de acolhimento que foi esse encontro.

Há quem tenha dado passagem ao devir pesquisadora sobre *Apanhadores de sonhos* e feito uma busca por Rafael Lage, *Maluco de BR* citado como referência no projeto de pesquisa, ampliando seu conhecimento e aproximação sobre ele/as, ou coletando sementes ao longo deste percurso desde que entrou em contato com essa proposta, buscando agenciamentos para a *práxis* de artesanatos com este material, ou acionando o encontro com a pesquisadora a cada encontro com a *Malucada* em suas viagens BR adentro.

Sob a ótica cartográfica, objetividades: construções concretas, produção de ação e corpos.

Outra objetividade produzida entre todo/as presentes (membros da banca examinadora, ouvintes e pesquisadora) foram as risadas. Atravessadoras em diversos momentos e também expressão da disponibilidade entre os corpos, afirmamos, com isso, a premissa de alteridade, necessária para a construção da transdisciplinaridade (FERRIOTI, 2009).

Para a interlocução entre os saberes apresentados nas cartas, consideramos a trajetória de componentes da banca examinadora que pudessem apresentar distanciamentos com o conteúdo teórico, técnico, ético, estético e político do projeto. Assim, um cuidado foi a elaboração das notas de rodapé que, ao serem referidas no exame de qualificação como um incômodo inicial, ao fim, alcançaram o objetivo ao dialogar com o/a leitor/a, contextualizando-o/a para o universo da pretensa pesquisa.

As **questões sobre a pesquisa** foram predominantemente sobre o/as artesão/ãs de rua. Denominado/as também como *Maluco/as de BR*, surgiram questões referentes a esta população fora do Brasil: como são denominado/as o/as estrangeiro/as e se este/as se inserem neste grupo.

Ao apresentarem a demanda de um coletivo para seu registro como Patrimônio Imaterial no Brasil (LAGE, 2012a), procurar saber em qual das categorias ele/as pensam em se enquadrar e, uma vez institucionalizados com este registro, apontar as limitações e privações que o mesmo é capaz de impor. Além de compreender e se utilizar de tal registro como meio meramente instrumental para, como afirma Lage (2012b), diminuir suas susceptibilidades à repressão policial que os colocam num lugar de ilegalidade. Esta, inclusive, um modo de *desromantização* deste modo de vida.

Indicou-se, com isso, a necessidade da abertura para a escuta e identificação de demandas que possam estar fora do alcance do setor de saúde. A concretização da transdisciplinaridade - novamente - uma vez que tem centralidade a população mais do que a perspectiva/ conhecimentos do campo da saúde.

Sobre as dúvidas geradas pelo limite no conhecimento a esta população, perguntou-se acerca do que tratam as produções científicas referente a ele/as; como compreendem o ciclo/ fluxo de vida, uma vez que apenas nômades jovens são visto/as pelas ruas e praças e, principalmente do sexo masculino (e os idosos, onde estão? Qual o espaço e/ou papel da mulher neste modo de vida?); como aprendem o ofício, em suas variadas formas de produção; se há comunicação entre o/as artesão/ãs, alguma rede entre ele/as; se fazem uso de tecnologias para a comunicação e quais tipos; por onde pode haver suas capturas pelo Capital (compra de materiais, conta em banco, entre outras) e quais os meios que ele/as nos apresentam para o enfrentamento ao CMI.

Da aproximação com o/as participantes da pesquisa e a realização das entrevistas propostas, houve o questionamento acerca da *pré-ocupação* da pesquisadora com o cuidado ao vínculo a ser estabelecido, considerando o lugar de poder que representantes da Ciência podem ocupar, produzindo uma relação assimétrica; e, ao entrevistá-lo/as, a consideração operacional da duração das entrevistas e o conseqüente tempo necessário para transcrevê-las.

Do método, a solicitação de maior explanação sobre a cartografia e de alguns conceitos esquizoanalíticos. Adiantando-nos, vimos percebendo, no decorrer da pesquisa, que a compreensão acerca da cartografia se dá, também, na medida em que esta é experimentada - como todo e qualquer conhecimento, com a especificidade de sua proposta significativa de rupturas científicas, éticas, estéticas, ecológicas e revolucionárias (BAREMBLITT, 2012).

Assim, um exemplo de ruptura foi a referência do site Wikipédia. Houve o destaque em um dos textos da banca examinadora ainda que houvesse uma nota de rodapé contextualizando seu uso, compreendendo-o como um operador conceitual cabível ao contexto devido à poética apresentada. Acrescentamos aqui a possibilidade do uso do Wikipédia para operar como um dispositivo que, como refere Foucault (2006), pode proporcionar a democratização das relações de poderes na qual a produção de conhecimentos se insere. Fazer uso de uma citação do referido site numa dissertação, uma vez que seu conteúdo esteja de acordo a fundamentação teórica apresentada e tenha apresentado algum diferencial em sua escrita-poética, afirma a multiplicidade que compõe o saber. Multiplicidade esta que, sabemos, não é restrita ao *stricto sensu*.

As **potências do estudo** fazem referência, especialmente, à função social das pesquisas científicas e o que estas produzem. A partir da potência - e privilégio - que universidades, especialmente as públicas, ocupam na produção de conhecimento e de ações/ intervenções na sociedade, foi apontado o quanto essa pesquisa pode transvalorar, criar em meio à lógica científica dominante. Com expressa seriedade e leveza ao desafiar os limites instituídos neste tipo de produção que, com sua lógica de rigor e assepsia científicas, não condicionam uma pesquisa à ética de seus/suas realizadores, o enfrentamento a ela tem a função de democratizar os lugares de poder, horizontalizando suas relações.

A ética do trabalho se deu, por exemplo, na busca e realização da disciplina optativa no PPGA, sob responsabilidade da prof^a. dr^a. Aissa Guimarães: *Estética, Artes e Patrimônio Cultural*, intentando conhecer a discussão na área de patrimônios imateriais - uma possível demanda do/as participantes da

pesquisa. Foi apontado, portanto, que compreender suas necessidades e pensar técnico-burocraticamente este processo pode auxiliá-lo/as.

Ainda nas potências desta pesquisa, foi proposta outra forma de produção acadêmico-científicas como a audiovisual. Considerando sua linguagem e difusão que se diferem de artigos científicos ou dissertações e possibilitam um alcance de público mais abrangente e democrático que esses.

O conteúdo acima relatado apresenta-se em ordem não cronológica e com conexões em vai e vem, movimento nômade (VASCONCELOS, 2007), as afecções dos corpos presentes entre suas falas e a não dissociação entre participante-pesquisa-pesquisadora. “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.17).

Foram, ainda, indicadas algumas leituras - a maioria, senão todas, podendo ser caracterizadas no gênero literário, mais do que técnico ou filosófico *stricto* - como Friedrich Nietzsche, com *Assim falava Zaratustra*, pela sua Vontade de Potência; Ana Maria Gonçalves, com *Um defeito de cor*, sobre a serendipidade; Giorgio Agamben, com e sobre *O que é um dispositivo?* e com *Profanações*, sobre criação brincante; Julio Cortázar, com *Papeis Inesperados*, sobre cronópios; Vladimir Safatle, com *O Circuito dos Afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, que afirma os afetos na construção social; e Axel Honneth, com *Teoria do Reconhecimento*, sobre os afetos nas relações interpessoais.

Produção possível em obras-rizoma - isto é, abertas a agenciamentos -, essas interconexões com outros textos e autores são resultado da disponibilidade dos corpos a compor a pesquisa, compreendendo a proposta ético-estético-política desta. A diversidade e espessura dos atravessamentos conceituais e teóricos apresentados pelos membros da banca examinadora são frutos das trilhas de cada um/a.

Sob o julgo de nos enquadrarem numa perspectiva impotente da pós-Modernidade, deixamos registrado o acolhimento e busca pelas fontes

indicadas, com a ciência de que permanecerão aquelas que dialogarem com a perspectiva e tempo de realização do estudo. Não pretendendo um pré-conceito ou fechamento àquilo que não temos conhecimento (aprofundado ou não), mantemos o rigor, ética e compromisso da pesquisa.

“Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 2014, p.65).

2. DOS ACONTECIMENTOS EM CAMPO

Vitória, início em 27 de julho de 2016.

Cara Dirce,

Passaram-se exatos vinte dias desde o exame de qualificação e as demandas e dedicação ao mundo do trabalho prevaleceram em meu cotidiano. Cotidiano, inclusive, que se modificou pouco antes da qualificação pelo fato de eu ter me mudado para o Centro da cidade de Vitória.

Passei a frequentar (inicialmente atravessar, na verdade) todos os dias a Praça Costa Pereira, *n*-o coração da capital capixaba. E foi num dia desses, voltando do trabalho, que fui abordada por um senhor. Ele estava sentado no chão, com um pano vermelho desbotado estendido, expondo suas esculturas de emaranhados de fios metálicos. Eu estava com fones de ouvido e tirei para devolver-lhe o cumprimento. Logo, este senhor de cabelos e barba grisalhos emendou um sorriso desdentado e disse, numa mistura de português com espanhol, que eu era diferente da maioria das pessoas que lá passavam: que eu havia olhado para ele e respondido, fazendo jus às minhas “roupas alternativas”.

Achei engraçado! Inusitado, também. E isso foi mais do que suficiente para me cativar. Sentei ao seu lado, na mureta que delimita o espaço de terra das árvores, e lá ficamos por algumas horas conversando.

Assim seguiram os outros dias, ao longo de duas semanas. Ao sair para o trabalho, por volta das sete horas da manhã, encontrava-o a postos na calçada e nos cumprimentávamos em abraços de quem, em pouco tempo, tínhamos um afeto e respeito mútuo.

Muitas vezes fomos observados de canto de olho por transeuntes da Praça. À primeira vista, este senhor, se não tivesse o pano exposto à sua frente, poderia ser encarado como um mendigo (numa concepção social excludente do termo). Ele não se vestia com trajes coloridos que nos remetem a valores indianos ou do reggae, como a maioria do/as *Maluco/as*. Era uma camiseta de uma só cor, acinzentada, e uma calça de moletom escura e rota.

No retorno, quase todos os dias, ele e outros artesãos e artesãs se encontravam por lá. Quando não, já haviam ido para os lados do Jardim da Penha, na Rua da Lama, aproveitar o fim de tarde e fazer suas trocas. Seus artesanatos por algum dinheiro, comida, bebida ou outras opções que lhes satisfazem o viver.

De início, eu cumprimentava particularmente ao senhor e somente, quando o/as demais me olhavam, eu o/as cumprimentava também. Despretensiosamente. Assim “teve início o campo”. (Coloco entre aspas, porque tive trocas anteriores com um artesão e com uma artesã que, ao longo do aqui denominado período de campo, o/as reencontrei na Praça Costa Pereira.)

Foi a partir do encontro com este senhor que fui me relacionando e me inserindo com o/as demais artesão/ãs da praça. Quem diria? Eu, preocupada e maquinando em pensamentos como chegar, tomar a iniciativa e abordar o/as artesão/ãs, no desejo de encontros com ele/as, mas com o receio de atravessamentos mercantis na relação, eis que sou abordada e acolhida por um dele/as!

Sobre os encontros com cada um/a dele/as, eu lhe escrevo mais adiante, cara Dirce. Dir-lhe-ei os recortes mais importantes e que mais nos interessam e fazem sentido em meio a todo o diário de campo - e de vida - que me renderam esses encontros. O que eu quero lhe contar, neste momento, é de como este campo foi se *acon-tecendo!*

Com o adiantar do mês de agosto, ao final de sua primeira quinzena, os encontros com o/as artesão/ãs foram ficando escassos. Creio que seus

desejos o/as levavam para outros lugares da cidade ou do estado. Então, senti que deveria me movimentar, ir ao encontro dele/as.

Foi assim que passei um final de tarde e o comecinho da noite, na calçada em frente ao Shopping Vitória. Localizado geográfica e aproximadamente no ponto médio da orla que desenha a cidade, é um lugar de muita movimentação no horário comercial. Seja pelo shopping em si ou pelos serviços que por lá funcionam, como a Assembleia Legislativa do Espírito Santo, a nova sede da Secretaria Estadual de Saúde e outros tantos estabelecimentos comerciais privados.

Dirce, foi o dia em que vi a maior concentração por centímetro quadrado de *Maluco/as* na cidade! Mesmo em dias de Feira de Artesanato na Praça dos Namorados (perto de onde eu morava antes do Centro e, portanto, ia com uma certa frequência), não chegava a tanto. Eram doze, ao todo. Na Feira, pode até ser que tenha chegado a este número, mas talvez o contexto o/as deixe mais “camuflado/as”, menos em evidência. Foi esta evidência que também me impediu os contatos.

Eu fiquei um pouco para trás de onde ele/as estavam expondo. Tentei passar despercebida em meio à multidão do ponto de ônibus que fica logo em seguida à *pedra do/as Maluco/as* (como ele/as chamam o lugar onde abrem seus panos).

Eram, em sua maioria, homens. Havia apenas duas mulheres. Sendo estas as mais introvertidas. Não abordavam as pessoas que passavam, atendendo às que se prolongavam um pouco mais no olhar em seus panos. Entre os homens, alguns conversavam entre si, em risadas e altas vozes, e outros abordavam a quase todos que passavam em frente aos panos.

Passei quatro horas entre o observar, perceber e ensaiar como abordá-lo/as, já que o roteiro pré-estabelecido com uma pergunta gerativa (que tem a pretensão de homogeneizar os encontros, diga-se de passagem) não estava fazendo sentido algum para aquele momento. Até que, passando às 19 horas,

alguns artesãos foram indo embora... Atravessei a avenida e fui também. Foi um exercício inicial de preparação do corpo para abordagens intencionais.

Chega a ser engraçado, Dirce, como as pessoas (que têm alguma aproximação com pesquisas científicas), em especial mestrando/as da minha turma que, ao me acolherem quando eu dizia dessa minha dificuldade em agir, confortavam-me dizendo que estava tudo bem, que daria tempo, era “só” fazer entrevistas.

Entendo o que estavam dizendo. É real isso... também! Não concordamos antes que os conhecimentos produzidos constroem realidades e produzem mundos? Então, Daniela Knauth e Andréa Leal (2014) dizem desta produção de mundo a partir da *expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva e os usos e abusos da pesquisa qualitativa*.

Elas vão afirmando o quanto a área da Saúde Coletiva se aproximou à das Ciências Sociais mais pela temática tratada - a da saúde - do que em função de um aporte teórico-metodológico. Assim, os estudos qualitativos na área da Saúde Coletiva apresentam uma superficialidade de referenciais teóricos das Ciências Sociais.

Há, na verdade, o uso das técnicas de coleta de dados características da pesquisa qualitativa – como entrevista semiestruturada, grupo focal, observação – mas sem a devida incorporação desta abordagem metodológica enquanto uma forma de compreender o mundo social, isto é, sem a devida incorporação da discussão epistemológica que embasa o referencial metodológico das Ciências Sociais. [...] A má compreensão da “pesquisa qualitativa”, como sendo o mero emprego de uma combinação de técnicas ditas qualitativas de coleta de dados (para não falar da extrema redução ao emprego de uma única técnica) [...]. (KNAUTH; LEAL, 2014, p.461)

Elas falam de uma grande parcela de estudos, incluindo dissertações e teses, onde os resultados são tópicos, lista de temas ou conteúdos que não são necessariamente relacionados entre si ou sustentados por um referencial teórico. Elas dizem que “[...] com frequência, apresenta-se a transcrição de frases retiradas do discurso dos entrevistados, que são tomadas de forma literal, e não interpretadas ([...] incorporar de forma acrítica o discurso do entrevistado [...] como um dado sobre o real)” (KNAUTH; LEAL, 2014, p.462). Não fazem intrinsecamente análises ou reflexões sobre a realidade produzida neste encontro entre pesquisador/a e participante(s) da pesquisa.

E aqui, intentamos ser diferentes, não é mesmo, Dirce? (Talvez, por isso, possam nos estranhar!) Intentamos uma pesquisa sustentada por um referencial teórico da Análise Institucional - ou Institucionalismo -, principalmente no rizoma da esquizoanálise de Deleuze e Guattari, em composição com Spinoza, Nietzsche, Suely Rolnik, Eduardo Passos, Maria Helena Vasconcelos, entre outros. Por isso, por mais simples que parecesse a outros olhos, não me foi assim fácil ir “coletar os dados” a partir de entrevistas com o/as artesão/ãs. Foi preciso, isso sim, uma disponibilidade e abertura para os encontros, no tempo em que se fizessem necessários!

E foi assim que, no dia seguinte do campo em frente ao shopping, voltando do trabalho, reparei na *Maluca* sentada na Praça Costa Pereira que tinha estado lá em frente ao shopping no dia anterior. Ela estava cabisbaixa e, ao passar por ela, trocamos um olhar e desejamo-nos boa tarde. Abertura o suficiente para que eu chegasse em casa, trocasse de roupa (uma que me permitisse ficar pelas próximas horas sentada na calçada confortavelmente), desse uma inspirada profunda e fosse lá exercer a tal abordagem. E assim foi! Mais uma tarde de diálogo e mais encontros.

Esta menina conhecia outros dois *Malucos* que estavam pela Praça e fomos apresentados oficialmente. Eu os havia cumprimentado em outros momentos, mas sem maiores interações até então. Este grupo de artesão/ãs seguiu seus rumos e permaneceram na praça um casal que mora pelos arredores do Centro.

Não são nômades. Talvez tenham sido em outro momento da vida, mas não foi possível um vínculo maior com eles. A mulher estava grávida e as conversas sempre foram atravessadas por interesses mercantis ou monetários. Não conseguíamos sair deste universo. Ampliamos depois de findado o trabalho de campo, quando a bebê nasceu e ela me mostrava a cria com orgulho e conversávamos sobre sua maternidade.

Alguns dias se passaram e, indo ao trabalho pela manhã, fui chamada por uma voz desconhecida. Era um jovem que me perguntara sobre o senhor (aquele primeiro, que me “jogou” campo adentro!). O jovem dizia fazer tempo que não via o senhor e, por acaso dos encontros-rizoma da vida, eu lhe respondi que tínhamos nos visto um dia antes, nos arredores da Praça dos Namorados, perto de onde ocorre a Feira de Artesanato aos finais de semana.

No dia seguinte, ao passar pela Costa Pereira, estavam o jovem que eu conhecera no dia anterior, com seu irmão e cunhada, e o senhor dos cabelos e barbas grisalhos. Todos adormecidos na calçada.

Não demorou muito para que o senhor saísse novamente pela cidade. Nos encontramos pelo campus da UFES, em Goiabeiras, e por outras ruas do Centro.

Quanto ao jovem, ele permaneceu por um longo tempo pela Praça Costa Pereira. Mais de dois meses. E, neste tempo, conheci mais um *Maluco* que fez sua morada por lá e reencontrei o/as *Maluco/as* que eu havia conhecido antes do exame de qualificação. Ele, na Feira de Artesanato da Praça dos Namorados, e ela, na *pedra* em frente ao shopping Vitória.

No fim das contas, o fluxo de artesãos e artesãs com quem tive oportunidade de criar vínculos, aprofundar conversas e partilhar vivências findou-se com a segunda quinzena de outubro. No sentido literal das contas, Dirce, foram dois meses e meio de campo - intensivamente na Praça Costa Pereira, e com menor intensidade, em outros locais pela cidade (como o shopping Vitória, os arredores da Praça dos Namorados, o campus da UFES de Goiabeiras) -, numa aproximação com sete *Apanhadores de sonhos*. Outro/as tanto/as,

artesão/ãs e artistas nômades que em menor intensidade atravessaram-nos o campo, contarei dele/as em meio aos relatos do/as sete protagonistas.

Eu fico a pensar em como nomeá-lo/as, Dirce. *Maluco/as... Apanhadores de sonhos... Artesãos e artesãs nômades...* Mais do que sinônimos ou estratégias para que a leitura não se torne cansativa ou enfadonha (como muitos materiais *d-e* dicas de escrita de textos, em especial os acadêmico-científicos, indicam), opto por denomina-lo/as por *Maluco/as* e artesão/ãs de modo em geral e, ao tratar dele/as enquanto participantes da pesquisa, a quem devo, por direito e respeito, o conhecimento que aqui estamos produzindo, denomina-lo/as-ei por *Apanhadores de sonhos*. Pois é o modo como consigo expressar e retribuir em palavras os afetos que ele/as me proporcionaram.

Do modo como o/as nomeio individualmente nas cartas a seguir, em composição com a ética de sigilo exigida em pesquisas científicas, crio pseudônimos para cada participador/a da pesquisa numa tentativa de caracterizá-lo/as expressando alguma de suas características (a mim) marcantes.

Enfim... Nesta carta, o que quero registrar e afirmar, Dirce, é aquilo que Gregório Barenblitt (2002) chama de *acontecimento*. Um acontecimento é “[...] ato, processo e resultado da *atividade afirmativa do acaso*. É o momento de aparição do novo absoluto, da diferença e da singularidade” (BAREMBLITT, 2012, p.134, grifos nossos).

Diferentemente de como possam pensar aquele/as que têm o acaso como “[...] uma vicissitude probabilisticamente possível [...]” (BAREMBLITT, 2012, p.134), nós o encaramos em sua potência produtiva da ‘desordem’. É a oportunidade de desterritorialização, estranhamentos e incômodos que, estando nós disponíveis a sustentar, sentir e acolher estes incômodos, podemos ultrapassar a barreira do conhecido e produzir um novo, construir novas realidades (BAREMBLITT, 2012; DELEUZE, 1997a).

O acaso, mais especificamente, é a essência do desejo. Um desejo de concepção institucionalista, também. Gilles Deleuze (1997b) explica na

entrevista que concedeu a Claire Parnet. Para ele, o desejo é coisa simples e concreta. Ele diz:

vocês nunca desejam alguém ou algo, desejam sempre um conjunto. [...] Nossa questão era: qual é a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis? [...] Quando uma mulher diz: desejo um vestido, desejo tal vestido, tal chemisier, é evidente que não deseja tal vestido em abstrato. Ela o deseja em um contexto de vida dela, que ela vai organizar o desejo em relação não apenas com uma paisagem, mas com pessoas que são suas amigas, ou que não são suas amigas, com sua profissão, etc. Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto. [...] Não há desejo que não corra para um agenciamento. O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol...

O que fizemos com Félix foi um agenciamento a dois, onde algo passava entre os dois, ou seja, são fenômenos físicos, é como uma diferença, para que um acontecimento aconteça, é preciso uma diferença de potencial, para que haja uma diferença de potencial precisa-se de dois níveis. Então algo se passa, um raio passa, ou não, um riachinho... É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir (DELEUZE, 1997).

“Traduzindo” as palavras do filósofo da diferença: podia eu muito bem ignorar o incômodo com as entrevistas, suas homogeneizações, gravações e transcrições - *re*-produções -, e materializar esta pesquisa num *modus operandi* por mim já conhecido em outros contextos de pesquisa, mas meu desejo era outro. Era poder me deslocar de um pretenso/ reconhecido lugar de saber - o acadêmico-científico e essas tecnologias de reprodução de encontros - e dar lugar aos estranhamentos (bem como cuidar dos incômodos) que nos encontros com o/as artesão/ãs pudessem aparecer. Para assim, poder dar espaço para emergir o que é dele/as, sem a pré-ocupação em pensar o tempo para operacionalizar as transcrições. Usando este tempo, inclusive, para sustentar silêncios, troca de olhares e sorrisos, atravessamentos de vendas e *mangueios* (como ele/as chamam a abordagem que fazem às pessoas para instigar as trocas ou mercantilização de seus artesanatos)...

Foram estes tempos, silêncios e atravessamentos que possibilitaram os agenciamentos com o/as *Maluco/as* e com aquilo que, ao final, apresentamos nas *In-conclusões rizomáticas*. Denominamos tais agenciamentos por *Curriculum Mortis*, *Produção do cuidado (em saúde?)* e *Desnaturalização da saúde prescritiva*. Fruto do atravessamento de acontecimentos cotidianos que, como sugere Lourau (1993), intentamos fazer destes um caminho para a produção de conhecimento e transformação de nós, finalizamos com uma provocação à *Naturalização da morte*.

E eu entendo que possa haver pessoas que estranhem e até mesmo desqualifiquem esta pesquisa por causa desta postura que assumi enquanto pesquisadora, Dirce. Talvez seja orgânica demais! Exija estar de corpo presente e aberto. E isso implica que nos retiremos do campo da assepsia, “neutralidade” e objetividade (ou seria objetificação?) que alguns/algumas cientistas compreendem como valor fundamental de uma pesquisa científica.

Mas, por ora, é isso, cara Dirce!

Volto a escrever contando-lhe sobre cada um/a desse/as *Apanhadores de sonhos*, com o cuidado e compromisso de expressar o quanto esses encontros só foram possíveis pela organicidade, disponibilidade, parcialidade e subjetividade das pessoas envolvidas neste processo cartográfico de pesquisa.

Os relatos não estarão necessariamente em ordem sucessiva de acontecimentos. Tentarei colocar alguma cronologia para que lhe seja possível acompanhar ou dimensionar o tempo dos encontros, mas o conteúdo das histórias e experiências do/as *Apanhadores de sonhos* muitas vezes, num exercício de sistematização, foram enriquecidos com o acúmulo das trocas, conversas e vinculação, em tempos intensamente aiônicos.

Com desejos,

sua interlocuadora **Irina**

O Expositor de Chão

Vitória, início em 26 de julho de 2016.

Cara Dirce,

Hoje, eu estava passando pela Praça Costa Pereira, a caminho de volta do trabalho para casa, quando um senhor (paradoxalmente calvo e de cabelos compridos) que estava sentado no chão me chamou. Eu estava de fone de ouvidos e os retirei para cumprimentá-lo. Não demorou muito para que, com o seu sorriso desdentado, ele me cativasse a ponto termos passados as três horas seguintes sentado/as no chão da praça conversando.

Conversamos sobre muitos assuntos. Ele tem 62 anos, nasceu no Uruguai, na *Ciudad del Plata*, vizinha à capital *Montevideo*. Faz muitos anos que ele está nesta vida nômade, nem sabia precisar as datas, anos ou lugares por quais já havia passado e vivido.

Talvez pela minha ascendência asiático-oriental, o senhor fez questão de contar (e recontava todas as vezes em que passamos mais de uma hora conversando!) que havia morado na China por alguns anos. Não explicitava o que o havia levado para o outro continente, mas dizia sempre dos chineses que encontrava na rua e a quem ele cumprimentava em mandarim, impressionando-os.

Foi assim, em Vitória, que ele conquistou alguns imigrantes e descendentes daquela terra, quem davam a ele, sempre que se encontrava pelas ruas do Centro da cidade, lanches e comidas ao final da tarde, quando estavam encerrando seus expedientes (quase sempre em lanchonetes ou serviços do gênero).

Ele também perguntava de mim e, ao saber que eu era da capital São Paulo, contou de um dia no vão do MASP - onde tem uma grande concentração de artesão/ãs nômades na cidade - que ele estava expondo e um descendente chinês passou por ele. Ele o cumprimentou em mandarim e o homem voltou para conversar com ele. Em poucos instantes, eles estavam tendo uma empolgada conversa e sendo observados por diversos transeuntes que lá passavam e estranhavam a cena.

Teve outras histórias Brasil adentro e afora como essas (não limitadas ao/as imigrantes ou descendentes chinês/as) que o senhor contava de sua abordagem e as trocas que isso gerava. Ele ressaltava o lugar da humildade na construção de vínculos/ relações, ainda que efêmeras.

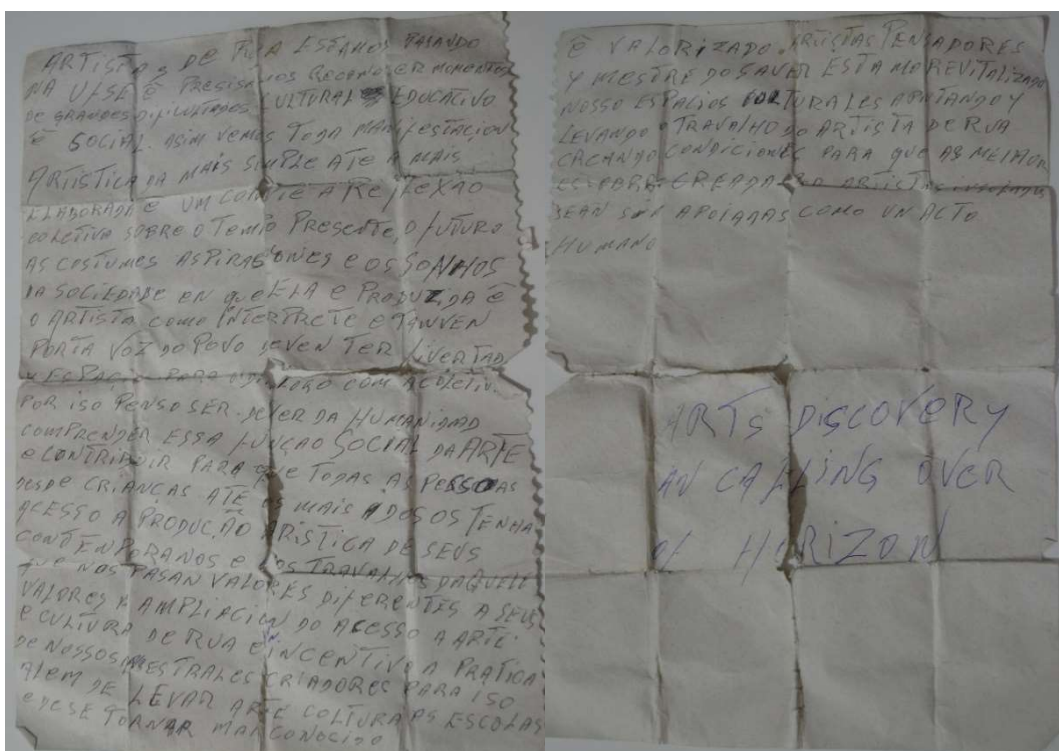
Quando perguntou sobre mim e eu lhe disse, entre outros aspectos, do mestrado. Ele falou, então, dos professores doutores da USP (Universidade de São Paulo) que conhecera e que, ao encontra-lo, chamavam-no para o bar ou para suas casas. Dizia com gosto desta gente intelectual e o modo como o tratavam: horizontalmente e com abraços (daqueles enaltecidos pelo contexto boêmio).

Antes disso, inclusive, ele dizia (sem uma contextualização ou realidade compartilhada) que a vida era uma monografia acadêmica. E eu ria! Por dentro mais do que por fora, mas o suficiente para que ele me perguntasse. Foi aí que falei do meu atual momento de vida e disse, também, da minha perspectiva profissional na docência de ensino superior.

Porém, ainda me questionava se era de fato isso, o quanto a gente (na universidade) produz um mundo muitas vezes não operacionalizável na realidade extramuros brancos ou grades verdes, como os que contornam a UFES. E o senhor sorria, me passando uma sensação entre a calma e a sabedoria, dizendo o quão importante era ter pessoas assim nas universidades, que sentam no chão para conversar com as pessoas da rua, que abraçam *Maluco/as*, que sejam sensíveis a ele/as e que possam fazer a ponte entre o mundo da rua e o mundo da universidade.

Neste momento, empolgadamente, o senhor revirou sua mochila e, dali, tirou um papel dobrado e desgastado. Entregou-me, dizendo que era algo que ele tinha escrito durante a semana, um dia que estava no campus da UFES de Goiabeiras.

Fotografia 1 e 2: Bilhete do *Expositor de Chão* (frente e verso)



Texto escrito: ARTISTAS DE RUA ESTAMOS PASANDO NA UFSE É PREISAMOS RECONOCER MOMENTOS DE GRANDES DIFICULDADES CULTURAL EDUCATIVO É SOCIAL. ASIM VEMOS TODA MANIFESTAÇION ARTISTICA DA MAIS SIMPLE ATÉ A MAIS ELABORADA E UM CONVITE A REFLEXÃO COLECTIVA SOBRE O TEMPO PRESENTE, O FUTURO E AS COSTUMES ASPIRACIONES E OS SONHOS DA SOCIEDADE EN QUE ELA E PRODUZIDA É O ARTISTA COMO INTERPRETE E TANVEM PORTA VOZ DO POVO DEVEN TER LIVERTAD Y ESPAÇO PARA O DIALOGO COM A COLETIVIDADE

POR ISO PENSO SER DEVER DA HUMANIDAD COMPRENDER ESSA FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE E CONTRIBUIR PARA QUE TODAS AS PESSOAS DESDE CRIANÇAS ATÉ OS MAIS IDOSOS TENHA ACESSO A PRODUÇÃO ARISTICA DE SEUS CONTENPORANOS E DOS TRABALHOS DAQUELE QUE NOS PASAN VALORES DIFERENTES A SEUS E CULTURA DE RUA E INCENTIVO A PRATICA DE NOSSOS MESTRALES CRIADORES PARA ISSO ALEM DE LEVAR ARTE COLUTURA AS ESCOLAS E DESE TORNAR MAI CONOCIDO É VALORIZADO. ARTISTAS PENSADORES Y MESTRE DO SAVER ESTAMO REVITALIZADO NOSSO ESPACIOS CULTURALES APNTANDO Y LEVANDO O TRAVALHO DO ARTISTA DE RUA CREADO CONDICIONES PARA QUE AS MELHORES OLBRAS CREADAS POR ARTISTAS ISOLADOS SEAN SIM APOIADAS COMO UM ACTO HUMANO

ARTS DISCOVERY AN CALLING OVER OF HORIZON

Ele me entregou o papel dizendo que era uma mensagem que queria que as pessoas tivessem acesso e pediu para que divulgasse na minha pesquisa, pois assim teria maior alcance. Agradei-o. No coração, uma enorme satisfação em pensar que poderia estar concretizando algo, ainda que mínimo, que essa “população do estudo” realmente deseja: visibilidade o suficiente para que sejam respeitado/as e valorizado/as em suas formas e produção de vida.

Ao nos despedir, eu perguntei a ele se tinha fome, se já havia comido e ele disse que não. Na melhor das intenções, ofereci-lhe o que tinha na mochila, meu lanche da manhã que eu não havia comido durante a jornada de trabalho: uma maçã.

Ele me olhou e, sorrindo com os olhos, agradeceu abrindo seu sorriso de poucos dentes. Foram alguns milésimos de segundos, cuja intensidade nos faz vivenciar o momento por instantes que parecem infinitos, até que eu pudesse, sem graça pela precipitação, pedir-lhe desculpas.

Ele, acolhendo a minha falta de nem-eu-estou-conseguindo-nomear-o-quê, disse que estava tudo bem, que eu não era a primeira pessoa a fazer isso e que ele entendia que era de boa intenção.

Conversamos, então, sobre esses cuidados e afetos que recebemos “de graça”, avulsa e aleatoriamente pela vida e por terceiro/as, quando ele tornou sua expressão séria e disse que hoje, especificamente, fazia quatro dias que ele havia sido liberado da delegacia. E volta a se animar com empolgação de quem está de volta à sua liberdade, me mostrando seu documento de soltura!

Pensei imediatamente que ele teria sido impedido por causa de suas esculturas de fios metálicos sem autorização legal para a venda, pelas referências que eu tinha com os documentários do Rafael (LAGE, 2012b) e pelas páginas das redes sociais da *Malucada*.

Ledo engano! Ele havia sido detido por, ao ser detido a sua entrada no ônibus circular da cidade, agir de forma agressiva. Isto é, segundo ele: socando o ar e

esbravejando palavras de malquereres... Dizia isso entre sorrisos e enrugares de sobancelhas.

Fico a me perguntar, Dirce: quando um senhor idoso daqueles, magro feito pele e osso, ofereceria algum tipo de perigo de agressão? ... julgo que sua aparência “de rua” dê a ele este *lugar de poder*, de quem *pode* oferecer algum perigo à sociedade.

Enfim, segui meu rumo. Isso foi numa terça-feira. Ao longo das duas semanas seguintes, encontrei com ele quase todos os dias, de manhã e ao final da tarde, pela Praça Costa Pereira. Com exceção dos finais de semana e de dois dias de chuva pela tarde.

Foi num dia desses (de chuva amena), inclusive, que não o encontrei. Estava com a embalagem de um pote de margarina recheada de *yakissoba* recém preparado por mim na casa de uma amiga, juntamente com um par de *ohashi*⁵, sobre o qual já havíamos comentado de nossas habilidades cotidianas em seu manuseio.

Vi seu pano, mas não o encontrei. Embaixo da barraca de roupas infantis à frente, estava uma artesã (com quem a aproximação se dava sempre atravessada por interesses monetários, não tendo sido possível, portanto, a troca de ideias em outros âmbitos) para quem eu perguntei. Ela disse que ele havia saído um pouco e eu avisei que estava deixando aquela sacola plástica (com o pote e o par de *ohashi*) para ele. Ela assentiu com a cabeça.

Passado o final de semana, encontro com ele novamente na Praça e ele me agradece a refeição. Disse-me, ainda, que fazia tempo que não sentia aquele tempero (entendo que ele se referia ao gosto mais tradicional do que o que vem sendo reproduzido e popularizado nestas bandas ocidentais).

E, foi depois de quase um mês e meio sem encontra-lo pelo Centro da cidade, o vi sentado em frente a um bar na Rua Sete. Foi neste dia que comemos uma porção de aipim frito. Eu com as mãos e ele, orgulhosamente, com o *ohashi!*

⁵ Talher originário típico de culturas mongóis, conhecido popularmente no Brasil como “pauzinhos”.

Ele me contou mais sobre seu tempo na China, onde havia se aproximado do budismo, aprendido a meditar e a olhar mais tecnicamente produções artísticas gráficas.

Conversamos, também, sobre como ele entendia o cuidado à sua saúde. Ele me disse que passava quinze dias sem se alimentar tranquilamente, bebendo água todos os dias, e que isso não lhe trazia nenhum desequilíbrio fisiológico. Perguntei quando havia sido a última vez que considerou ter tido algum problema de saúde e ele contou que foi há alguns meses, quando estava na cidade do Rio de Janeiro.

Ele estava expondo em algum lugar de movimento turístico, quando duas jovens se aproximaram dele e, com seu carisma e habilidade artesanal, cativou-as. Elas contaram que tinham acabado de fugir de um lugar onde eram exploradas sexualmente e pediram para ficar em sua companhia. Ele relatou ter comprado alguns salgados e refrigerante para elas comerem e, em algum momento, ele começou a sentir dores no estômago e a desenvolver um quadro de diarreia. (Os termos mais técnicos e - talvez - eruditos, são por minha conta, Dirce!)

Para ele, este quadro deveu-se à troca de energias com as garotas. Ele dizia saber que eram energias carregadas devido à história que contaram. Então, o Sol já estava se pondo e ele deu às meninas cinquenta reais e indicou um lugar para dormirem que, ao dizerem que o conheciam, lhes fariam este preço para a pernoite. Ainda que elas tivessem pedido para ficar em sua companhia, ele declinou e foi a algum lugar (não registrei o nome) distante e isolado. Passou três dias no local, meditando, realizando as técnicas de respiração que aprendera na China e se alimentando pelos raios solares e água de coco. Ao final do terceiro dia, estava bem e retornou ao movimento da cidade.

Conversamos mais sobre esses saberes de cuidado e cura do organismo cuja lógica tem chegado mais recentemente a nós, ocidentais. Eu dizia e ele concordava que, por mais que eu tivesse uma ascendência japonesa, adquiri valores desta cultura, e me constituí pessoa em meio a uma cultura ocidental.

Ele compreendeu e acrescentou que esta medicina ocidental é, em verdade, um grande monopólio.

Este foi nosso último encontro. Ainda que tenhamos combinado de nos encontrar no dia seguinte, para eu filmar ele fazendo uma de suas esculturas em fios de metal, ele não apareceu. E compreendo. Fazia alguns encontros que ele me dizia estar tempo demais nesta cidade e isso trazia junto um apego ao qual ele não se permitia viver. Sua moral diz do desapego, da passagem pelos lugares e pessoas. E assim, ele foi efetivá-la!

Sei que está por aí (até outro dia desses, em 2017), porque outro artesão que conheci em sua companhia, disse tê-lo encontrado recente em uma cidade do interior do estado Rio de Janeiro.

Antes deste último encontro, nos esbarramos pela cidade. Um dia, na Praia do Canto (bairro onde acontece a Feira de Artesanato da Praça dos Namorados) e outro, no campus da UFES Goiabeiras.

Na Praia do Canto, era um dia de semana, à noite, quando eu estava retornando de minha, então, prática de arte marcial. Encontramo-nos num cruzamento, ele estava a atravessar a rua e nos cumprimentamos afetuosamente. Desta vez, mais do que no Centro, as pessoas olharam estranhadas. (Este é um bairro mais elitizado da cidade, Dirce.)

Sentamos numa sorveteria da esquina e os atendentes olharam, a princípio, como que perguntando se estava tudo bem, se eu precisava de alguma ajuda para sair de sua companhia. Logo, eles entenderam que estava tudo certo, que éramos conhecido/as.

Ele me contou como haviam sido seus dias desde que tinha saído do Centro, ele foi para algumas cidades aqui nos arredores e pela UFES Goiabeiras. E falou do *ohashi* que eu havia dado a ele, que tinha guardado e o estava usando.

Ele me contou de alguns episódios violentos que viveu (neste meio tempo e na vida) e, com isso, retomava algumas ideias orientais como o Yin e Yang, a

existência da Luz e da Escuridão como componente em cada um/a de nós. Eu dizia que não conseguia visualizá-lo fazendo alguns enfrentamentos mais enérgicos como ele me relatava, e ele me dizia de seu lado escuro. Ele me chamava de “japinha”, num tom afetivo e que expressava de minha pouca idade e experiência de vida perto dele. Dizia o quanto eu não sabia do mundo, do mundo das ruas.

Ele falava que sabia quando podia ou não dormir debaixo da Ponte da Passagem, um local em tanto obscuro que fica entre os bairros Praia do Canto e Jardim da Penha. Um ponto de concentração de pessoas que fazem uso e venda de substâncias psicoativas ilegalizadas que, não raro, são relacionadas a pessoas com comportamentos violentos, agressivos e perigosos (como se o contexto social destas pessoas não fosse violento e agressivo o suficiente para produzir corpos assim...).

Segundo ele, sua Escuridão o permitia saber como lidar quando em situações de perigo iminente e, na minha concepção, sua Luz o fazia sorrir como a um velho sábio de desenhos animados. Ele dizia da importância em afirmarmos nossas escuridões (o que eu, particularmente, venho chamando de incoerências) para que elas possam vir à luz e, assim, olharmos para elas e sabermos “com quem estamos lidando”. Faz sentido isso para você, Dirce? ... Para mim, faz!

Este encontro foi relativamente breve. Despedimo-nos e seguimos nossos rumos. Voltamos a nos encontrar com ele acordando na Praça Costa Pereira, no Centro da cidade. Um dia antes, um jovem artesão havia me perguntado se eu tinha o visto pela cidade e contei-lhe do nosso encontro na Praia do Canto. Assim os encontrei juntos na Praça, o jovem me disse que eles (ele, seu irmão e a cunhada) tinham ido buscá-lo (pois ele havia saído da Praça por ter muito/as artesão/ãs no local e, naquele momento, já haviam ido embora).

Pouco mais de uma semana depois, fui resolver pendências na UFES Goiabeiras da disciplina do PPGA e encontrei uma colega de turma da referida disciplina e, em meio a outras tantas conversas, perguntei se ela conhecia e havia visto o artesão de cabelos e barbas grisalhos. Ela respondeu que o

conhecia, porém não havia o visto naquele dia. Despedimo-nos e não demorou muito para que ela me ligasse dizendo que ele havia acabado de estender ser pano perto da lanchonete do Cine Metrópolis (cinema universitário da UFES).

Fui ao seu encontro e tivemos mais uma tarde de conversas. Fiquei sentada ao seu lado, atrás do pano e lá, foi mais usual encontrar pessoas que o cumprimentavam, que o conheciam. Ele perguntou como eu estava e eu disse estar cansada. Passou uma jovem olhando seu trabalho e ele interrompeu nossa conversa para *manguear* com ela. Trocou sua escultura de formiga por quatro reais.

Naquela tarde, ele havia me contado sobre suas formigas metálicas. Feitas de arame e sementes que pegava da árvore frutífera a nossa frente, ele dizia que as formigas nos mostram valores como o trabalho e a força. E, em meio a esta conversa, passavam formigas, nem tão grandes e nem tão pequenas (não sei especificar a espécie, Dirce), por entre nós e algumas paravam no resto de café que havia no copo descartável que o senhor havia tomado há pouco. Eu as observava e ele comentava que fazia questão de deixar o resto da bebida lá para elas.

Ele se levantou depois do *mangueio* e disse que ia pegar um café. Perguntou se eu queria e respondi-lhe que não precisava, que eu evitava tomar café. E ele voltou com uma lata de refrigerante de coca na mão.

Eu estranhei, perguntei por que da mudança e ele respondeu com a maior tranquilidade que eu havia dito que estava cansada e que não queria café, então, ele comprou este refrigerante, porque sabia que ninguém o nega e que também é um estimulante! Ri comigo mesma e, ainda que também estivesse num movimento de evitar esta bebida, aceitei de boníssimo grado.

Não querendo entrar no mérito se foi o estimulante químico (o refrigerante) ou psíquico (o cuidado ofertado), mas fato foi que dei uma revigorada. Ele me perguntou como andava a pesquisa e eu contei um tanto dos encontros com o/as artesão/as da Praça Costa Pereira que conhecíamos.

Neste momento, disse-lhe da necessidade que tinha em ter documentos assinados por ele/as para que eu pudesse falar sobre ele/as e perguntei se ele poderia assinar. Ele disse que sim e logo mudou o assunto.

Peguei o documento, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e seissenti que, para ele, aquilo não tinha valor, pelo contrário, afirmava o que ele já havia me dito quando nos conhecemos (quando ele me mostrou o documento de soltura da Polícia): que vivemos em um mundo onde nomes, números e papéis dizem mais das pessoas do que o que elas fazem ou gostam ou sentem. Deixei passar.

Demorou um tempo para que ele retomasse o assunto e pedisse para ver o papel que fiquei a segurar. Mostrei-lhe e ele pediu para que eu lesse, pois ele não enxergava muito bem. Ainda que as letras fossem pequenas, lembro também que ele teve dificuldade em ler para mim o bilhete que me entregara em nosso primeiro encontro, que ele mesmo havia escrito. Julgo que, aos moldes de nossa atual sociedade, ele sairia de um serviço de saúde com encaminhamento para um oftalmologista a fim de que este o receitasse um par de óculos. Mas, em sua lógica de vida, isso não se fazia necessário. Ele afirmava seu pertencimento e corpo adequados à idade.

Li o documento que já começava pedindo seu nome. O número de documento lembro que retiramos, eu e o orientador, por entender que poderia não ser adequado a esta população. Uma sensação de incômodo, pois sabiassentia que para ele, isso tudo não tinha um valor significativo. Mas ele se mostrava interessado em saber os objetivos da pesquisa e me perguntava por que eu tinha pensado nisso ou naquilo, o que eu vinha encontrando com o/as outro/as artesão/ãs, etc.

Foi quando li a parte referente à duração da pesquisa: “terá uma duração máxima de 1h”; e garantia de recusa em participar da pesquisa e/ou retirada de consentimento: “Caso decida retirar seu consentimento, não será mais contatado/a pela pesquisadora”...

Se eu não sabia me nomear quando ofereci a este senhor de poucos dentes uma maçã, imagina qual foi a minha reação ao ler tais conteúdos em voz alta. Para ele e para mim mesma, agora, depois de “entrar em campo”, Dirce. Eu, presunçosamente, determinando a quantidade de tempo na qual iríamos ficar a conversar e afirmando um interesse exclusivo na relação apenas para uso e finalidade de pesquisa. Que vergonha!

Mais uma vez, contei com a Luz daquele senhor de cabelos e barbas grisalhos, que reluzia pelos seus sorrisos de olhos e de boca. Eu disse que deveria alterar e adequar estas partes, mas ele nem deu continuidade a este assunto. Continuou querendo saber o que eu estava chamando de Capitalismo Mundial Integrado e assinou o documento.

Comemos um salgado na cantina e nos despedimos.

Foi neste dia, Dirce, que, ao me perguntar sobre o andamento da pesquisa, eu falei da necessidade em pensar como apresenta-lo para fins da escrita e ele me respondeu: “Você pode colocar aí no seu trabalho: *o Expositor de Chão!*” - levantando-se em frente ao pano e abrindo seus braços ao vento.

Cena esta que acontecera momentos antes, quando estávamos com o Sol baixando na nossa frente e produzindo calor e suor em nossos corpos. Algumas folhas começaram a voar pelo chão, ele interrompeu a conversa e falou: “Levanta seus braços” e o fez também. Segui seu pedido e uma brisa refrescante sob os braços nos deu o ar da graça! Rimos, Dirce. Ele da minha cara e eu, de sua graça!

Empolgada e feliz com esses acasos,

Irina

A Encantadora de *Malucos*

Vitória, início em 19 de agosto de 2016.

Cara Dirce,

Depois de quase uma semana sem criar vínculos com mais nenhum/a artesão/ã na Praça Costa Pereira (desde que o *Expositor de Chão* foi embora), compreendi que teria que me movimentar pela cidade.

O campo não há de se fazer sozinho se não houver o movimento impulsionado pelo desejo em fazer acontecer esta pesquisa, concorda, cara Dirce?

Optei, então, por sair do trabalho e seguir outro rumo para ver se encontrava a *Malucada* no caminho, para o lado oposto ao Centro da cidade. E aí, aconteceu. Ontem foi dia de me experimentar em campo.

Fiquei durante horas em frente ao Shopping Vitória, um lugar de fluxo intenso de pessoas aqui na cidade e onde muitas vezes é possível encontrar *Maluco/as* expondo seus panos.

Neste dia, especificamente, estava lotado de artesão/ãs! E aí, confesso, não tive corpo para abordá-lo/as... Mas tudo bem, foi uma experimentação. Voltei para casa no exercício de refletir sobre essa impotência em abordá-lo/as.

Consigo nomear alguns fatores, quase todos fundamentados em experiências próprias, quase todos receios. Como o de atravessamentos unicamente mercantis na conversa/ relação, falta de interesse/ conexão com a proposta de pesquisa, olhares das pessoas ao redor que dificultam o me sentir à vontade, entre outros.

Isto foi importante para que eu pudesse perceber minhas fragilidades e, mais do que criar uma couraça, eriçar minha coluna e aumentar meu tom de voz para nele/as chegarem como se nenhum desses receios pudessem me atingir, optei por acolher meu corpo, dar lugar e espaço a estes receios e trazê-los à luz (tal qual o *Expositor de Chão* nos ensinara) para que eu pudesse olhá-los - os receios -, compreendê-los de onde vinham e saber operar com eles.

A rosa do *Pequeno Príncipe* já me alertara sobre isso, Dirce: “É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Dizem que são tão belas!” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.34).

Foi assim que, no dia seguinte, fiz o trajeto usual de volta para casa quando, na Praça Costa Pereira, reparei na artesã mais distante da concentração de *Maluco/as*. Ela estava vestida com o mesmo vestido verde de pontas de ontem, em frente ao shopping. Passei por ela, que estava de cabeça baixa, concentrada em seu trabalho, ela levantou o olhar e nos cumprimentamos. Atração entre os corpos, como diria Suely (ROLNIK, 2014). Cheguei em casa, coloquei um short jeans, uma regata e um chinelo, e voltei para a Praça para trocar ideias com a artesã.

Na Praça, o fato dela se encontrar mais distante do movimento do/as artesão/ãs me contribuiu para a aproximação, bem como o fato dela ser uma mulher. Isto me proporcionou algumas identidades que me potencializaram a iniciativa para a abordagem.

Comecei a conversa dizendo que tinha a visto ontem, em frente ao shopping, e contextualizei que estava estudando e querendo saber mais sobre o/as artesão/ãs de rua. Ela assentia amigavelmente com a cabeça, mas eu não sentia que estas palavras estavam fazendo algum significado para ela. Engoli o receio da falta de interesse/ conexão com a proposta, e continuei.

Perguntei de onde ela era e a partir de então, a conversa foi se desenrolando naturalmente. Ela tem 24 anos, nasceu, cresceu e estudou em São Mateus (cidade ao Norte do estado) e, depois de terminar o Ensino Médio, conheceu

um *Maluco* e saiu para viajar com ele. Viveram pelo litoral do nordeste brasileiro e ela falava encantada por um lugar na Bahia, especificamente.

Perguntei como era ser mulher nesta vida nômade e ela me dizia não ter tido problemas com isso, afirmando que o fato de estar sempre na companhia de um homem ajudava nisso, a não se sentir/ estar vulnerável. Contou-me que ouviu histórias de algumas *Malucas* que passaram e/ou viveram perigos e violências por conta disso, de ser(mos) mulher.

E ela dizia admirar essas a mulheres, considerá-las muito fortes, pois com tudo isso, continuavam com uma vida nômade, tendo algumas criado suas couraças para lidar com esses perigos e vulnerabilidades. A liberdade com seus ônus e bônus. Como não afirmar, com isso, que trata-se de pessoas que querem produzir outras/ novas formas de estar e se relacionar no mundo?

Ela, particularmente, disse que não se considerava uma *Maluca*, se denominava artesã. Por compreender que não havia muita experiência na estrada e, também, por não concordar com algumas normas que este título impunha por meio de algumas de suas pertencentes.

Ela falou que vivenciou *Malucas* agredindo a outras artesãs verbal e até mesmo fisicamente pelo fato destas não corresponderem a alguns signos como a vestimenta, vestidos longos e coloridos, por exemplo. Por mais que ela preferisse estar de short jeans, a jovem artesã não o usava para evitar desentendimentos com outras *Malucas* na *pedra*.

Ela não generalizou este fato e disse compreender, ainda que não concordasse com os meios de violência. Tem um tanto que está relacionado (e apegado, talvez?) à história da *Malucada*. É como se apresentam ou se diferencia(va)m das outras pessoas (nós, de modos de vida sedentários). Não deve ser tranquilo apagar tais registros na constituição de seus corpos.

Entre conversas sobre modos de vida da *Malucada* e suas artes, no caso, o *macramé*, e alguns silêncios e observações no movimento ao redor, ela começou a me contar sobre seu atual momento de *in-de-cisões* amorosas-conjugais. Contou-me sua história com seu companheiro, que estava no pano

ao lado no dia do shopping e com quem ela viveu desde que começou sua vida nômade, que alugaram um apartamento na Serra (cidade vizinha à Vitória, ao norte) para este mês de agosto, e que vinham tendo muitos desentendimentos e conflitos.

Do que ela foi me contando da relação com ele, sob a minha perspectiva, era algo que se enquadraria em uma relação abusiva. Psicologicamente abusiva. Nos aspectos de que ele podia jogar charme e ter flertes com outras mulheres e, se/ quando ela o fazia, ele iniciava brigas e discussões sobre o seu comportamento - considerando que ele/as tinham um contrato não bem definido e nem dito de relacionamento não monogâmico. Ele dizia também, nos momentos em que ela expressava sua vontade de viajar para outros lugares e/ ou sozinha, que ela não conseguiria nada sem ele ao lado.

Em contrapartida, ela havia conhecido um dos artesãos que estava na Praça Costa Pereira e que ele/as haviam se encantado, chegando a corporificar estes afetos. Mas que ela não podia vive-los com a intensidade desejada, pois o grupo de artesão/ãs conhecia ao/as três (ela e outros dois artesãos) e, além dos julgamentos alheios, a preocupação com os sentimentos que geraria no primeiro.

Ela contava isso olhando com frequência ao redor, como quem conta segredos que não podem ser ouvidos. E me indicava com o olhar o *Maluco* com o qual estava encantada. Falava com os olhos e sorrisos radiantes sobre este *Maluco* e o quanto ele dizia para “fugirem”, para irem viajar sós, que estava apaixonado por ela. E o quanto isso tudo criava uma enorme confusão em seus pensamentos, pois o outro também dizia de sua paixão e encantamento por ela, a *Encantadora de Malucos*.

Passada as 15 horas, horário em que um restaurante *self service* do Centro libera marmitas por três reais, o tal *Maluco* argentino, que também estava na Praça, apareceu com uma refeição e a chamou para almoçarem. Ela me ofereceu, eu declinei, e o casal sentou-se um pouco atrás do pano dela, onde estávamos. Fiquei sentada por lá, observando a *Malucada*, quase todo/as comendo.

Terminado o almoço, era o momento em que praticamente todo/as saíam para “fumar um”. Com exceção de um, outro artesão argentino, mais velho, que veio se apresentar e me fazer companhia. (Mas sobre ele, eu conto mais adiante, Dirce.)

O/as artesão/ãs foram voltando à Praça e eu me despedi da *Encantadora de Malucos*. Passou-se o final de semana, e voltei a encontrá-la no meio da semana seguinte. Pelos primeiros dias, ela não estava pela Praça.

Eu estava voltando do trabalho e, neste dia, tinha um grupo de músicos se apresentando na outra beira da Praça, quase em frente ao Theatro Carlos Gomes (que fica no lado oposto à *pedra do/as Maluco/as*). Sentei no banco para apreciá-los e via, mesmo com minha miopia astigmática sem a correção dos óculos, as imagens da *Encantadora de Malucos* e outro/as artesão/ãs conhecido/as do outro lado, por entre as árvores.

Quando a banda estava encerrando sua apresentação, antes mesmo que eu me movesse em direção à *pedra*, a *Encantadora de Malucos* veio ao meu encontro alegremente. Disse que tinha visto “a japa ali” e veio falar comigo. Ri!

Conversamos sobre os dias, meus e dela, que se passaram e nos prolongamos no desenrolar de suas histórias amorosas-conjugais: seu companheiro soube que ela estava se relacionando com outra pessoa e pedia para contar-lhe quem era. Ela resistia em não falar, ao passo que se encantava mais e mais pelo artesão argentino.

Neste dia, ambos estavam na Praça. E ela ria ao falar da possibilidade do primeiro achar que a outra pessoa da relação pudesse ser eu, ainda mais com este movimento dela ter ido ao meu encontro.

Novamente que fiquei feliz com a possibilidade de poder servir de válvula de escape quanto a este pensamento persecutório-controlador de seu companheiro, Dirce.

Perguntei o que ela vinha pensando de seu futuro próximo e ela respondia com ansiedade não saber o que fazer. Disse do prazo do contrato no apartamento

que alugaram, que se encerraria em menos de quinze dias. Sabia que não continuariam ali, mas que ela tinha um tio que morava na cidade (Serra), na casa de quem poderia ficar se decidisse se manter por Vitória e arredores.

No decorrer da conversa, ela expressou sua preocupação com seu companheiro que estava sempre atento a nos observar. Em algum momento, ela saiu para falar com ele, retornou e, depois de um tempo, percebi que essa observação alheia a incomodava. Fomos para junto do/as demais artesão/ãs e acabamos nos dissolvendo por entre ele/as.

Passaram-se os quase quinze dias e não mais a vi pela Praça Costa Pereira e nem pelo shopping, por onde passei alguns dias - neste, sem me relacionar com outro/as artesão/ãs... a conjuntura é outra, mais de passagem.

Eu ficava a pensar o que ela teria decidido de seu rumo, cara Dirce. Ainda que gostasse de pensar na possibilidade dela ter dado vazão à sua intensidade atual, julgava, pelo histórico de seu relacionamento (e pelo lugar e peso que o ser mulher em uma relação conjugal ocupa/ carrega sócio historicamente), que ela teria se mantido com seu companheiro.

Um dia, ao final do expediente, subi no ônibus que vai para o norte da cidade e a encontro sentada no primeiro banco passando a catraca! Ela estava com um olhar perdido (em pensamentos, muito possivelmente) quando nossos olhares se encontraram. Tinha um assento no banco ao lado, cujo espaço do corredor não nos impediu de conversarmos afoitamente sobre o seu futuro próximo. Ela perguntou onde eu desceria e respondi-lhe que desceria no Jardim da Penha. Tínhamos, portanto, cerca de vinte minutos a meia hora para nos atualizarmos.

Perguntei o que estava acontecendo de sua vida, ela abriu um sorriso e disse que estava indo para a casa de seu tio pegar seus pertences, de onde seguiria para sua cidade, São Mateus, encontraria o artesão argentino e o apresentaria à sua família! De lá, decidiriam para onde viajar.

Perguntei sobre o que ela vinha pensando desta apresentação para a família e ela respondeu ansiosa e apaixonadamente que não sabia, que provavelmente seria um choque, em especial para a avó dela, por quem ela tem o maior

carinho entre seus familiares, mas que acreditava que o amor da família e o carisma do artesão argentino dissolveriam esta tensão com facilidade.

O ponto no qual eu desceria estava próximo e optei por descer no seguinte, para que pudéssemos ter um pouco mais de tempo para nos despedir em meio a excitação afetiva pela qual estávamos tomadas.

Trocamos contatos de redes sociais virtuais e tenho visto que ela teve bons frutos sua escolha.

Não que as redes sociais virtuais expressem a realidade, Dirce! Julgo desta forma. Mas o fato dela compartilhar fotos de momentos em sua cidade por mais de um mês e continuar compartilhando momentos de paixão, me dão a leitura de que foi/ está sendo possível boas experiências a decisão.

Ainda mais empolgada e feliz com esses acasos,
de sua interlocuadora, Irina

O Pai de Lola

Vitória, início em 19 de agosto de 2016.

Querida Dirce,

Hoje foi um dia intenso! Conheci a *Encantadora de Malucos* e, oficialmente, ao *Pai de Lola*, a cachorrinha que fica a dar “Bom dia” sob o som de latidos a mim e a praticamente todo/as que passam pela Praça Costa Pereira.

Eu já havia cumprimentado a ele outros dias, depois de ter conhecido o *Expositor de Chão*, ainda que tenha o visto pela Praça desde antes. Confesso que seu tamanho grande, seus óculos escuros mesmo em dias nublados e sua voz grossa e imponente que atravessava a *pedra*, quase sempre chamando a atenção de Lola, não me facilitaram a empatia (ou seria: me intimidaram?). O cumprimento era algo cordial em respeito e educação às pessoas as quais se encontram num mesmo local.

Mas hoje, foi diferente: eu estava sentada com a *Encantadora de Malucos* atrás de seu pano, quando ele veio me cumprimentar com um aperto de mão e foi se inserindo na conversa. Começou resmungando de uma criança (a menina não devia ter dez anos) que estava pedindo por uma de suas pulseiras, dizendo que não fazia caridade, num tom que soava avareza.

A menina continuava em frente ao pano e ele retornou para falar com ela. Em meio à conversa com a *Encantadora de Malucos*, eu o vejo entregar uma pulseira a criança. Ele retorna para nós dizendo, desta vez com um tom de voz mais manso, saber o que era isso que a menina passava. Contou que, quando criança, também vivia a pedir as coisas e, quando as ganhava, ficava feliz. Ele disse não ser justo que não retribuísse o que o mundo havia lhe proporcionado

até então e comentou a felicidade da garota com o presente. Sempre com uma cara de poucos amigos.

A *Encantadora de Malucos* retirou-se para almoçar com outro artesão que estava na Praça e o *Pai de Lola* se aproximou perguntando: quando eu iria pegar minhas coisas e “cair no mundo”? Não contive um sorriso e respondi-lhe que vontade era o que não faltava.

(Pronto! Barreiras quebradas, cara Dirce.)

Eu perguntei a ele do porquê a cara e o tom de voz ranzinza com uma criança e ele disse ser assim, fechado. Emendou que já havia me visto pela Praça “trocando ideia” com o *Expositor de Chão*, mas que não sentia abertura para vir somar na troca de ideias. Concordei ao dizer que eu tinha um tanto de vergonha em sair conversando com as pessoas assim, alheia e aleatoriamente, e que sua postura fechada também não contribuía. Ele riu e me disse que para “cair no mundo” não podia ser assim, que eu aprenderia a sair falando com toda e qualquer pessoa.

Foi uma conversa de apresentação/ conhecimento um/a do/a outro/a. Ele disse ter seus trinta-quase-quarenta anos, ter nascido na Argentina, em alguma cidade que não eu não conhecia (e não guardei o nome), perto da capital *Buenos Aires*. Eu falei que era paulistana, que estava em Vitória há pouco mais de dois anos, que vim à trabalho e que me encontrava, também, no mestrado.

Ele perguntou sobre o que era minha pesquisa e eu respondi que era com artesão/ãs nômades. Aproveitei para questionar como se chamavam, como se identificavam fora do Brasil, considerando a nomenclatura *Maluco/as de BR*, com ênfase no “BR”. Ele disse que eram simplesmente artesão/ãs, que esse nome de *Maluco* era coisa do Brasil e que ele não se importava em também falar assim.

Contou-me um tanto de sua história de vida. Ainda criança, havia sido entregue a uma instituição de abrigo para menores de idade; aos quatorze anos pegou a mochila e saiu para vender algum artesanato em uma praça pública de *Buenos Aires*, quando um homem (pelo que entendi, também artesão nômade) o

abordou e disse que ainda não tinha condições de viver aquela vida, deu-lhe um dinheiro e o levou à instituição de abrigo da cidade, que o entregou de volta à primeira; ao completar dezoito anos e não mais pertencer à esta instituição, ele deu início à sua vida itinerante.

Ele disse ter um filho adolescente que mora com a mãe e com quem mantém contato virtual e telefônico com frequência. Têm uma boa e afetiva relação, e o menino disse recente que queria viajar com-o o pai. Ao referir isto, o *Pai de Lola* fez uma cara de reprovação e disse que havia dito ao filho que não era hora, que primeiro ele tinha que crescer e terminar os estudos no colégio para depois ter consciência do que realmente queria fazer da vida.

Eu perguntei de sua trajetória escolar e o *Pai de Lola* disse que tinha terminado o equivalente ao Ensino Médio no Brasil. Disse considerar importante esta etapa para conseguir espaços no mundo em que vivemos, ainda que seja para seguir uma vida fora dos padrões como ele. Ele também contou que não vive apenas da *artesanía*, passou tempos mais demorados na sua cidade e na capital argentina trabalhando formalmente como electricista.

Falou de alguns lugares e histórias por onde passou, sempre pela América Latina, e que estava em Vitória fazia mais de um mês. Estava gostando da cidade, um clima agradável e achava bem tranquila, as pessoas não o maltratam e nem tem problemas com a Segurança Pública.

Ele me contava, com orgulho, que conseguia “levantar” o dinheiro sempre que precisava ou mesmo satisfazer suas necessidades/ vontades referentes à alimentação e substâncias psicoativas (álcool e tabaco, já que ele não fazia uso de outras drogas ilegalizadas), especialmente na Rua da Lama, perto do campus da UFES Goiabeiras.

A única vez que se mostrou preocupado com um não acúmulo monetário foi um dia quando estava em busca de uma vacina para Lola, a cachorrinha. Ela, inclusive, tinha recém o mordido: perguntei-lhe do arranhão que estava em seu nariz e ele me mostrou um na mão que estava inflamado e infeccionado. Ele disse que isso estava tornando seu trabalho artesanal mais demorado e,

quando perguntei se ele tinha a pretensão de tratar o machucado, ele não se mostrou preocupado com isso.

Falei da Unidade Básica de Saúde dois quarteirões acima da Praça. Ele resmungou sobre burocracias como a necessidade de documentos para o atendimento e o tempo para que este ocorresse. Não dava muita importância para esse tipo de tratamento, entendia que era mais uma questão de tempo para o corpo se reconstituir. Perguntei se já havia necessitado de algum atendimento médico ao longo de sua vida nômade e ele não relatou nenhum.

Nos dias seguintes, indo para o trabalho durante a semana, passava pela Praça Costa Pereira sempre ao som de Lola e seu pai. Estava sempre ele e seu parceiro argentino a postos, com seus panos abertos, e Lola. Na volta, nem sempre os encontrava e, aos finais de semana, eu sabia que estavam pelos lados da Rua da Lama. Encontramo-nos por lá uma vez, eles estavam vestidos com camisas sociais escuras, uma outra apresentação de suas pessoas.

Um único sábado que o encontrei pelo Centro, foi quando estava atravessando a Praça Costa Pereira para sacar dinheiro no banco para a feira que ocorre na Rua Sete e estava acompanhada da senhora com quem morava. Ela estava reticente em andar até o banco (que para ela era longe) então, ao encontrá-lo, pedi-lhe que a fizesse companhia enquanto eu realizava tal tarefa.

À distância, fui acompanhando a cena até onde o campo visual permitia e o via cuidadosa e pacientemente conversando com a senhora. Ela com algumas dificuldades auditivas e ele com seu sotaque “portunhol”. Retornei e o agradei. De seu jeito parrudo, ele aceitou o agradecimento meu e da senhora.

Outro dia, quando havia um trio de músicos nômades se apresentando na Praça Costa Pereira, ao conversar com o *Pai de Lola* no final da tarde, ele me contou que eram argentinos também. Eu o presenciei informando aos músicos do restaurante que fornece marmitta a três reais depois das 15 horas e, conversando com ele, me indaguei em voz alta se haveria alguma conexão com a crise socioeconômica que estava havendo no país.

O *Pai de Lola* me deu uma dimensão da situação ao dizer que o custo de vida lá estava muito caro e ilustrou contando que, no Brasil, em um dia com cem “dinheiros”, ele conseguia almoçar, comprar um maço de cigarros, refrigerante e bebidas alcoólicas, comer algum lanche na rua e ainda lhe sobrava dinheiro. Na Argentina, um almoço sairia por trinta “dinheiros”, o refrigerante e o maço de cigarros por mais quinze cada, e as bebidas alcoólicas por mais quarenta, acabando o dinheiro sem que pudesse tomar um lanche. Foi a conta mais funcional que já me apresentaram sobre câmbio, Dirce!

Ficamos um tempo sem nos encontrarmos. Voltei a vê-lo/as (o *Pai de Lola*, Lola e o parceiro argentino) depois de mais uma semana, numa sexta-feira depois de um feriado. Cumprimentamo-nos. Eu disse estar feliz por revê-los e eles retribuíram com um sorriso. Assim, segui caminho para o trabalho.

Passou-se o final de semana e, na terça-feira eu ia cumprimentá-los brevemente, apenas com um “oi”, quando, ao passar pelo seu parceiro, este me estendeu a mão e, segurando a minha, fixou-me o olhar durante alguns milésimos de segundos e que duraram uma finita eternidade.

Estranhei este acontecimento. Seissentia que tínhamos criado um vínculo, assim como com o/as outro/as sobre quem escrevo, com a diferença que a construção do vínculo com este, o parceiro argentino, se deu mais pelas trocas silenciosas de presença e menos por conteúdos que tenham gerado algum conteúdo para a pesquisa. No final do dia, após o encontro inusitado com a *Encantadora de Malucos* no ônibus, compreendi o que este acontecimento queria dizer: aquele olhar de finita eternidade corporificava uma despedida que não demos tempo e nem palavras para verbalizar.

Antes, em nosso último encontro mais demorado, eu estava sentada com o *Pai de Lola* ao redor de seu pano quando adolescentes vieram ver seus trabalhos. Elas tentaram *manguear* com o *Apanhador de sonhos* e este não cedeu. Ao se retirarem, ele resmungava para mim que não fazia nada “de graça”.

Não demorou muito para que eu lembrasse do brinco que seu parceiro havia confeccionado para mim com fecho de pressão (que aprendera para adaptar a

peça). Comentei que estava me machucando e, como seu parceiro não estava pela *pedra*, perguntei se ele teria um alicate para eu tentar arrumar a ponta que me incomodava. Ele tirou seu alicate de sua pochete que estava no chão e pediu para ver o brinco, consertando-o.

Sor-rindo-lhe, eu repeti a frase que ele acabara de falar: “Não faço nada de graça para os outros”. Ele deu de ombros e me entregou a peça ajeitada.

Com risadas e atenta mais às ações do que às verbalizações,

Irina

O Tarólogo Confidente

Vitória, início em 01 de setembro de 2016.

Cara Dirce,

Hoje eu fui abordada por um jovem artesão na ida ao trabalho. Eram sete horas da manhã quando, à espera do sinal abrir para o/as pedestres, uma voz jovial grave me perguntara sobre o *Expositor de Chão*. Olhei para o lado e vi um jovem amarrando um fio entre os postes de luz para expor seus filtros (apanhadores) dos sonhos. Respondi-lhe que havia o visto um dia antes pela Praia do Canto e segui meu trajeto.

No dia seguinte, pela manhã, estava o jovem, seu irmão mais novo e a namorada, e o *Expositor de Chão*. Todo/as com seus panos abertos, meio adormecido/as, meio acordando. O *Expositor de Chão* foi o único que levantou para me cumprimentar.

Alguns encontros depois, eu soube pelo jovem artesão que “*Maluco/a* que é *Maluco/a*” segue algumas regras e tem algumas éticas: dormir atrás do pano não é uma delas, o que os categoriza como *Micróbios*, um termo utilizado pejorativamente no vocabulário da *Malucada* para diferenciar àqueles que não compactuam dos signos (como no caso das vestimentas que a *Encantadora de Malucos* contou). Para ele, no entanto, o que diferencia *Maluco/as* de *Micróbios* é o tempo de estrada, apenas.

Neste dia, no retorno do trabalho, por volta das cinco da tarde, o *Expositor de Chão* já não estava mais. Fui ao encontro do/as três jovens para perguntar ao mais velho como ele sabia que eu conhecia o artesão mais velho e ele respondeu ter me visto conversando com o primeiro.

Na Praça, estava acontecendo a I Feira da Reforma Agrária do estado. Comentávamos o quanto a Praça Costa Pereira podia ser mais utilizada para eventos públicos quando presenciei uma jovem que trabalhava em uma das barracas nesta Feira veio entregar-lhes alguns pacotes de biscoitos salgados. Ela disse tê-lo/as visto o dia inteiro na praça e era uma forma de contribuírem com a forma de vida que levavam. Ele/as agradeceram e pediram a troca de um dos pacotes por um de biscoitos doces e ela atendeu ao pedido.

Voltamos a conversar e o jovem me contou da sua trajetória nômade. Ele nasceu em Macaé (RJ) e tem 21 anos. Saiu de casa pela primeira vez em 2012, aos 17 anos, e foi para São Paulo. Passou pela capital e ficou durante dois anos pelas cidades do interior, nos arredores de Vargem Grande. Depois de um tempo na cidade, veio a saber que tinha uma tia lá, a quem visitava em alguns momentos, em especial quando necessitava lavar sua roupa ou estava com muita fome.

Como trabalho, na época, ainda não sabia fazer artesanatos e o que oferecia era o jogo de *tarot* cigano que aprendeu a jogar com sua avó, de quem referencia ter herdado o nomadismo. Atualmente, mal expõe o baralho no pano. Disse escolher as pessoas para quem vai tirar: “Não é para qualquer um”. Contou já ter levado muito xingo e negação de pagamento por não acreditarem ou não gostarem do que as cartas disseram, por isso, hoje, ele está mais seletivo.

Agora, ele aprendeu a fazer os trabalhos em macramê e durepox. Foi em Vitória que ele aprendeu a entalhar madeira, fazendo desenhos e escritas, especialmente em cascas de cajá, que consegue muito pelo chão da UFES Goiabeiras; e os trabalhos em fios de metais, com o *Expositor de Chão*. Ele disse que seus filtros dos sonhos não fazem muito sucesso, apesar de ser algo que ele gosta de fazer e, por isso, insiste nesta produção. Recentemente, em outra cidade do estado, conseguiu algumas penas de arara em troca de um pouco de fio de cobre que tinha.

Estava fazendo sete meses que o *Tarólogo Confidente* havia saído novamente de sua casa em Macaé, desta vez, na companhia do irmão mais novo (por

parte de pai) com quem até então não se dava bem. Mal conversavam, contou-me. Ainda em Macaé, ele trabalhara formalmente como monitor em *buffet* de festas infantis e com consertos de computadores e afins.

Nesta viagem, ele e o irmão mais novo chegaram ao estado atravessando a divisa Campos-RJ/ Cachoeiro de Itapemirim-ES a pé. Ficaram alguns dias em Vitória, na Praça Costa Pereira, quando a *pedra* começou a ficar muito movimentada e eles foram expor numa rua, nos arredores do Theatro Carlos Gomes, onde conheceram o *Expositor de Chão*.

Foram para Aracruz, uma cidade do estado ao norte da capital, e permaneceram por lá um tempo, onde o irmão conheceu e começou a namorar uma menina da cidade, quem estava agora com eles. Era a primeira experiência dela nesta vida de artesã nômade.

Conversamos até começar o som de forró da banda de um dos assentamentos. Um menino, também jovem, de passagem, ficou por um tempo no pano, conversando com o/as três. Foi embora, voltou e permaneceu, oferecendo cigarros e a compra de bebidas para a noite. Neste meio tempo, o *Tarólogo Confidente* leu as cartas ciganas para mim e, no retorno do menino de passagem, saíram para ir ao mercado comprar as bebidas.

Ficaram a/os quatro bebendo e eu fui ouvir o forró mais de perto, deixando minha mochila sob seus cuidados. Ao retornar, ele/as não estavam no pano. Fiquei tensa por alguns segundos, pois já estava noite e escuro. Eu já havia deixado minha mochila em outros momentos pela praça, sob os olhares (ou não, necessariamente) de outra/os *Maluca/os*, mas nunca à noite. Precisei avistá-la/os no banco em frente para me tranquilizar. Ela/es tinham se juntado com outros dois *Malucos* e estavam a curtir a noite, então peguei meus pertences, agradeci e despedi-me.

No final da semana, num sábado de manhã, passei pela Praça, a caminho da aula de um curso que estava fazendo e vi apenas o irmão do *Tarólogo Confidente*. Perguntei do/as demais e ele disse que estavam tomando banho e iriam viajar. Ao ouvir estas palavras, o tempo paralisou por alguns milésimos de

segundos: a sensação de mais uma despedida sem tempos e nem palavras que permitissem a expressão dos afetos construídos em nossos encontros, como foi com o *Pai de Lola* e seu parceiro. Creio que é sobre esse tipo de sensação que Bondía (2002) se refere, cara Dirce: sobre estarmos aberto/as e vulneráveis ao encontro com o/a outro/a e construir, com isso, afetos e ligações. Exercício de construções singulares em meio a tanta falta de tempo para si e, mais ainda, para o/as outro/as.

Passaram-se mais de vinte dias e, após encontrar o *Expositor de Chão* pelas calçadas do Centro e termos comentado sobre o *Tarólogo Confidente*, reparei num pano vermelho com *tramos* (como são chamadas as *artes*, as produções artesanais do/as *Maluco/as*) que me eram familiares, mas os cabelos loiros assimetricamente descoloridos, não. Era o *Tarólogo Confidente* de cabeça abaixada, concentrado no polimento da peça madeira que ele havia talhado algumas palavras.

Chamei-o pelo nome e ele levantou o rosto. Estava quase irreconhecível com aquele novo visual, mas a risada tirara qualquer dúvida. Cumprimentamo-nos e eu comentei que havíamos falado sobre ele ontem. Foi um encontro breve, pois eu ia retornar para encontrar com o *Expositor de Chão*, quem eu havia combinado de filmar fazendo uma de suas esculturas.

Retornei à Praça. O *Expositor de Chão* não apareceu e fiquei a conversar com o *Tarólogo Confidente*. Ele me contou o que aconteceu desde sua saída de Vitória. Foi com o irmão e a cunhada novamente para Aracruz, onde encontraram o *Pai de Lola* e seu parceiro que estavam a caminho de São Mateus, ao encontro da *Encantadora de Malucos*.

Para o *Tarólogo Confidente*, Aracruz é uma cidade tranquila, mas onde o tempo passa mais rápido do que em Vitória. Primeiro, porque eles dormem e expõem na praça da Igreja que, das cinco horas da manhã até às dez da noite, toca as badaladas que lhes informam as horas e, segundo, porque as pessoas da cidade são mais acolhedoras e se relacionam com maior facilidade e intensidade do que na capital. Quando começam a sair do serviço, as pessoas param para conversar com eles e o tempo vai passando.

Lá, não tem muitas opções na noite, então eles dormiam cedo. Aproveitavam que seriam acordados às cinco da manhã pelos sinos. Voltavam a dormir até às seis, quando ficavam ainda deitados, porém já despertos para se levantarem assim que chegava o primeiro funcionário da loja onde dormiam em frente. Tomavam banho na casa de amigos e, todos os dias, conseguiam o que comer. Ou por terem feito trocas com seus *tramos* ou porque as pessoas davam comida, inclusive pessoas que levavam marmitas de suas casas para eles.

O *Tarólogo Confidente* estava sozinho desta vez. Seu irmão e a namorada tinham retornado a Macaé-RJ. O casal tinha retornado a Aracruz a contragosto, para acompanhá-lo, pois ele havia “deixado uma parte de seu coração” na cidade e contou desta relação conjugal que estava vivendo, ele falou sobre os planos de voltar para o Espírito Santo em abril do ano que vem para vir buscá-lo (seu companheiro) durante suas férias e levá-lo para conhecer o Rio.

Quando perguntei sobre o irmão e a namorada, o *Tarólogo Confidente* me contou um episódio em Aracruz, que o companheiro anterior da jovem tinha ido ameaçá-la por saber que ela estava viajando com outro parceiro e acionou o Conselho Tutelar. Segundo ele, a menina não tem um suporte social familiar, sua mãe a rejeitou, ela se afastou da família e, mais recente, deste companheiro.

Isso fez com que o casal fosse embora direto para o Rio. O *Tarólogo Confidente* permaneceu na cidade e foi abordado por um conselheiro tutelar para saber sobre a menina. Ele contou que, no dia anterior, haviam sido desrespeitados por representantes do Conselho Tutelar, ignorando os jovens na abordagem à menina e isso contribuiu para que ele não fornecesse nenhuma informação. Ainda que “foragida” do Conselho, ele dizia estar tranquilo com a situação, pois tinha certeza de que nunca saberiam dela.

Em alguns momentos, o *Tarólogo Confidente* demonstrou e expressou as saudades que estava sentindo da mãe, da tia e do afilhado de cinco anos (filho de sua tia). Atualmente, sozinho e “abandonado” (sic) pela cidade, sua

companheira e fiel escudeira é Lucicleide, a aranha que ele fizera, inspirado na aranha que ganhou do *Expositor de Chão*.

O *Tarólogo Confidente* foi o mais novo *Apanhador de sonhos* com quem eu havia conversado e com quem encontrei por maior período de tempo. Senti-me a/ com vontade de entrevistá-lo, experimentar a técnica anunciada no projeto de pesquisa, para sentir-saber com o corpo vibrátil, de fato, a pertinência ou não de tal estratégia como via para a realização da pesquisa. Assim, falei sobre o mestrado e perguntei se ele aceitava ser entrevistado. Ele aceitou tranquilamente, contando sobre outra entrevista que deu a duas meninas do curso de Jornalismo de uma faculdade particular da cidade. Assinou os termos de consentimento e de autorização do uso de imagem automaticamente, sem muito interessar-se por eles.

A entrevista foi um momento estranho. Meu corpo estava cindido: de minha parte, não estava à vontade. Meu devir cartesiano solicitava o direcionamento da conversa para algo relacionado à saúde, em seu sentido mais nuclear, enquanto meu devir cartógrafa, ia dizendo para deixar a conversa rolar, sem pretensões de se chegar a uma finalidade específica, dando espaço para que os conteúdos pudessem emergir. A diferença se dava, portanto, numa nomeação do encontro - naquele momento, enquanto uma entrevista -, e o gravador a nos registrar.

Da parte do *Tarólogo Confidente*, este se portava de modo diferente: endireitava a postura, ficando mais altivo, falou mais alto e articuladamente, me olhando ao final de cada fala como quem queria ouvir a próxima pergunta para que esta desse continuidade a suas falas. O que era planejado metodologicamente para ser uma conversa aberta acabou por se tornar algo mais parecido com pergunta e resposta.

Do conteúdo da entrevista, além do que já havia sido conversado em outros momentos (e que lhe contei mais acima, Dirce), o *Tarólogo Confidente* falou das dificuldades em ser atendido nos serviços públicos de saúde por não portar documentos de identidade e relatou fazer uso de serviços de saúde apenas para odontológicos (limpeza dos dentes) ofertados pelo plano de saúde de seu

pai. Disse nunca ter ficado doente nas viagens e relatou um episódio recente quando teve uma bolha de pus na gengiva, tentou o atendimento na Unidade de Saúde que o recusou pela falta de documento, optando, então, por estourar a bolha com sua agulha de artesanato e água morna para o bochecho.

Comentou das pessoas “normais”, que comprem remédios para tudo quanto é desconforto que sentem e relatou sustentar a dor quando esta dava sinais em seu corpo. Uma questão de tempo para sua recuperação sem intervenção medicamentosa.

Perguntei sobre alimentação e ele falou do que denominamos falta de higiene/higienização das mãos, que nunca gerou nenhum desequilíbrio em sua saúde depois da ingestão dos alimentos com as mãos “sujas”. Da frequência, disse ter passado quase um mês sem comer devido a briga com todos seus familiares que discordavam do modo de vida que tinha adotado, de *Maluco de BR*, e passava alguns dias (cinco, no máximo) sem comer, quando não conseguia fazer as trocas necessárias para tal. E que não era um problema, pois quando ele necessitava, os *mangueios* eram suficientes para satisfazer suas vontades.

Conversamos de suas trocas, que nem sempre são monetárias. E ele, assim como a *Encantadora de Malucos* e o *Pai de Lola* falaram em algum momento, entende que o/as *Maluco/as* fazem parte do capitalismo - tal qual ele/as o compreendem. Referiram isso afirmando que fazem o dinheiro rodar com a venda de seus artesanatos, bem como pagam impostos ao comprar as matérias primas: a integração/ incorporação ao Capital, mesmo de quem apresenta tentativas de rompimento com este sistema sócio econômico, como aponta Guattari.

Ao final, quando ele dizia de sua vontade de finalizar um curso de língua inglesa para aprender a falar e jogar seus *games*, perguntei se ele tinha vontade de mais algum curso na vida e ele respondeu medicina. Queria tornar-se clínico geral e trabalhar em serviços públicos, pois julgava ser onde a população mais necessita de acesso ao atendimento médico e sabia o quanto

era estressante para as pessoas estar numa situação de mal-estar: “É óbvio que vai chegar lá nervosa!”.

E completava dizendo que sua vontade era poder tratar respeitosamente as pessoas para que elas saíssem bem de seu atendimento. Não necessariamente curadas de seus diagnósticos, mas cuidadas em suas queixas. Uma perspectiva de cuidado que vem ganhando corpo e voz principalmente pela Saúde Coletiva e que o jovem artesão compreende com naturalidade.

Penso com isso, cara Dirce, quando questionamos o valor de um diploma-certificado: o que este certifica? Que um profissional formado na área da saúde está apto a produzir cuidados em saúde ou que ele foi capaz de responder adequada ou satisfatoriamente o que o currículo do curso exige dele? Considerando que haja diversas nuances de respostas entre essas duas opções, acredito que cabe, aqui, refletirmos o quanto valorizamos (de fato e, principalmente, em ato) os saberes populares, que estão fora de circuitos hegemônicos de produção de conhecimento.

A entrevista vinha dando sinais de finalização... Ao longo dessa tarde, um homem já havia lhe dado um sanduíche de presunto e, depois de mais de uma hora de entrevista, outro jovem, um vendedor ambulante, veio oferecer-lhe um pacote de salgadinho e iniciaram uma conversa. Eles já se conheciam e a entrevista foi findando.

O vendedor, em alguns momentos, olhava na direção do celular à mostra – que estava gravando –, quando a conversa passou a ser sobre abordagens de assalto. Ambos falavam com orgulho que, se alguém os abordasse, essa pessoa que ficaria sem o que lhes pedia e o vendedor dizia de celulares, contando sua trajetória de “batedor” destes aparelhos. Eu e o jovem artesão nos entreolhamos e olhamos para o celular ao chão, que estava gravando a então entrevista, quando o vendedor foi dar um exemplo de sua prática de outrora, e, num impulso, interceptei-o. Num tom de brincadeira, eu disse que estava percebendo seu olhar para o aparelho.

Ele disse estar demonstrando como fazia. E começou a falar, menos direcionado a nós, que estava buscando outra vida, que não queria mais ficar pegando celulares das pessoas. Parecia estar satisfeito em estar ganhando a vida como ambulante.

Juntaram-se ao grupo, ainda, uma mulher com sua filha que conheci em outros momentos na conversa com outro/as *Apanhadore/as de sonhos*. A conversa começou a circular entre toda/os, eu desliguei e guardei o celular, sob os olhares atentos e confidentes do jovem tarólogo-artesão. Demorei-me mais um pouco com o grupo e fui embora.

Passado o final de semana, habitualmente sem nenhum/a artesão/ã na Praça, no retorno para casa avistei uma *Maluca* que eu havia conhecido antes mesmo do exame de qualificação na *pedra* em frente ao shopping Vitória. Seu pano, com cores novas e vibrantes, estava ao lado do *Tarólogo Confidente*. Ficamos as duas conversando até ela se retirar para “fumar um” com outro artesão que estava na Praça e pediu para que eu ficasse vendo seu pano.

Inexperiente e obediente que fui, me dirigi ao pano e fiquei sentada, quase prensada entre a placa com informações sobre a Praça Costa Pereira e o referido pano, vivendo e observando o movimento de passagem de pessoas pelo lugar.

Um menino parou e ficou olhando compenetradamente alguns colares no pano e eu o olhava, esperando uma troca de olhares para que eu pudesse iniciar a interação (mas também me colocando em seu lugar, pois quando eu olho para uma mercadoria fixamente, costumo esperar que seu/sua vendedor/a me aborde). O *Tarólogo Confidente* estava almoçando ao lado, em seu pano, viu a cena e dirigiu-se ao jovem, e disse para que ficasse à vontade. Este foi embora, sem dizer nada e *Tarólogo Confidente* voltou o olhar para mim, dizendo com os olhos e numa assertividade: “É assim! Simples...”

Ambos rimos, Dirce! E falamos da minha desenvoltura de tatu-bolinha que, ao menor sinal de “perigo”, se fecha todo. Ele disse rindo o quanto eu estava quase fundida com a placa e que eu não precisava ficar lá, necessariamente

grudada no pano. Eu podia ficar no banco, apenas olhando para que ninguém pegasse as coisas da artesã (a *Mana Amazônica*, sobre quem falarei adiante) que pedira o cuidado.

Logo a *Mana Amazônica* retornou. Conversamos mais um pouco nós três, e eu tentei tirar foto do pano do *Tarólogo Confidente*, mas já estava escuro e não ficaram boas. Despedi-me deixando um brinco de pressão com a *Mana Amazônica* para que ela fizesse o fecho de um brinco que ela queria me dar em troca do cuidado que ofertei a ela com a escuta e compartilhamento de suas histórias de outrora.

No dia seguinte, dia de Rizoma (o grupo de pesquisa do qual participo), depois de chegar em casa à noite e recebi uma mensagem no celular. Era do *Tarólogo Confidente* me avisando que a artesã tinha deixado os brincos com ele para me entregar.

Na manhã seguinte, nos encontramos pela Praça, peguei com ele os brincos e, na volta, parei para conversar. Perguntei como ele tinha conseguido meu número e ele disse que, ainda que não tivesse lido o termo, enquanto eu preenchia, ele passou os olhos e viu que tinha o meu nome, o nome de outra pessoa (do orientador) e seu telefone. Então, ele supôs que haveria o meu telefone de contato também. E, assim, feito!

Sobre os termos de consentimento: se o *Expositor de Chão* me atenta para os corpos não dóceis e nem sujeitados, que assinam documentos sem saber sobre o que tratam, o *Tarólogo Confidente* me conduz à criação, à multiplicidade, à cartografia, ao rizoma - ao utilizar de suas informações para o que lhe cabe -, cara Dirce!

Em outro dia, tentamos os registros fotográficos novamente. Desta vez, sob manuseio da câmera do próprio *Tarólogo Confidente*. Já estava escuro, mas ficaram melhores.

Assim como me deparo com uma dificuldade em pensar entrevistas com a *Malucada*, também não me é tão tranquilo (como foi em pensamento-construção do projeto de pesquisa, um tanto quanto romântico-idealizado) pedir

para tirar fotos. Meu corpo vibrátil se desorganiza, não permite passagem fluida de ação para a execução de técnicas científicas outrora pensadas.

E, em partes, eu entendi um porquê: quando eu estava tirando foto de uma de suas produções – a igreja na casca de cajá –, outro artesão que estava na Praça (o *Designer Aposentado*, sobre quem, também, falarei adiante) falou um termo que não registrei, mas que fazia referência às pessoas que registram os *tramos* e tentam fazer igual depois. O *Tarólogo Confidente* concordou.

Ainda que fosse brincadeira neste caso, isso expressou uma não permissão em ficar tirando foto de seus trabalhos. Eles, como fazem nos grupos nas redes sociais, tiram. Mas outra pessoa tirar ou publicizar, não é bem-vindo.

Este foi nosso último encontro mais específico. Os demais trataram de conversas cotidianas (inclusive depois de finalizado o “trabalho de campo”) até ele deixar a cidade.

Experimentando a Potência da Razão,
com afeto, Irina

O Designer Aposentado

Vitória, início em 14 de setembro de 2016.

Cara Dirce,

Hoje foi um dia em que tive maior aproximação com um *Apanhador de sonhos* que estava pela Praça desde que comecei a vivê-la com a intensidade de campo de pesquisa. Havíamos nos cumprimentado algumas outras vezes e sempre eu estava a conversar com algum/a outro/a artesão/ã ou, pelas manhãs, quando ele se encontrava só, estava de cabeça abaixada concentrado em sua *artesanaria*.

Neste dia, ele me contou de sua história, com seus mais de cinquenta anos que justificavam a ausência de grande parte dos dentes em sua boca. Nascido em Salvador (BA), atualmente, encontra-se com estadia mais duradoura em Pelotas (RS), onde tem trabalho formal como instrutor de vôo de asa delta, nos identificamos nas andanças pelo Rio Grande do Sul.

Falamos de conhecidos destas terras, em especial outro artesão que expõe numa praça no Centro de Porto Alegre. Ambos de afrodescendência marcante, este último havia me contado da Revolução Farroupilha, do massacre traiçoeiro dos Lanceiros Negros que, assinado o acordo de paz com a República brasileira, tornaram-se ameaça enquanto bons guerrilheiros que eram (parte da história a qual eu nunca tinha ouvido e nem lido sobre, cara Dirce... a minissérie televisionada em meus tempos de adolescência não mostrara este fim).

Ficamos a conversar sobre Porto Alegre, as pessoas de lá, o chimarrão, o Gasômetro e o Guaíba, e o artesão falou sobre seus gostos literários: Euclides

da Cunha, com o livro *Os sertões* e suas figuras de linguagem. Dizia gostar das regionalidades e fazia referência ao seu professor de História, o melhor que ele já tinha tido. Perguntei de sua graduação, da qual ele mencionara em algum momento, e ele disse que tinha cursado Artes sem finalizar, pois, a sala de aula não era um lugar potente para ele.

Outro *Maluco* parou sua bicicleta por perto e se juntou à conversa. Conversamos sobre a cidade de São Paulo que o *Apanhador de sonhos* mais tinha gostado: Taubaté. Ele gostava de conhecer o lugar pelas pessoas que lá estavam e foi assim se encantou pela cidade: porque lá, todo mundo falava como Mazzaropi! Falava empolgado das esculturas que estavam na entrada da cidade: Monteiro Lobato segurando pelas mãos Emília e Visconde de Sabugosa, e outra de Mazzaropi.

Nas histórias, fez uma ponte aérea para Recife, com a estátua de Chico Science e, ainda mais empolgado, contou do show que viu lá no Recife antigo do artista, de toda energia que o show mobilizou nele e na multidão.

Desceu o país e contou de como as pessoas na região serrana gaúcha não entendiam nada que ele dizia. Ele falou humildemente que entendia tudo que lhe era dito, uma vez que falava espanhol. Mas que, ao contrário, quando ele falava, as pessoas não o entendiam - e eu me divertia/ aprendia com a sua humildade, Dirce.

Já era noite quando me despedi e ele seguiu comigo, rumo ao bar próximo. Entrando na rua, ele apontou para todas as fachadas e dizia que tudo aquilo era ele que tinha trazido para o Brasil. Por alguns segundos, ponderei sua sanidade mental. Mas, sem que eu perguntasse, contextualizou-me dizendo que trabalhou com Comunicação Visual e com as primeiras máquinas de plotagem que chegaram no Brasil, da Alemanha. Contou-me de seus trabalhos de designs gráficos e cenário de teatros.

Ele explicou que tinha trabalhado de designer gráfico por um certo período em sua vida, inclusive em grandes empresas, em diversas cidades, também. E que tinha cansado deste trabalho, pois era um ritmo muito intenso, com uma

exigência que não lhe era saudável. Assim, optou por se “aposentar” e não demorou para que “caísse na estrada”, o *Designer Aposentado*.

Outro dia, estávamos conversando e outro artesão que frequentava a Praça se juntou a nós. Era baiano também e o *Designer Aposentado* era o único que lhe dedicava companhia; o/as demais tinham histórias e julgamentos não simpáticos a ele. Foi uma das vezes que perguntei, sem retorno por parte do *Designer Aposentado*, sobre questões de saúde e o acesso a serviços públicos de saúde. O outro artesão chamou-nos a atenção para contar de quando havia sido assaltado por dois homens que estavam sob o efeito de substâncias psicoativas, tendo eles lhe ferido a nuca com um facão, em uma cidade do interior da Bahia.

Perguntei-lhe o que ele havia feito e ele disse ter sido socorrido por comerciantes locais que o conheciam de sua estadia por lá e que tinham por hábito cuidar-lhe oferecendo comida e conversas. Eles chamaram a ambulância e, no pronto socorro, teve seu cabelo raspado para a realização de procedimento. Olhando para o meu *dread* no cabelo, ele apontou com um sorriso de canto de boca, dizendo que a enfermeira havia deixado apenas um e nos mostrou. Questionamo-nos em voz alta (eu e o *Designer Aposentado*) o porquê a profissional havia feito isso e ele disse acreditar que era alguma empatia, por compreender o valor desta expressão sob a forma de penteado.

Passaram-se quase duas semanas quando voltamos a nos encontrar. Ele disse não ter me visto por esses dias. Quase todos os dias, Dirce, ele estava no banco da Praça concentrado em sua produção. Ele perguntou como eu estava e respondi que estava cansada, que a semana estava sendo bem corrida, que eu andava chegando tarde e eles já nem estavam mais por lá.

Eu contei que estava voltando de uma tentativa frustrada de procura por roupas e ele, acolhendo minha frustração e cansaço, começou a falar que para ir comprar roupa, tem que ser um dia que a gente esteja de bom consigo próprio e que eu não estava! Que eu estava cansada e, por isso, não ia dar em nada mesmo... Eu me divertia com sua sinceridade e ele continuava perguntando se o que eu queria era roupa para sair ou para estudar, em quais lojas eu havia

procurado. Enfim, uma sensação de cuidado comigo e com o meu momento também.

Em algum instante, ele saiu para pegar alguma encomenda e, no retorno, comentou que não gostava de ficar na companhia dos homens que ficam no meio da praça, eles tinham outra energia. A *Mana Amazônica* também havia feito este comentário e acrescentara que não lhe agradava ver o *Tarólogo Confidente* “se misturando” com essas pessoas, referindo que isso poderia gerar julgamentos alheios de que são “o mesmo tipo de gente”, o que ela não concordava.

Ainda sobre energias, eu comentei com o *Designer Aposentado* sobre o nosso início de contato depois de tempos que o via na pedra, que ele não dava muita atenção e estava sempre concentrado no banco, fazendo suas artes. Com isso, ele respondeu o quanto é importante focar a energia quando se está fazendo *trampo*.

Comentei o quanto era possível reconhecer os panos de cada um, principalmente os dele com cores vibrantes e estética atraentes mesmo à quem não se identifique com as produções da *Malucada*, e ele me disse que, querendo, ele muda o pano dele inteiro. Aqui, como está de passagem, faz os brincos e filtros dos sonhos, que saem bastante e baratos. Mas o que ele gosta de fazer é principalmente a filigrana, mas ela é para lugares turísticos como Fortaleza e Porto Seguro, porque os turistas gostam de ficar olhando o processo mais do que comprar as coisas nas barraquinhas das praças. Já aqui, é diferente, as pessoas são mais “passageiras”, estão a passar e a procurar artesanatos com preços mais acessíveis.

Despedimo-nos. Ainda que o *Designer Aposentado* tenha sido o *Apanhador de sonho* que vi mais vezes, foram poucas as que nos demoramos mais em conversas. E, destas, não houve ressonâncias quando eu perguntava sobre questões relacionadas nuclearmente à saúde.

Na última vez em que conversamos por mais tempo, ficamos até o escurecer pela Praça Costa Pereira e eu comentei de minha fome. Convidei-o para comer

um pastel em frente à Praça e ele recusou, pedindo um real apenas. Ele me acompanhou até a pastelaria e seguiu para o bar ao fim do quarteirão, dizendo que passaria na volta para me buscar.

Dito e feito. E quando ele passou pela pastelaria, assobiou para se anunciar e as pessoas ao redor olharam estranha e incomodamente com a situação. Eu dei uma risada interna e lhe assenti com a cabeça.

Retornei à praça e, ao me aproximar para sentar, ele pediu para que eu pegasse um filtro dos sonhos que estava em sua cesta. Fui me aproximando, cheia de filtros a cesta, perguntei qual seria e, num tom como se já houvesse especificado antes, ele respondeu que era o único de cipó. Demorou uns instantes para eu perceber que só havia um de cipó, os outros eram de alguma base industrializada. Peguei-o e veio junto outras coisas. O *Designer Aposentado* falava de onde estava, sentado: “Vai ter que desembolar essas outras coisas aí” e eu questionava internamente tais ordens: “E por que eu que tenho que fazer isso?!”... Divertindo-me também internamente, cara Dirce!

Quando estava entregando em sua mão o que me pedira, sempre sentando, ele me disse: “É pra você”. Fiquei um tanto sem palavras, fui pega de surpresa. E agradei! Ele referia afeto à minha pessoa. Era um filtro de porte médio, com muitas penas e as linhas eram coloridas, intercaladas com pretas.

Na mesma noite, coloquei sua arte na janela do meu quarto. Com a escuridão da noite lá fora, suas linhas fluorescentes se destacavam num degradê em camadas e uma ilusão de estarem suspensas no ar, juntamente com as penas. Agora sim, eu enxergava o *Apanhador de sonhos* em seu ofício aposentado de designer.

Com diversão e leveza,

Irina

A Mana Amazônica

Vitória, início em 26 de setembro de 2016.

Cara Dirce,

No dia em estava pela Praça Costa Pereira, ouvindo um trio de músicos argentinos, durante a conversa com a *Encantadora de Malucos*, olhei para o outro lado da Praça, onde a *Malucada* expõe seus panos e reconheci a movimentação de um corpo feminino, com uma saia comprida. Era uma artesã mis velha, de quarenta e tantos anos, que conheci outrora, na *pedra* em frente ao Shopping Vitória, quando eu estava fazendo a manutenção do meu *dread* com seu companheiro.

Passamos uma tarde inteira sentadas em frente ao shopping, até escurecer. Ela me contando de sua vida e viagens, sempre me chamando de mana e ressaltando suas origens do Norte do país. Com seus quarenta e tantos anos, nasceu em Belém (PA) e fala de lugares nos estados do Pará e do Amazonas com muito afeto e orgulho.

Contou-me das sementes e outros materiais que só encontra por aqueles lados para fazer seus artesanatos e me mostrava, contando algumas histórias que iam desde a aquisição do material à confecção de suas *artes*.

Conversamos sobre o que/ como é ser mulher na BR e ela me disse de situações de vulnerabilidade à violência, principalmente a sexual. Contou que muitas vezes, assim como muito/as artesão/ãs, faz seus trajetos com caronas, e a maioria é com caminhoneiros. Uma dessas vezes, foi abordada incisiva e desrespeitosamente e, para sair desta situação, jogou-se do caminhão em movimento na estrada.

Ela disse de outros episódios de violências físicas ou iminência dessas e dizia saber se defender quando necessário e que já haviam “tomado” seu pano algumas vezes. Completou dizendo ser mais seguro quando acompanhada de alguém do sexo masculino. De qualquer forma, isso não a intimidava em manter seu modo de vida de *Maluca de BR*, seus desejos eram maiores.

Ela me contou sua história, de seu atual endereço residencial em Guarapari (cidade litorânea ao sul de Vitória). Um terreno com uma casa simples, posse de seu falecido companheiro. Ela tem se empenhado em construir uma casa do jeito que gostaria, ainda que não tenha a perspectiva em ficar lá, necessariamente.

Ela compartilhou sua vida com este companheiro durante vinte e tantos anos, e, mesmo tendo o terreno, mantinham sua vida nômade. Foi ao final da vida dele que o casal se estabeleceu por lá. Agora, ela ficava mais pelo estado do Espírito Santo, em especial Vitória, Vila Velha e Guarapari (que formam uma rota da primeira à última cidade) por causa da moradia. Mas continua fazendo seu *mocó* (lugar para dormir na linguagem da *Malucada*) pelas ruas de Vitória, em especial no Jardim da Penha, nas proximidades da Rua da Lama e UFES Goiabeiras, pois considera um local mais seguro. Conta, ainda, com a moradia de amigas pela cidade, quando seu corpo indica não estar nas melhores condições para se dormir no chão da rua.

Lembro de tê-la convidado para o exame de qualificação, período em que a conheci, explicando do que se tratava e ela demonstrou apreço. Seissinto que mais pelo vínculo que pelo interesse no evento em si. Questões acadêmico-científicas, assim como para o/as demais *Apanhadore/as de sonhos* quando eu falava sobre, não tinham um valor significativo para ele/as. Isso foi expresso, na maior parte das ocasiões, por uma indiferença ao que eu dizia, e isso constituía meu corpo com dificuldades em abordá-lo/as intencionalmente.

No dia em que a vi na Praça Costa Pereira, fui ao seu encontro e fui recebida com um abraço apertado. Atualizamo-nos sobre sua vida desde a última vez que havíamos nos encontrado. Ela contou que estava passando por um momento de dificuldade com o dinheiro para as compras e contas do mês, e a

reforma que está fazendo na sua casa em Guarapari, e as questões de sua relação com o atual companheiro havia se intensificado num sentido negativo.

Ela se lamentava por ele, dez anos mais jovem, não ter atitudes de “corre” como ela, no sentido de não se dedicar para o trabalho, apresentando-se embriagado ou sob o efeito de outras substâncias psicoativas na *pedra*, o que não favorecia as trocas de seus artesanatos. (Afirmava o quanto ele era talentoso.) E, em uma vida conjugal, isso a sobrecarregava, pois afirmava que tinha que “dar conta” da vida de ambos. Cuidar da casa, fazer as compras, pagar as contas só... O universo da *Malucada* não está livre das construções e atitudes que privilegiam os seres do sexo masculino, cara Dirce.

Em algum momento, ela referiu sede e fomos buscar água no cartório. Eu, meio deslocada no local, apenas a seguia. Ela entrou no estabelecimento bem territorializada e, ao final do salão, foi afastando a faixa de divisão do espaço e entrando em um lugar que parecia de acesso restrito. Questionei-a e ela disse que eles liberam a água para o/as artesão/ãs. O banheiro já foi liberado também, mas houve algum tipo de excesso, sendo vetado seu uso.

Quando estávamos saindo do estabelecimento, o trio músico estava se retirando da Praça e a *Mana Amazônica* pensou em voz semialta se eles saberiam da marmitta de três reais que era ofertada dali a uma hora, a partir das 15 horas. Retornamos à *pedra* e o trio não se encontrava mais por lá. Nós duas nos despedimos e, mais tarde, ao passar pela Praça novamente, vi o *Pai de Lola* conversando com o trio músico e informando-lhes sobre a tal marmitta e eles se direcionaram para o respectivo restaurante.

Encontramo-nos mais algumas vezes pela Praça e, com frequência, o assunto era referente a duas amigas, irmãs entre si, as quais uma trabalha com terapias holísticas e integrativas e a outra encontrava-se internada. A *Mana Amazônica* contava as histórias de cuidado à saúde que atravessavam essas amizades: entre a terapeuta que lhe receitava florais (e estes compunham seu repertório de ervas adquirido em sua cultura amazônica) e suas pernoites no hospital com a amiga internada, levando-lhe refeições preparadas por ela. Ela

sempre fazia questão de afirmar o valor do afeto dedicado ao preparo da alimentação, além do mau julgamento ao gosto da comida do hospital.

Cuidar do/a outro/a, para ela, também constitui um cuidado de si. O afeto e energia que dedica no preparo à comida, por exemplo, é um momento no qual ela referia exercitar e emanar seu bem querer ao mundo.

Com bem querer também,

Irina

O Pai de Família

Vitória, início em 05 de outubro de 2016.

Cara Dirce,

Hoje tive uma grata surpresa no retorno para casa! Eu estava cumprimentando ao *Tarólogo Confidente* quando olhei para o lado e notei que a pessoa que estava se aproximando à banquinha ao lado era um artesão que eu havia conhecido na Praça dos Namorados.

À época, ele havia me contado de suas pretensões em adquirir uma barraca na Feira de Artesanato para que as pessoas que não se inclinam sobre os panos no chão pudessem dedicar os olhares às suas artes. Contextualizava lembrando com prazer de seus tempos de *Maluco* e afirmando que se encontrava em outro momento da vida: tornara-se pai e tinha a responsabilidade de sustentar sua família.

Fiquei feliz em vê-lo com uma banca, simples e pequena, e que aparentava satisfazer tal anseio. Neste reencontro no Centro da cidade, os olhares e os sorrisos foram recíprocos. Cumprimentamo-nos e ele falou com afeto do longo tempo em que não nos víamos, disse ter pensado por onde eu andava e se eu teria gostado do colar que ele havia feito sob encomenda para mim. Eu lhe contei de minha mudança de residência e que isso diminuía minha frequência na Praça dos Namorados.

Ele falou que tinha vindo para a Praça Costa Pereira durante a semana. Era um retorno, fazia três anos, quando chegou na cidade, ele expunha ali, mas começou a “ficar bagunçado” e foi para outros lugares, retornando somente agora.

Lembro que, em encontros anteriores, ele havia me contado de sua família. Sua mulher nasceu na Bolívia e ele/as percorreram muitos lugares da América do Sul, quando ela ficou grávida. Começaram a pensar na questão do acompanhamento desta gestação e, a partir de então, o casal optou por morar fixamente no Brasil. Ele afirmava a maior possibilidade de acesso a serviços públicos de saúde.

Perguntei da banquinha e ele disse que tinha arranjado com um conhecido. Contou com alegria que tinha conseguido a barraca dele na Praça dos Namorados formalmente. Eu o tinha visto lá há algumas semanas e contei-lhe que o vi radiante expondo na barraca, por isso não o interrompi em suas vendas.

Perguntei há quanto tempo ele estava com a barraca e ele disse fazer uns três meses. Ele acessou suas lembranças e reafirmou os três meses porque lembrava de ter pago três contas. Demos risada! Gosto dessa matemática funcional que a *Malucada* faz uso. Assim como o *Pai de Lola* me explicou o custo de vida na Argentina...

Sua banquinha estava movimentada, então despedi-me. No dia seguinte, no retorno para casa, pudemos ficar mais tempo conversando. Ele havia mudado sua banca de lugar, mais perto dos bancos. Ele me disse ter sentido estar prejudicando a visualização dos panos do/as *Maluco/as* no chão, uma vez que a banca se destacava em altura, então optou por mudar de lugar, onde não competiria com a exposição do/as demais artesão/ãs.

Enquanto conversávamos, fomos identificando artesão/ãs que conhecíamos em comum (que incluía todo/as sobre quem escrevi anteriormente) e ele perguntou como andava minha pesquisa. Contei-lhe dos encontros que tive e o quanto estava percebendo a compreensão do cuidado à saúde de diversas formas, sempre tendo a questão do tempo para a recuperação do corpo como atravessadora (não com essas palavras, é claro!).

Sobre a vida de *Maluco*, ele contava das viagens que fez, dos lugares que conheceu. Um dia, junto com o *Designer Aposentado*, eles lembravam da

“época” em que a *Malucada* ia para as cidades de interior, em busca de natureza e cachoeiras, sempre tinha alguém que tocava violão e assim eles ficavam. Julgaram ao *Tarólogo Confidente* pelo fato dele estar há tanto tempo numa cidade metropolitana, sendo que havia clima propício para praias ou cachoeiras.

Lembro-me do dia em que também o convidei para o exame de qualificação, ainda nos bancos da Praça dos Namorados, em dia de Feira de Artesanato. Não foi nem preciso discorrer muito sobre o assunto, disse dos intuitos da pesquisa, a data e local do exame, quando ele me recusou polidamente.

Contextualizou-me contando de suas experiências com o sistema de educação formal. Perguntou se teria carteiras de sala de aula e, ao responder-lhe afirmativamente, ele disse o quanto não concordava com a metodologia que geralmente se emprega nas escolas e que não diferiria na universidade. Ele se referia a pessoas que fazem uso da palavra e de um raciocínio lógico (compreendi que ele se referia ao cartesianismo) como fundamentos do aprendizado, sendo que este pode ocorrer na rua, nas calçadas, que foi como ele aprendeu.

Em outros encontros, quando eu perguntava sobre sua filha, ele, assim como o *Pai de Lola*, afirmava a importância de ela frequentar a escola até o Ensino Médio. A partir de quando ela poderia ser mais livre para escolher o que iria fazer ocupacionalmente de sua vida.

Um dia, era próximo ao Dia das Crianças, o *Pai de Família* comentou de seus “corres” para juntar algum dinheiro para que pudesse comprar para a filha um par de sapatos novos para ir à escola. Sua filha está com três anos e ele disse reparar que mães e pais das outras crianças da creche lançam olhares sobre seus trajes e, ainda que ele seja uma figura simpática, conquistando-o/as, tem receio de que a filha sofra algum tipo de preconceito por não possuir algum tipo de bem material. Daí o empenho no par de sapatos, já que o atual estava ficando roto.

Ele mostrava as fotos de sua filha, em um celular que, acredito, muitos julgariam antiquado ou ultrapassado. E falava das brincadeiras que faz com ela, do quanto ele sabe que tem que aproveitar cada momento da vida e fase dela, pois não retornarão e cada qual tem sua especificidade e beleza. Seus olhos, claros por genética, brilhavam ainda mais! Ter tempo para se dedicar ao acompanhamento da filha era presente dessa forma de *vi-ver* que ele afirmava dia após dia.

Satisfeita com os encontros e acasos da vida,
sua interlocutora, **Irina.**

3. *IN-CONCLUSÕES RIZOMÁTICAS*

Vitória, início em 05 de outubro de 2016.

Cara Dirce,

Com tudo isso que nos passou ao longo deste trabalho, são muitos e diversos os agenciamentos.

Entre vivências e questionamentos da vida, na qual incluo fortemente a prática profissional cotidiana no setor público da saúde e um compromisso e busca à ecosofia, conjuntamente com exercícios de reflexões e aprofundamentos teóricos proporcionados pela academia científica, compartilho contigo algumas *in-conclusões*, minha cara.

Letícia Maria R. de Barros e Maria Elizabeth B. de Barros (2013) nos falam sobre *O problema da análise em pesquisa cartográfica: uma análise neste universo “metodológico”* que em seu constante movimento de interrogação, constitui “[...] um plano da pesquisa que indaga as demandas presentes no campo de intervenção e as forças e acontecimentos considerados estranhos ou silenciados por serem tidos como impeditivos de uma pesquisa bem-sucedida” (p.377), ou científico-academicamente aceita.

O exercício feito foi em busca de uma escuta atenta e aberta que pudesse permitir o fluxo daquilo que fazia sentido ao/às *Apanhadore/as de sonhos* que pude acompanhar. Conversas não direcionadas que deram vazão a tantos outros aspectos da vida e, em pouco, se limitaram a questões de saúde. No entanto, quase sempre podendo ser considerados como uma vontade de cuidado, de ser cuidado. Isto nos faz ver o quanto a vida é mais ampla que esta. Digo isso, pois, quando estamos imersos num determinado setor (saúde,

educação, meio ambiente, etc), não raro, tem-se a visão de que este é prioritário e/ou que a qualidade de vida está inscrita nele. Quando, em realidade, devíamos pensar ao contrário: a vida, em sua amplitude e qualidade, inscreve - não fragmentariamente como fazem o Estado ou as grades curriculares, por exemplo - todos os setores e intersetores.

Dessa forma, o/as *Apanhadore/as de sonhos* concretizaram a transdisciplinaridade. Como vínhamos constituídas do encontro do exame de qualificação do projeto, compreendendo uma não hierarquização nos saberes em torno dele/as: a *Malucada* como eixo integrador e as teorias e referenciais teóricos como lentes que compõem uma caixa de ferramentas para enxergar seus modos de vida e o que, dos encontros, fizesse conexão e sentido à pesquisa.

O aproveitamento do aqui-e-agora (plano de imanência) para produzir o novo - agenciamento - o que permite enquadrá-la enquanto uma pesquisa-intervenção. Uma cartografia não pretende e nem intenta reprodutibilidade. Nosso intuito, além dos agenciamentos possíveis e descritos nas cartas anteriores, é, também, compartilhar os registros do corpo-pesquisador vibrátil para que possam fornecer subsídios e referências a futuro/as pesquisadore/as para quem tal *hódos-metá* faça sentido, produzindo desejo de assim se experimentarem neste universo acadêmico.

In-conclusa, portanto, porque, como apresentamos, a intencionalidade cartográfica trata de diálogos e trocas sem a pretensão de encerrar um pensamento-processo ou de criar verdades soberanas (BERNARDES; TAVARES; MORAES, 2014). Ao contrário, intentamos instigar multiplicidades! Saídas múltiplas, linhas de fuga como diriam Deleuze e Guattari (2014).

E rizomáticas (sob o julgo de estarmos sendo redundantes ao afirmar anteriormente a intencionalidade de ampliação), pois buscamos proporcionar agenciamentos entre os viveres do campo com conceitos e fundamentos acadêmicos. Um compromisso com o referencial teórico necessário e referido por Daniela Knauth e Andréa Leal (2014).

Em composição, cara Dirce, ainda temos essas tantas leituras do referencial teórico aqui adotado que, iniciais em meu percurso, sugerem uma visão de mundo muito mais profunda e ampla do que podemos oferecer aqui. Apresentamos apenas uma degustação para aquele/as que se interessarem e se identificarem com nossas proposições e pensamentos possam encontrar aconchego num mundo, por vezes tão inóspito aos afetos.

Por isso, fazemos um convite a uma reflexão conjunta dos conteúdos aqui registrados de modo a contribuirmos com uma produção de conhecimento implicada na transformação social (ou global, como denominaria Guattari [1990], sob a perspectiva do ecosofia). Tendo em vista a conjugação de cuidados que consideram o equilíbrio entre as relações sociais, as subjetividades e o meio ambiente (GUATTARI, 1990).

Afinal, este trabalho se fez possível graças à conjugação com outros corpos. Não tenho nenhuma pretensão de que me julguem tê-lo escrito só! Suely Rolnik (2014) diz de como os operadores conceituais podem se encontrar em uma conversa de bar tanto quanto em um tratado de filosofia (o que dirá em conversas filosóficas em bares com autore/as do meio acadêmico!?).

Foi a expectativa alheia que me fortaleceu e compôs em mim um corpo pesquisador que, podendo solicitar a qualquer momento ao orientador a mudança de tema devido à dificuldade de sua/ minha operacionalização neste território - até então imaginário e, por muito, romantizado -, optou por manter o compromisso gerado, de certa forma, na apresentação do projeto.

Assim como Deleuze e Guattari (2014) que escreveram O anti-Édipo a dois,

Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmo, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de se falar. (p.17)

Escrevemos esta dissertação a incontáveis. E, se nomeio e preservo *sobre-*nomes, isso diz respeito também aos requisitos exigidos neste (recorte de) mundo que circunscreve uma produção de conhecimento, e ao prazer em dizer, como todo mundo, que sou composição de afetos!

Ao/à Apanhadore/as de sonhos das academias universitárias, parafraseando Quintana (1978):

eles passarão...

nós passarinhos!

Com intuito de compor corpos feitos de
multiplicidade,

sua interlocuautora **Irina.**

Curriculum mortis

Vitória, início em 22 de setembro de 2016.

Cara Dirce,

Quero aqui falar sobre meu *curriculum*! O *Lattes* e o *vitae* estão circulando pelo mundo livremente - fazem-me necessários no modo de vida que escolho. Por isso, quero falar aqui sobre meu *curriculum mortis*, porque ele também nos constitui!

Para nos afirmarmos cartografia, temos que possibilitar fluxo, dar passagem e lugar aos acontecimentos - que nos constituem -, permitindo transformações em meu modo de estar e me relacionar com o universo da pesquisa. Com isso, afirmo a mudança de objetivo.

Se no projeto constava que era descrever o movimento de artesãos e artesãs nômades e seus modos de vida, hoje, afirmo, é **refletir acerca da produção do cuidado em saúde a partir dos modos de vida da *Malucada***.

E isso não significa ignorar ou inutilizar o primeiro. Pelo contrário! Este foi necessário para que eu compusesse um corpo para ir a campo, que me orientasse os pensamentos no encontro com a *Malucada*.

É, com isso, afirmar que os encontros me afetaram de tal forma que me foi possível produzir um pensar/ refletir/ analisar acerca do cuidado que eu/ nós, profissional(is) de saúde, operacionalizamos - ou não. Isto é análise da implicação, onde a análise tem um sentido prático e não metafísico (BARROS; BARROS, 2013).

Isto é, o que eu vivo-encontro em campo de pesquisa faz conexão com o que eu produzo em campo de trabalho na minha implicação com a Saúde Pública, sob a perspectiva da Saúde Coletiva na Saúde do Trabalhador, e no campo do saber na minha implicação com o mestrado, para além de um cumprimento de tarefas em vistas à obtenção de um certificado.

Nesse último universo especificamente, tenho testado seus/ nossos limites, Dirce. Confesso!

Se a esquizoanálise se inclina a um anarquismo de rupturas científicas, éticas, estéticas, ecológicas e revolucionárias, que visam a democratização e horizontalidade nas relações de poderes, nós temos a pretensão de concretizá-las. De poder ser territórios de acontecimentos para tais rupturas. E é por isso que venho aqui afirmar nossos desvios de *hódos-metá*, desnudes que possibilitam a visualização de vulnerabilidades e fragilidades de uma pesquisadora que, assim como fracassos, também obteve sucessos, para além do projetado para a pesquisa.

Projetei entrevistas e portfólio de campo, além de exigências de termos de consentimento e autorizações (de pesquisa e de uso de imagens)...

Das entrevistas, foi o encontro com o *Tarólogo Confidente* que me concretizou sua não aplicabilidade à lógica desta pesquisa. Lembro-me de sua postura que, de coluna curvada, passou a altivez, e a conversa permeada por silêncios e olhares que ansiavam a próxima pergunta. Não estávamos tratando de fluxos, como nos demais encontros (seja com o próprio *Tarólogo Confidente* ou outro/as do/as *Apanhadore/as de sonhos*).

É, talvez, nesse momento que minha limitação de referências do mundo acadêmico tenha se concretizado. Cartografias acompanham processos (ROLNIK, 2014)... E acompanhar, demanda tempo e dedicação. Relatos estruturados sob a forma de entrevistas gravadas, transcritas e consentidas limitam e esquadrinham um conteúdo.

Tal qual *talkshows*, entrevistas soam-me como instrumentos para acessar ao/a outro/a, sem um intuito ou espaço para eu me expor, em me afirmar ser

pertencente ao momento e considerar a este como uma troca, um encontro. Algo que me remete a um lugar diferenciado entre pesquisador/a e participantes da pesquisa, como se o/a primeiro/a vestisse um jaleco branco invisível aos olhos-retina. Não me parecem se propor a ser um encontro *a priori*. E, visualizo, podem gerar no/a pesquisador/a vários deslocamentos e sinapses. Mas e quanto ao/a entrevistado/a?

Diz o campo de saber *psi* que pode gerar deslocamentos no/as entrevistado/as também. Concordo. E questiono: cuidamos disto? Para além do que o TCLE nos condiciona a garantir que daremos espaço, escuta ou encerramento à conversa, por exemplo, qual é a real *preparação* do/as pesquisadore/as para produzir cuidados frente aos deslocamentos de quem está sendo entrevistado/a? Isto é uma questão a ser olhada por quem está pesquisando? Ou limita-se a não entrarmos mais em contato com o tal sujeito?

Questionei-me, também, quanto ao significado em *d*-escrever minha vestimenta no preparo para os encontros com o/as *Apanhadores de sonhos*, Dirce. Minha opção por afirmá-la se deu de modo a sustentar o que defendemos: relações horizontalizadas entre pesquisadora e participadores. Na produção de uma ciência cotidiana, aplicável no dia-a-dia, atravessada pelo que nos é mais ordinário (em seu sentido literal-e-não-pejorativo: de ordem habitual).

Compreendi, inclusive, que estando vestida de outra forma, menos casual, o acesso e vínculo se dariam de outro modo, talvez não tão empático e recíproco. Uma questão que não se distancia do acima citado enfrentamento da área da saúde: o uso de um “jaleco branco”. Um modo de se apresentar em que seu/sua usuário/a pode superestimar na relação (de poder) estabelecida entre este/a, o/a profissional - e seu saber tecnológico -, e a pessoa a receber o cuidado/ serviço em saúde - com suas demandas subjetivamente objetivas em seus corpos (FEUERWERKER, 2014).

Do *portfólio de campo*, uma tentativa de transvaloração. Menos pelo possível ineditismo da expressão e mais pela desterritorialização que intentamos ao propor tal denominação. Uma produção gráfica sem formato-organização a

priori, que se fizesse território de acordo com os fluxos e intensidades dos encontros, recheada de registros imagéticos e até mesmo audiovisuais.

Hoje, visualizo um tanto de superestima acerca do *que pode uma pesquisa* de mestrado (fazendo referência à provocação amistosa de Spinoza sobre potências), contextualizado na realidade desta autora. E, mais do que isso, alimentadas pelo episódio da brincadeira do *Designer Aposentado ao Tarólogo Confidente* e com alguns outros relatos alheios da *Malucada*, foi possível visualizar uma captura-registro desrespeitosa e invasiva às artes do/as participadore/as da pesquisa, numa forma de re-produção de suas criações.

Participadore/as este/as que nos colocam frente à defesa da singularidade e ao exercício de democratização nas relações de poderes. Assim, questiono a necessidade de termos de autorização/ anuência para a realização de pesquisas que, como esta, trata de seres humanos e têm como ética e política a produção de bons encontros. Não se trata de ensaio clínico ou outros experimentos de testes ou comparações.

Com isso, questiono tais termos como parte dos dispositivos para a manutenção de estruturas nas relações de poder, em especial no diz respeito ao Estado - sob as mais diversas máscaras que podem se justificar desde o cuidado e responsabilidade para com a população (seja qual for o nível de gestão da pretensa pesquisa) a uma *pré-ocupação* referente a possíveis exigências de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

A qual(is) perspectiva(s) de ética nos submetemos? Sabemos que a ética da qual se ocupam Comitês de Ética em Pesquisa têm origem devido a pesquisas experimentais (FERREIRA, 2014). Assim, quando submetidas à ética de um CEP, nos é necessário que o/as participantes da pesquisa assinem papéis que dizem de seu consentimento à pesquisa e autorização do uso de sua imagem.

No caso do/as *Apanhadore/as de sonhos*, ele/as assinaram os papéis, não sendo nenhum no primeiro encontro. A partir da resistência ou da indiferença de alguns/algumas com o documento, optei por esperar alguma vinculação para tais solicitações. Seissinto que o fizeram muito mais para me acolher

nessa necessidade científica do que por concordarem com o que estava escrito ou julgarem necessário tal consentimento. Ele/as estão aí no mundo, para quem quiser ver e conhecer, com suas singularidades expostas...

Ainda que as palavras impressas (assim como o ato hegemônico de pesquisar) pudessem não ter grandes valores ao/às *Apanhadore/as de sonhos*, o consentimento se deu em ato, ao sentirmos junto/as os fluxos e afetos. Os cuidados e garantias escritos nos TCLE eram afirmados pelo corpo, eram *consentidos*.

Os questionamentos e reflexões que suscito, cara Dirce, intentam ampliar perspectivas sobre o mundo. O fato de estarmos inscritas neste universo acadêmico-científico nos impele a submissão a determinadas lógicas, porém, como nos direcionam Spinoza, Nietzsche e seus/suas sucessore/as, é por meio do conhecimento sobre as forças que produzem em nós paixões tristes ou alegres é que poderemos alcançar nossa liberdade e, com isso, brincar com os valores do modo que escolhermos.

E, ao afirmar a potência e a vida que um *curriculum mortis* traz e oferta, relembro o “não” que recebi ao convite afetivo e entusiasmado para a participação do *Apanhador de sonhos Pai de Família* no exame de qualificação do projeto de pesquisa. Fica-me a pergunta pichada nos muros da cidade: “Para que(m) serve o nosso conhecimento?”

Se justificamos que é para contribuir na construção de um mundo mais igualitário, equitativo, democrático, entre outros valores da Saúde Coletiva, o desafio aqui é fazer este conhecimento operar para além das palavras aqui escritas e difundidas em meios acadêmico-científicos. Convenhamos, Dirce, bem sabemos do limite de seus-nossos alcances.

Chegamos a conversar, orientador e eu, sobre a possibilidade de sua apresentação em praça pública. Mais específica-e-obviamente, na Praça Costa Pereira! Tal proposição, ponderada, compõe este *curriculum mortis*... Quem sabe em outros tempos-lugares universitários... Plantemos, aqui, esta semente, cara Dirce.

Rodrigo Gelamo (2008) compartilha conosco esses pensamentos, sobre as tantas mortes necessárias ao se esquadriñar e operacionalizar uma pesquisa:

É largamente sabido que, para se pesquisar, é necessário fazer recortes. Recortar a realidade e problematizá-la para poder entender quais são os problemas que podem ser tirados dessa realidade para se ter um tema de pesquisa, um campo de pesquisa para se olhar e, assim, pensar. [...]

Muitas vezes, os recortes funcionam de modo tal a servir como 'lentes' para se olhar a realidade. Funcionam como imagens que se usa como um decalque aplicável à realidade para que, assim, o campo de pesquisa se torne visível. Dito de outro modo, buscam-se na literatura os campos de pesquisa, os modos de recortar e, a partir das leituras, cria-se uma imagem daquilo que se deve enxergar na realidade. Juntamente com essa imagem criada, são trazidos os conceitos que nomearão aquilo que a imagem decalcada tornará possível de se enxergar.

Tal modo de olhar apresenta problemas, isso porque se se aplicar uma imagem ou conceitos já estabelecidos anteriormente à realidade, não se poderá ter acesso à imanência, uma vez que a imagem e os conceitos não apenas estão, mas também foram produzidos fora da imanência. Pensado assim, ter-se-ia duas dimensões: uma é o lugar onde o olhar focaliza aquilo que se quer enxergar; e a outra, o modo de olhar que determina o foco. Desse modo, se já houver de antemão o modo de olhar a realidade, esta teria de se adequar ao modo de se olhar.

A contribuição de Deleuze e Guattari está no modo diferenciado de fazer esse recorte e, o mais importante, na concepção mesma daquilo que se recorta (GELAMO, 2008, p.131).

E o que recartografamos aqui, portanto, foram as produções possíveis nos encontros com *o/as Apanhadore/as de sonhos*.

Com carinho e desejos de *transform-ações*,

Irina

Produção do cuidado (em saúde?)

Vitória, início em 24 de novembro de 2016.

Cara Dirce,

“Se procurar bem, você acaba encontrando – não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida” - presenteia-nos Carlos Drummond de Andrade com suas palavras.

Às vezes, penso que poderia relatar os encontros de modo mais “relatório de pesquisa” e menos passional. Mas isso, além de ir contra o que estou defendendo aqui (e, aqui sim, cabe a expressão defesa, em defesa de uma ciência menos asséptica e mais orgânica e ordinária, atravessada pelas pessoas às quais afirmamos estarmos produzindo conhecimentos em prol delas), possivelmente não daria conta de afetar os corpos leitores de uma forma que os façam experimentar um pouco daquilo que relatamos, não acha, cara Dirce?

Se, como diz Jorge Bondiá (2002), para se constituir experiências é preciso dar-nos tempos, essa escrita mais detalhada e afetiva tem a intenção de proporcionar este tempo. De suspender uma realidade corrida do dia-a-dia que nos pede para enquadrarmos nossas ideias/ pensamentos/ conhecimentos em textos de dez páginas ou vinte e cinco mil e seiscentos e trinta e dois caracteres.

É um convite à descronologização do tempo fagocitador. Alguns *Apanhadores de sonhos*, por exemplo, o *Pai de Lola* e o *Designer Aposentado*, foram chegando aos poucos para a relação, num respeito ao movimento de construção de vínculo que, perceptível, ia além de trocas mercantis. Eu estava

sempre lá, em conversas, e eles também, além de conhecerem todo/as que lá se encontravam. E optaram por deixar a relação com outro/as irem acontecendo para depois virem interagir.

Outro exercício de descronologização do tempo foi a escuta. Se cartografias enquanto método científico são enquadradas como pesquisas-intervenções, a intervenção foi a escuta proporcionada às histórias e saberes da *Malucada*. Penso fortemente do momento em que conheci a *Encantadora de Malucos*, o quanto ela dizia que estava precisando de alguém para poder compartilhar seus pensamentos. Nela, com um ciclo social tão nômade quanto seus modos de vida, há uma solidão a qual pode não ser produtiva em sua totalidade.

Acompanhar *o/as Apanhadore/as de sonhos* me fez acessar tempos *Aión*, *Kairós* e *Chrónos*. Acompanhá-lo/as e ouvir seus relatos de que confiavam a cura de suas questões fisiológicas ao tempo de regeneração de seus corpos, bem como passar por tantas manhãs num tempo suficiente para dar-lhes apenas um “oi”, me fez pensar que tempo é esse ao qual nos submetemos. Sob qual ética de vida produzimos as nossas vidas, cara Dirce?

Então, se questiono se a produção do cuidado é em saúde, é porque me encontro com os pensamentos suscitados por Foucault (2004), ao retomar o cuidado de si. O exercício de olhar para si mesmo/a - e isso requer tempo! - para saber o que se quer/ espera de um encontro-atendimento com um/a profissional de saúde. É, com isso, pensar uma perspectiva libertária de saúde onde compreendemos o poder e a potência da produção do cuidado em saúde em cada pessoa consigo mesma.

Quando tomamos a ótica de Laura Feuerweker (2014), da produção do cuidado enquanto o objeto da atuação na saúde, entendemos que o trabalho em saúde ocorre em ato, no encontro entre a pessoa com suas necessidades em saúde e o/a profissional de saúde, ambo/as com seus saberes, subjetividades e subjetivações. Nós, enquanto profissionais de saúde devemos nos colocar como meio, instrumento para que as pessoas possam alcançar o estado de saúde que desejam para si.

E aí, quando nos circunscrevemos na Saúde Coletiva e compreendemos uma área de atuação que é comum a todo/as o/as profissionais na saúde - aquilo que Gastão Wagner Campos (1991) denominou de campo -, nos vemos diante do exercício de nos fazermos poroso/as diante da singularidade que cada pessoa à qual atendemos nos requisita. E o/as *Maluco/as*, no fim das contas, nos impelem a isso. Ele/as são o que Deleuze e Guattari (2015) denominam de *devir...* sempre estão em vias de... são movimentos. Explícitos.

Em composição, é ato criativo também da Saúde Coletiva o que chamamos de Educação Permanente em Saúde, por meio da qual compreendemos que o trabalho em saúde implica num cuidado também ao/à trabalhador/a da saúde. Por isso apostamos num diálogo onde ocupamos lugares de horizontalidade nas relações: nosso cuidado de si/ mim não se difere do cuidado que podemos produzir com o/a outro/a, a partir da ótica do CMI.

A questão que se apresenta: como é possível a produção de cuidado, a partir da prática profissional em saúde inserida num contexto que dificulta a produção do cuidado de si de quem a executa?

Não pretendendo ser simplista e nem totalitarista, cara Dirce, aponto reflexões de âmbito individual e coletivo. No individual, a produção do cuidado de si de cada um/a e, por não desejar apontamentos prescritivos e/ou moralistas como “só depende de você mesmo/a reservar um tempo para si e produzir resistência” em meio a este mundo de excessos e faltas que Jorge Bondía (2002) nos coloca⁶. Na busca de um equilíbrio, o âmbito coletivo, refere-se à compreensão e leitura de mundo no qual este encontra-se inscrito e práticas políticas, econômicas e sociais que, estrategicamente recheado de excessos e faltas, favorecem o individualismo.

Por isso, estamos fundamentadas na esquizonanálise, por meio da qual compreendemos o(s) corpo(s) e a(s) vida(s) e transbordamento. E este se difere dos excessos. Compreendemos o corpo em sua completude, sem faltas

⁶ Bondía (2002), atravessado por Walter Benjamin, “já observava[m] a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDÍA, 2002. p.21).” O autor pontua os excessos – de informação, de opinião e de trabalho –, e a falta – de tempo – como vetores para esta pobreza contemporânea.

ou carências a serem supridas pelo “tenho que” da vida contemporânea e que geram os excessos - de informação, necessidade de emitir opinião que, em sua maioria, apresenta-se limitada a concordar ou discordar do fato em questão (BONDÍA, 2002). Numa perspectiva de transbordamento, tais concepções são desnecessárias, não colam em nós.

Desejamos, isso sim, ser mais: mais agenciamentos, mais bons encontros... E isso só é possível se nos abirmos ao/a outro/a. Ora, isso já não coletiviza a perspectiva?

Quanto a uma especificidade da Política para o/as *Maluco/as*, portanto, eu defendo que ele/as já se encontram respaldado/as pelas Políticas Nacionais que reiteram a Atenção Integral à Saúde da Mulher, do Homem, dos Trabalhadores e das Trabalhadoras, entre outras tantas... Penso que o que precisamos é fazê-las valer, operacionaliza-las e, para isso, há que termos/ produzirmos corpos abertos aos encontros com esta (e toda e qualquer outra) população, corpos dispostos e disponíveis a se desterritorializarem para, assim, habitarmos um território existencial comum com ele/as (ROLNIK, 2014; ESCÓSSIA, 2009). Isso é cartografia (quando transborda o método)!

Afirmamos aqui a(s) singularidade(s). Não é preciso uma Política para esta população senão a concretização de cuidados que valorizem o que cada ser humano ao qual nós, profissionais da saúde, prestamos o cuidado. Uma produção de cuidado que se faça sensível ao/a outro/a, independente de seu pertencimento (institucional ou setorial) à saúde; uma ecosofia de bem querer entre relações sociais, subjetividades e meio ambiente.

Com carinho pela *Malucada*,

Irina

Desnaturalização da saúde prescritiva

Vitória, início em 05 de outubro de 2016.

Cara Dirce,

A partir disso que vimos construindo sobre uma saúde na qual cada pessoa seja a personagem principal da sua produção do cuidado, venho refletindo também sobre o que produzimos e o que reproduzimos enquanto saúde.

Tomemos como analisador a ideia de promoção da saúde, conceito atualmente pautado na saúde. Segundo Juliana L. Sícoli e Paulo Roberto do Nascimento (2003, p.102):

Intimamente relacionada à vigilância à saúde e a um movimento de crítica à medicalização do setor, a promoção de saúde supõe uma concepção que não restrinja a saúde à ausência de doença, mas que seja capaz de atuar sobre seus determinantes. Incidindo sobre as condições de vida da população, extrapola a prestação de serviços clínico-assistenciais, supondo ações intersetoriais que envolvam a educação, o saneamento básico, a habitação, a renda, o trabalho, a alimentação, o meio ambiente, o acesso a bens e serviços essenciais, o lazer, entre outros determinantes sociais da saúde.

A/os autora/es relatam que tal concepção se difere da assumida pelo historicamente conhecido Informe Lalonde, de 1974, a partir do qual, as práticas de promoção da saúde tiveram um enfoque restrito à mudança de hábitos e comportamentos individuais “não saudáveis” como obesidade e uso abusivo de substâncias psicoativas (SÍCOLI; NASCIMENTO, 2003).

A nível ministerial, tal conceito é institucionalizado e suas práticas coordenadas/ acompanhadas, no Brasil, pela Coordenação Geral de Agravos e Doenças Não Transmissíveis, da Secretaria de Vigilância em Saúde, em conjunto com o Departamento de Atenção Básica. Os nomes primeiros já traduzem uma perspectiva da saúde enquanto ausência de doenças e de controle de práticas para se “alcançar a saúde”; e o último, dá a dimensão da aproximação que vem sendo construída processualmente nesta transição de modelos de atenção à saúde, ao corresponsabilizar a Atenção Primária na legislação do tema.

Ainda que no próprio documento em que apresentam a Política Nacional de Promoção da Saúde, esteja referido que

na perspectiva ampliada de saúde, como definida no âmbito do movimento da Reforma Sanitária brasileira, do SUS e das Cartas de Promoção da Saúde, os modos de viver não se referem apenas ao exercício da vontade e/ ou liberdade individual e comunitária. Ao contrário, os modos como sujeitos e coletividades elegem determinadas opções de viver como desejáveis, organizam suas escolhas e criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses pertencentes à ordem coletiva, uma vez que seu processo de construção se dá no contexto da própria vida. (BRASIL, 2010, p.10-1)

Estudos como o de Juliana Sícoli e Paulo Roberto do Nascimento (2003) e de Sonia M. Costa (2012) mostram a deficiência nas práticas de saúde que sejam coerentes com tal compreensão da promoção da saúde, tendo estas, em sua maior parte, atuações prescritivas do/as profissionais de saúde que elas executam.

Com isso, o que eu quero pontuar, cara Dirce, é que, entrincheirados no setor saúde, nós, que exercemos nosso ofício na área (seja na prática ou na produção de conhecimento que pode embasá-la), por vezes carregamos sobre nossos ombros o fardo de ter que ser responsável pela garantia dos diversos determinantes sociais da saúde (leia-se elementos da vida). Ora, não é a vida muito mais ampla, abrangente e complexa que a saúde?

Concordo que estejam intimamente relacionadas e que haja um processo, discurso, esforço e avanços na construção de intersectorialidades, onde diversos setores da vida, institucionalizados pelo Estado, devem elaborar e executar ações articulada e integradamente para resultados mais efetivos, não raro nos deparamos, cada qual em suas-nossas trincheiras, querendo dar conta daquilo que é conjunto.

Espero não estar sendo interpretada de modo a desresponsabilizar o Estado na produção do cuidado à população. Pelo contrário! Estamos partindo de um histórico de avanços e conquistas no que se refere à institucionalização de direitos da população e deveres do Estado que, ainda distantes de proporcionar uma igualdade social e sendo constantemente ameaçados de perdas (algumas delas já concretizadas), não raro também reproduz e se coloca num papel paternalista, no sentido de ser aquele que controla e dirige a vida de sua prole.

A compreensão aqui se pauta no fato de que toda e qualquer legislação é operacionalizada por pessoas e, para tal, nós contamos com nossas subjetividades. E são estas a quem eu desejo acessar e poder dialogar em formas potentes de se pensar e produzir um cuidado individual e coletivo. E *o/as Apanhadore/as de sonhos* nos ajudam nesse acesso.

Quando pensamos em seu nomadismo enquanto uma vida que dá vazão aos fluxos, desejos, encontros e agenciamentos, provoco aqui a pensarmos sobre uma saúde prescritiva, tal qual se operacionaliza em grande parte das práticas denominadas de promoção da saúde. Soa em mau tom afirmar o sedentarismo da vida... afinal, uma das bases da promoção da saúde é a atividade física regular.

No entanto, se o colocarmos sob a ótica da esquizoanálise, onde as coisas se mantêm em respectivos lugares pré-determinados, em uma ordem outrora imposta e que segue, sem espaço para agenciamentos e fluxos, podemos compreender alguns dos atravessamentos que impedem uma promoção da saúde que considere “os modos como sujeitos e coletividades elegem determinadas opções de viver como desejáveis, organizam suas escolhas e

criam novas possibilidades para satisfazer suas necessidades, desejos e interesses” (BRASIL, 2010, p.10-1).

Fatos que relatei nas cartas anteriores, que versam sobre nossos encontros - eu e o/as *Apanhadore/as de sonhos* -, mostram possibilidades de vidas saudáveis que não seguem, necessariamente, prescrições como a higienização das mãos antes de comer, comer “adequadamente” de tempos em tempos, realização de atividades físicas regularmente, não consumo diário de substâncias psicoativas...

Ele/as são a afirmação de modos de vida onde o tempo opera de acordo com o fluxo de seus desejos e necessidades, e as relações se dão na singularidade dos encontros, já que estes podem, pelo nomadismo da vida, não mais serem proporcionados. Assim, é sobre as ações individuais, no controle dos corpos da população, que devemos investir e focar as ações para a promoção da saúde? Já não o fazem, com acúmulo histórico que têm (pelo bem e pelo mal que isso pode produzir), as ações pautadas pelo modelo biomédico de lógica hospitalocêntrica?

Retomo, então, às ideias de Jorge Bondía (2002), que nos provoca a perceber o quão submetidos estamos às necessidades não tão necessárias que nos tomam o tempo de nos perceber e, com isso, percebermos ao próximo...

Acreditando na potência das ideias,

Irina

Naturalização da morte

São Paulo, início em 01 de janeiro de 2017.

Querida Dirce,

Neste final de ano, vieram fortes as lembranças e afecções da morte de meu pai. Vejo o esboço dos agradecimentos rizomáticos, com início em maio de 2015, e penso o quão inimaginável era esta realidade: sem ele fisicamente presente.

Hoje, lembro com carinho e compreensão - e gratidão! -, as incontáveis broncas que ele me dava por eu ter 25 anos e “ainda” não ter um mestrado. Era daquelas conversas que não cabiam minhas justificativas ou perspectivas, apenas a verdade dele - que, egoistamente ou por simples impotência em se (permitir) dialogar -, não tinham espaço para trocas. (Acho que vem daí, também, o meu desejo à resistência a essas verdades únicas e absolutas que aqui intentamos produzir, querida Dirce!)

Eu dizia que, almejando à docência em universidades públicas, fazia questão de viver o cotidiano do trabalho para ter experiências e marcas em meu corpo que sustentassem, fundamentassem e sedimentassem meus pensamentos, posturas, pesquisas e conteúdos a “ensinar”. Era a mesma coisa que falar com as paredes! Somente Eduardo Galeano (2012) me entendia... E me confortava contando das *bodas entre a palavra e o ato*.

Mas hoje, eu o entendo. Nesta vida desenfreada e por vezes com lógicas das quais discordo, mas participo, se faz cada vez mais “necessário” um *curriculum vitae* recheado de certificados e certificações para se pensar em ter um lugar ao Sol no mundomercado de trabalho.

Enfim, ele se foi. E este processo que em termos técnicos podemos chamar de condições de saúde, adoecimento, óbito, etc, me fez repensar em alguns valores construídos e hegemônicos que reproduzimos em larga escala.

Creio que em composição com o pensarmos e desnaturalizarmos uma promoção à saúde prescritiva, que reproduz valores de apego à vida e jovialidade, podemos também suscitar um processo de naturalização da morte, à produção do cuidado permanente à vida e suas fases.

Galeano (2012) também me contou sobre aquele mundo que meus pensamentos insistem em visitar:

Foi na selva, na Amazônia equatoriana. Os índios shuar estavam chorando a avó moribunda. Choravam sentados, na margem de sua agonia. Uma pessoa, vinda de outros mundos, perguntou:
- *Por que choram na frente dela, se ela ainda está viva?*
E os que choravam responderam:
- *Para que ela saiba que gostamos muito dela.*
(p. 214, grifos do autor)

Na realidade, tem coisa que também é de cultura oriental. Japoneses que descendo, não nos é permitido fácil ou naturalmente expressões intensas de dor ou mesmo de alegria ou de alívio, sendo que estas têm como materialização o choro. Meu pai nos dizia para “aguentarmos firme”, para não chorarmos. Ele só não significava um choro oriundo de mortes e do acompanhamento do processo como uma mistura de sentimentos, sensações, pensamentos e lembranças que também ocupam lugar de amadurecimento e crescimento daquele/as que o choram.

Não intento aqui romantizar a questão, querida Dirce. Confio que, ao longo de todas essas cartas, você compreende que a intenção é outra: é a de contagiar corpos para produzirmos um cuidado - de si e de outros - em singularidade. É este o ponto, no fim das contas (início, talvez?), em que a Saúde, se denominando Coletiva, se fundamenta: a singularidade na produção do cuidado.

Penso o quanto devia explicitar este momento ou não... Acontece que, se estamos apresentando uma cartografia, onde o trabalho de campo não é reduzido aos acontecimentos no tempo em que dediquei maior intensidade e disponibilidade aos encontros com *o/as Apanhadores de sonhos*, considero importante dar lugar a este episódio que, sim, compôs a leitura analítica da saúde tal qual vimos produzindo-a após os avanços advindos da Reforma Sanitária. Estes, também, com seu mais alto grau de prescrição invisível ao olho-retina.

Alienamo-nos de nós mesmo/as, de nossos corpos que vivem *n*-um mundo sujo (no sentido de permeado de resíduos, materializações da - eterna e natural - decomposição de matérias orgânicas ou inorgânicas). Exigem-nos uma assepsia que intenta a transcendência da/ na vida.

Talvez seja por isso que, sujo/as de mundo, a *Malucada* nos produza tamanha afetação por todo/as nós que *o/as* vemos. Ele/as *con*-fiam em nós, numa dança artesanal de gestos, fios e ideias, linhas da vida.

Um *con*-fiar que Thiago Lima (2016) transvalora. Partindo de seu sentido enquanto “fé absoluta, total segurança em algo ou alguém, esperança” (p.1) que pode, também, nos paralisar frente à potência de nossos corpos. “Como se a gente quisesse que aquilo em que confiamos deixe de existir por si e passe a existir para nós” (p.1).

E, quando essa existência não ocorre, perdemos tal fé. Com isso, ele nos acalenta:

Nesse momento é preciso olhar para a ferida sem ser refém da dor. Conseguir encontrar onde o pedaço foi arrancado e apertar sem medo da sequela. [...] Assim podemos brincar com a palavra confiança e transforma-la num trabalho de com-fiar. Fiar junto com os elementos que nos envolvem. (LIMA, 2016, p.1)

Com isso, cara, querida e estimada Dirce, para finalizarmos, não seria coerente de minha parte ignorar o contexto sócio-político-econômico que estamos vivendo hoje (Vitória, 10 de fevereiro de 2017) no estado do Espírito Santo - onde se encontra esta universidade que nos acolhe para nossa operacionalização e concretização. Ainda é muito recente e vivo, ferida aberta jorrando sangue, para que possamos ou mesmo consigamos nomear este episódio.

Tem sido veiculado em mídias alinhadas ao *novo ídolo*, como Zaratustra denomina o Estado (NIETZSCHE, 2011), sob o nome de Caos ou Crise na Segurança Pública no Espírito Santo. Particularmente, me alinho ao/as que denominam por Democratização da Violência, tendo em vista que esta ocorre cotidiana e intensivamente em setores mais periféricos e abandonados por políticas públicas (estas sim mais necessárias que uma específica ao/as *Apanhadores de sonhos*).

Ressaltamos, por isso, que a naturalização da morte à qual nos referimos é a, em palavras de regionalidade nordestina brasileira, morte morrida, e não a morte matada. É um exercício-apelo-movimento de desterritorialização a fim de desnaturalizarmos as mortes que não foram/ estão sendo caracterizadas e/ ou contabilizadas neste momento e em tantos outros da história da humanidade para a preservação de instituições que servem ao poder-Estado. Isso comendo com a naturalização de mortes que se dão por condições orgânico-biológicas, a fim de produzirmos um cuidado longitudinal - ao longo de toda a vida, tenha esta qual duração de tempo cronológico tiver.

Enfim, o que este acontecimento influencia no que aqui nos cabe e diz respeito, é a nossa aposta em uma escrita implicada com o afeto e com a Potência da razão *spinozista*.

Não afirmamos, com isso, que escritas implicadas se restrinjam a escritas poéticas ou menos acadêmico-formatonormatizadas. Afirmamos, assim como falava Zaratustra, que “De tudo quanto se escreve, agrada-me apenas o que alguém escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que sangue é espírito. [...] Quem com sangue e em máximas escreve não quer ser

lido, mas guardado na memória” (NIETZSCHE, 2011, p.46). Mais do que o compromisso com certificados, cujos significados e/ ou funcionalidade ponderamos em uníssono com *o/as Apanhadores de sonhos* e Foucault (2006).

E foi, portanto, no turbilhão de sangue - ora frio pela imobilidade e inércia com movimentos cotidianos, quase automatizados do corpo impotente com medo *d-* e insegurança, ora fervendo pela *cons*-ciência de que a realidade vivida é fruto de desigualdades e desassistências (públicas e privadas/particulares), e ora pulsante com a afirmação de afetos revolucionários aliados à compreensão de um longo prazo necessário para a materialização de mudanças estruturais de sociedade a partir de ações concretas - que me encontro encerrando nossas cartas, querida Dirce.

Cartas de alguém que, ao me ver paralisada nesta escrita diante da aparente impotência (ou infertilidade) de produções de instituições universitário-acadêmicas, buscou razões para encerrar este ciclo para além do óbvio e normatizado certificado, e encontrou corpo, fortalecendo-me e ganhando potência quando:

Os afetos chegaram sob forma de palavras, mensagens eletrônicas ou telefonemas de pessoas geograficamente distantes ou inacessíveis devido a reclusão residencial à qual nos colocamos nesse episódio.

E, também, pelo exercício da produção de conhecimento que, em seu terceiro gênero - a Potência da razão -, resulta em liberdade (SPINOZA, 2011). Ao afirmarmos nosso lugar de privilégio na estrutura socioeconômica onde essa violência (e suas causas) que não nos é comum acontece diariamente no cotidiano de outrem.

Outrem este que pagam seus-nossos impostos, sustentando-nos a universidade e os serviços de saúde. Ambos públicos, ambos territórios possíveis de nossos exercícios profissionais. Outrem a quem devemos, por direito e respeito, nos comprometer em nossas ações produzidas, especial e eticamente, em nosso mundomercado de trabalho.

Ao julgar tal território como nos sendo/ podendo ser comum, percebo-me num exercício de análise da implicação deste trabalho (BARROS; BARROS, 2013), onde considero seu-nosso alcance consideravelmente restrito à comunidade acadêmica ou a um mundomercado de trabalho que dê lugar às reflexões apresentadas. Pertencendo, portanto, em maior ou menor grau, estruturas privilegiadas.

Com isso, ao *in*-tentarmos “fazer dos acontecimentos um caminho para o conhecimento (e transformação de si)” (LOURAU, 1993, p.85), podemos exercitar uma forma de nos distanciarmos dos diferentes grilhões institucionais que incluem tais estruturas privilegiadas e têm, por referência última, a manutenção do poder-Estado.

Em tempo, confesso-lhe que esta carta poderia ter seu conteúdo incorporado em outros lugares nas demais. Porém, leia-a como a um bônus, um compartilhar afetivo (quicá, excitante/ contagioso) que intui a afirmação dos desvios, linhas de fuga, possíveis de um “método” que acolhe os atravessamentos de um mundo “sujo”, também conhecido como vida.

Grata pelas trocas e construções,
despeço-me.

Ponto final.

Irina

**Ela é finita,
porque finita é a duração dos territórios
e a funcionalidade de suas cartografias.**

Suely Rolnik, 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Transdisciplinaridade e o Paradigma Pós-Disciplinar na Saúde. **Saúde e Sociedade**, v.14, n.3, 2005.

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 5ª ed. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari, 2012.

_____. **Psicoanálisis y esquizoanálisis** (un ensayo de comparación crítica). Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo, 2004.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de Barros. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** - Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1897.

BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchei; MORAES, Marcia (orgs). **Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1(3), p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/File/18027/16976>>. Acesso em: 27/11/2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos** (Resolução CNS nº 466/12). Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 21/07/2015.

_____. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, 2010.

_____. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional de Saúde**. Brasília, 1986.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **A Saúde Pública e a Defesa da Vida**. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

CHAUÍ, Marilena. A Filosofia como vocação para a liberdade. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, 2003.

COSTA, Márcio Luis; BERNARDES, Anita Guazzelli. Produção de saúde como afirmação de vida. **Saúde & Sociedade**, v.21, n.4, 2012.

COSTA, Sonia Maria. **Educação em Saúde na estratégia saúde da família: uma revisão de literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso. Araçuaí: Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Especialização em Atenção Básica e Saúde da Família, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze**, 1997b. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>>. Acesso em 08/01/2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs 1** – Capitalismo e esquizofrenia. 2ª ed., 1ª reimp. São Paulo: 34, 2014.

_____. **Mil Platôs 2** – Capitalismo e esquizofrenia. 2ª ed., 1ª reimp. São Paulo: 34, 2015.

_____. **Mil Platôs 3** – Capitalismo e esquizofrenia. 5ª ed. São Paulo: 34, 1996.

_____. **O que é filosofia?**. 2ª ed, 5ª reimp. São Paulo: 34, 2007.

ESCOSSIA, Liliana da. O coletivo como plano de criação na Saúde Pública. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v.13, supl.1, 2009.

FERIGATO, Sabrina Helena; CARVALHO, Sérgio Resende. Pesquisa Qualitativa, cartografia e saúde: conexões. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v.15, n.38, p.663-75, 2011.

FERRIOTI, Maria de Lourdes. Equipe multiprofissional, transdisciplinaridade e saúde: desafios do nosso tempo. **Vínculo – Revista do NESME**, v.2, n.6, 2009.

FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. **Micropolítica e saúde**: produção do cuidado, gestão e formação. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.17-27, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Ditos e Escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GELAMO, Rodrigo Peloso. A imanência como "lugar" do ensino de filosofia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.1, 2008.

GERMANY, Heloísa. **Portfólio como dispositivo de produção e avaliação pedagógica**. Texto utilizado em aula. Porto Alegre, 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus Editora, 1990.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** – Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KNAUTH, Daniela Riva; LEAL, Andréa Fachel. A expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva: usos e abusos da pesquisa qualitativa. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, n.18, v.50, 2014.

KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação**: o conceito devir-criança. 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>>. Acesso em: 08/01/2017.

Laboratório de Sociologia dos Processos de Associação (LaSPA). **A concepção de ação em Marx**. 2014. Disponível em: <<https://sociologiassociativa.wordpress.com/2014/09/08/a-concepcao-de-acao-em-marx/>>. Acesso em: 08/01/2017.

LAGE, Rafael. **Inventário cultural “malucxs de estrada”**. Publicado em 2012a. Disponível em: <<http://belezadamargem.com/2012/12/05/inventario-cultural-malucos-de-estrada/>>. Acesso em: 14/08/2015.

_____. **Malucos de Estrada II** – Cultura de BR (versão beta). Publicado em 2012b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FkNQzECKvF0>>. Acesso em 13/08/2015.

LIMA, Thiago de Sousa Freitas. **Por uma clínica dos poros: conhecimento e práticas em saúde a partir do exercício de um corpo sensível**. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2014.

_____. **Sutura**. Disponível em: <<https://thiagosousasite.wordpress.com/2016/05/02/sutura/>>. Acesso em: 24/02/2017.

LOURAU, René. Implicação e Sobreimplicação; Implicação Um Novo Paradigma?; Implicação-Transdução. In: ALTOÉ, Sonia. (org.). **René Lourau: Um Analista Institucional em Tempo Integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **René Lourau na UERJ 1993** – Análise Institucional e Práticas de Pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MASETTI, Morgana. **Soluções de palhaços** – transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MERHY, Emerson Elias; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: MANDARINO, A.C.S.; GOMBERG, E. (Orgs.). **Leituras de novas tecnologias e saúde**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p.29-74.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 14^a ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NIETZSCHE, Frederich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 2011.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde Coletiva: uma história recente de um passado remoto. In.: CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (org.). **Tratado da Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Ed. Hucitec/Ed. Fiocruz, 2006.

PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA-FILHO, Naomar de. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? **Rev. Saúde Pública**, v.4, n.32, 1998.

PASSOS, Eduardo. Apresentação. In.: ALMEIDA, Marcus Vinicius Machado de. **Corpo e Arte em Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2004.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

QUARENTEI, Mariângela Scaglione. Da leitura À ruptura do representacional. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v.2, n.2, 1998.

RIEUX, Bernardo. **Felix Guattari**: Os oito "princípios" da esquizoanálise. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/77-felix-guattari-os-oito-principios-da-esquizoanalise>>. Acesso em: 27/11/2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2014.

_____. **Ninguém é deleuziano**. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>>. Acesso em: 24/02/2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009.

SÍCOLI, Juliana Lordello; NASCIMENTO, Paulo Roberto do. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, n.12, v.7, 2003.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TEIXEIRA, Carmem Fontes; PAIM, Jairnilson Silva; VILASBOAS, Ana Luiza. SUS, modelos assistenciais e vigilância da saúde. **Informativo Epidemiológico do SUS**, Brasília, v.7, n.2, 1998.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. **Alegar**, n.4, 2007.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/A sr/a. _____ foi convidado/a a participar da pesquisa ora intitulada “SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde”, sob a responsabilidade de Irina Natsumi Hiraoka Moriyama.

JUSTIFICATIVA: Artesãos e artesãs nômades (itinerantes) apresentam modos de vida que produzem resistências à estrutura da sociedade e da economia atual e, na área da saúde, há pouco conhecimento que possa oferecer suporte a serviços voltados aos valores referentes à produção de saúde dos/as senhores/as. Sendo esta pesquisa, portanto, uma possibilidade de interagir com as suas realidades, produzindo um cuidado em saúde de acordo com o que esperam ou gostariam.

OBJETIVOS DA PESQUISA: Descrever o movimento de artesãos/as nômades e seus modos de vida, enquanto resistência ao Capitalismo Mundial Integrado; investigar o processo de trabalho adotado por este grupo e sua relação com a produção de saúde; e conhecer seus modos de cuidar de si. Ou seja, a pesquisa buscará conhecer a visão de mundo dos/as senhores/as, o jeito de viverem, numa sociedade tão preocupada com o consumismo, de trabalharem e de resolverem seus problemas de saúde.

PROCEDIMENTOS: Será realizada uma entrevista com o/a senhor/a, sozinho ou em grupo, com registro por meio de foto, vídeo e/ou áudio.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: O encontro para a entrevista será em um local de uso público de Vitória-ES que for de sua preferência, e terá uma duração máxima de 1h.

RISCOS E DESCONFORTOS: Por se tratar de uma entrevista, caso não se sinta à vontade para relatar fatos ou acontecimentos que tragam algum tipo de incômodo, você tem o direito de não falar sobre ou finalizá-la, sendo acolhido no momento, de acordo com sua vontade.

BENEFÍCIOS: A partir destas entrevistas, o estudo será realizado e divulgado, no intuito dar suporte para que os/as profissionais de saúde possam pensar quem é o/a artesão/ã nômade e quais são suas necessidades de atenção à saúde.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Em se tratando de entrevista, isto é, uma conversa entre duas pessoas, não envolve procedimentos clínicos ou invasivos, não havendo riscos diretos de consequências indesejadas para a sua saúde. Desta forma, a oferta de acompanhamento e assistência é o encaminhamento para atendimento em Unidades de Saúde ou equipe de Consultório na Rua, caso seja necessário do uso de um destes serviços.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: O/A sr/a. não é obrigado/a a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, não será mais contatado/a pela pesquisadora.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: A pesquisadora se compromete a proteger sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a divulgação/publicação dos resultados.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: A pesquisa não envolve gastos por parte dos participantes, não havendo, portanto, necessidade de ressarcimento financeiro.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, pode contatar a pesquisadora responsável Irina Natsumi Hiraoka Moriyama no telefone (27) 999911989, ou endereço Rua Sete de Setembro, 222 apto 103, Centro, Vitória – ES, CEP 29015-000, ou e-mail irina.moriyama@gmail.com. Pode também contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/CCS/UFES) através do telefone (27) 3335- 7211, e-mail cep.ufes@hotmail.com ou correio: Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Prédio Administrativo do CCS, Av. Marechal Campos, 1468, Maruípe, CEP 29.040-090, Vitória - ES, Brasil. O CEP/CCS/UFES tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais. Seu horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 8h às 14h.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que aceito participar voluntariamente deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor e valor, assinada pela pesquisadora e rubricada em todas as páginas.

_____, ____/____/2016.

Participante da pesquisa

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa ora intitulada “SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde”, eu, Irina Natsumi Hiraoka Moriyama, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Irina Natsumi Hiraoka Moriyama
Pesquisadora responsável

APÊNDICE II - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade nº _____, **AUTORIZO** o uso de minha imagem em materiais oriundos deste projeto de pesquisa como fotos, documentos e outros meios de comunicação para fins de divulgação e apresentação da dissertação de mestrado ora intitulada “SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde”, realizada pela mestrandia Irina Natsumi Hiraoka Moriyama, sob orientação do professor Drº Túlio Alberto Martins de Figueiredo, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

Após a leitura do termo, eu concordo que as minhas imagens sejam usadas para o propósito acima descrito.

Eu entendo que sou livre de aceitar ou recusar a divulgação das minhas imagens.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de autorização.

Eu tive oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas.

Eu recebi uma cópia assinada e datada deste documento de autorização.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto minha autorização para divulgação das minhas imagens nesta pesquisa.

Participante da pesquisa

Pesquisadora: Irina N. H. Moriyama

Orientador: Túlio A. M. de Figueiredo

Local para coleta
de impressão digital,
caso o participante

Vitória, ____ de _____ de 2016.

Telefones para contato:

Irina Natsumi Hiraoka Moriyama: (27) 99991-1989

Tulio Alberto Martins de Figueiredo: (27) 99891-7601 / 3227-9364

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde UFES: (27) 3335-7211

ANEXO I - ANUÊNCIA CCS**UFES****Centro de
Ciências da Saúde****DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA**

Declaro que conheço o projeto de pesquisa intitulado "SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde", de autoria de Irina Natsumi Hiraoka Moriyama, estudante do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo – nível mestrado, matrícula nº 2015130897, sob orientação do Prof. Dr. Túlio Alberto Martins de Figueiredo, e que a mesma cumprirá os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos.

Declaro, ainda, estar ciente da realização da pesquisa acima intitulada no município de Vitória-ES e que esta instituição – Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo – confere anuência para o desenvolvimento deste projeto e, portanto, autorizo sua execução.

Vitória/ES, 18 de dezembro de 2015


Prof.ª Dr.ª **Gláucia Rodrigues de Abreu**
Diretora do Centro de Ciências da Saúde

Prof.ª Dr.ª Gláucia Rodrigues de Abreu
Diretora do Centro de Ciências da Saúde

Av. Marechal Campos 1468, Maruípe – CEP 29.040-090 - Vitória-ES
Telefones: 3335-7201 – 3335-7200 – Fax: 3335-7270
ccs@ufes.br

ANEXO II - AUTORIZAÇÃO CEP/CCS-UFES

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE/UFES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde

Pesquisador: Irina Natsumi Hirooka Moriyama

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 62760215.3.0000.5060

Instituição Proponente: Centro de Ciências da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.512.518

Apresentação do Projeto:

O projeto **SOBRE OS APANHADORES DE SONHOS: artesãos nômades, seus modos de vida e implicações em sua saúde**, segundo o pesquisador responsável, "tratar-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e de inspiração cartográfica e esquizoanalítica, que tem como objetivo descrever o movimento de artesãos e artesãs nômades e seus modos de vida, enquanto forma de resistência ao Capitalismo Mundial Integrado (CMI). O estudo se desenvolverá no encontro com os sujeitos da pesquisa (artesãos e artesãs nômades) em espaços públicos do município de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e terá como ponto de partida encontros com 07 (sete) sujeitos que concordem em fazer parte da pesquisa, coletiva ou individualmente. No trabalho de campo, a produção de material será realizada a partir de entrevistas, observação, registros audiovisuais (fotografia, vídeo e/ou áudio) e diário de campo."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador:

Objetivo Geral: "Descrever o movimento de artesãos e artesãs nômades, enquanto forma de resistência ao Capitalismo Mundial Integrado, seus modos de vida e implicações em sua saúde".

Objetivos Específicos:

- Conhecer, a partir do protagonismo desse grupo, sua cosmovisão, práticas, estilos de vida,

Endereço: Av. Marechal Campos 1499

Bairro: GJI

UF: ES Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3326-7211

CEP: 29.040-091

E-mail: cep@ccs.ufes.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE/UFES**



Continuação do Parecer: 1.512.516

fazeres e saberes que conferem as matizes características desta expressão cultural.

- Investigar o processo de trabalho adotado por este grupo e sua relação com a produção de saúde.
- Conhecer, a partir do protagonismo desse grupo, seus modos de produzir o cuidar de si."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão de acordo com a Res. CNS N° 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Esta é a 2ª versão do projeto, enviado ao CEP para análise e parecer.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: apresentada e adequada

Projeto detalhado: apresentado

Apresenta termo de autorização da imagem

Termo de anuência da instituição onde a pesquisa será realizada: apresentada e adequada

Cronograma: apresentado e adequado

Orçamento: apresentado e adequado

TCLE: apresentado e corrigido

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto, da forma como está apresentado, apresenta viabilidade ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_641038.pdf	18/03/2016 09:58:54		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Apanhadores_de_sonhos_corrigido.pdf	18/03/2016 09:58:39	Irina Natsumi Hiraoka Moriyama	Aceito

Endereço: Av. Marechal Campos 1468
 Bairro: Sítio CEP: 29104-091
 UF: ES Município: VITÓRIA
 Telefone: (27)3338-7211 E-mail: cep@ccs.ufes.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE/UFES**



Contribuição do Parecer: 1.512.516

Outros	Declaracao_de_Anuencia_Apanhadores_de_sonhos.pdf	28/12/2015 17:03:47	Irina Natsumi Hiraoka Moriyama	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Uso_de_Imagem_Apanhadores_de_sonhos.pdf	28/12/2015 16:58:14	Irina Natsumi Hiraoka Moriyama	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Apanhadores_de_sonhos.pdf	28/12/2015 16:57:09	Irina Natsumi Hiraoka Moriyama	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Apanhadores_de_sonhos.pdf	28/12/2015 16:56:22	Irina Natsumi Hiraoka Moriyama	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Neecessita Apreciação da CONEP:

Não

VITÓRIA, 25 de Abril de 2016

Assinado por:

Maria Helena Monteiro de Barros Miotto
(Coordenador)

Endereço: Av. Marechal Campos 1466

Bairro: S/N

CEP: 29.040-001

UF: ES

Município: VITÓRIA

Telefone: (27)3335-7211

E-mail: cwc@ccs.ufes.br